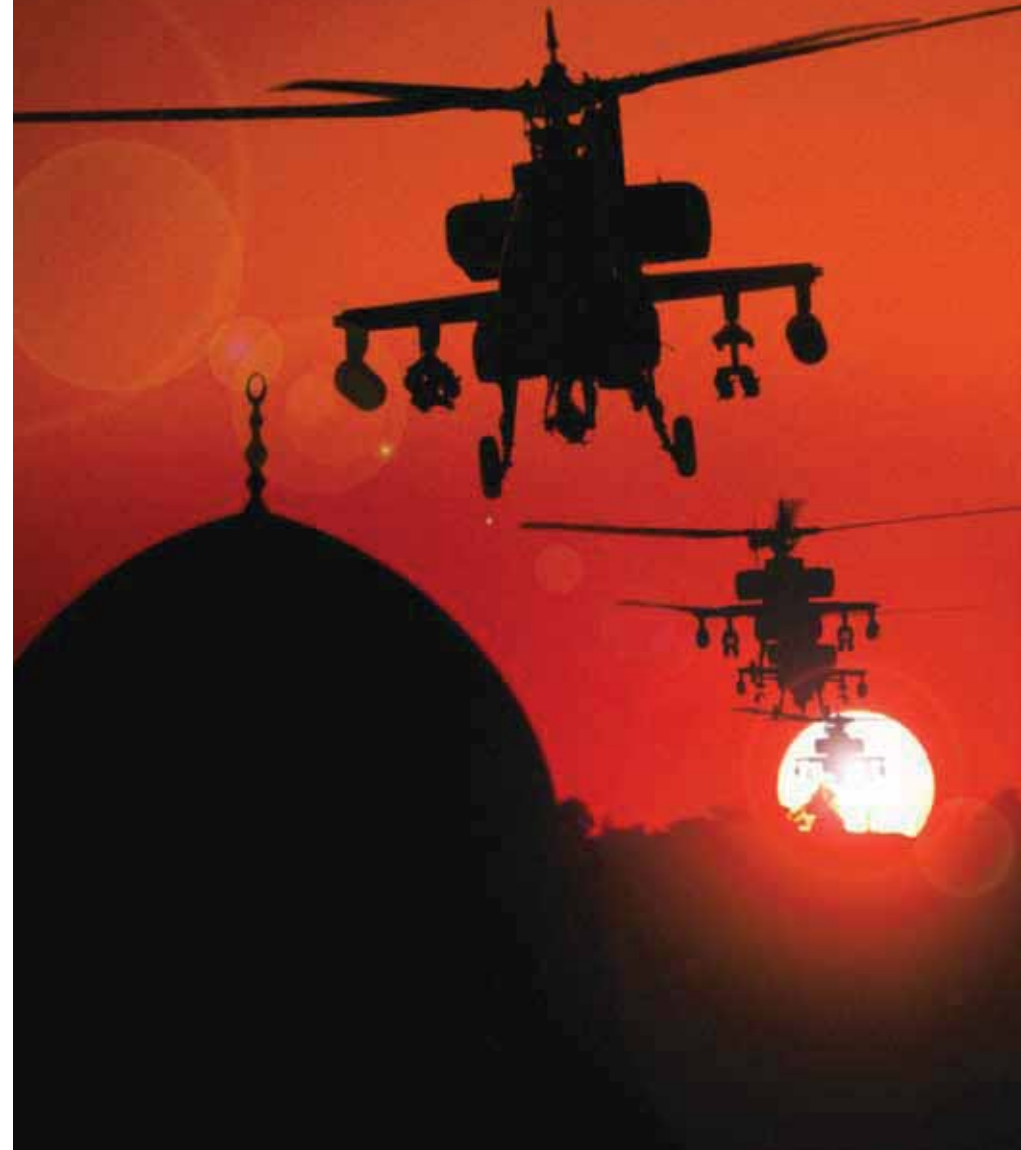


# O Oriente Médio na Profecia Bíblica



# O Oriente Médio na Profecia Bíblica

**ESTA PUBLICAÇÃO NÃO É PARA SER VENDIDA.**

É um serviço educacional de interesse público, publicada pela Igreja de Deus Unida, *uma Associação Internacional*.

© 2011, Igreja de Deus Unida, uma Associação Internacional

Todos os direitos reservados. Impresso nos E. U. A.

As Escrituras aqui citadas, salvo referido em contrário, são extraídas da versão da Bíblia Portuguesa por João Ferreira de Almeida, Revista e Corrigida (ARC), SBB 1998.

# Índice

- 3 Introdução: Mundos em Turbulência**
- 6 Oriente Médio: Mundos em Colisão
- 8 Os Filhos de Abraão**
- 13 A Ascensão e Queda da Antiga Israel**
- 19 Os Quatro Impérios das Profecias de Daniel**
- 29 A Chegada do Islamismo**
- 38 Os Judeus: Da dispersão ao Moderno Estado de Israel
- 40 A Criação do atual Oriente Médio**
- 48 Uma Crescente Onda de Nacionalismo Árabe
- 51 O Ressurgimento do Fundamentalismo Islâmico**
- 59 O Ódio Crescente Após a Guerra do Golfo
- 62 Nem Sempre Inimigos
- 63 “Por Que as Pessoas Nos Odeiam Tanto?”
- 66 Guerra e Paz no Oriente Médio**
- 80 O Que é a “Abominação Desoladora”?
- 86 A Profecia de uma Confederação Árabe
- 87 O Que Você Deve Fazer?

## Versões Bíblicas

As escrituras citadas são extraídas da versão da Bíblia Portuguesa por João Ferreira de Almeida, Revista e Corrigida (ARC). Quando outra versão é usada, a versão bíblica é referenciada com as seguintes abreviações:

ARA – Almeida Revista e Atualizada  
 ACF – Almeida Corrigida Fiel  
 BLH – Bíblia na Linguagem de Hoje  
 NVI – Nova Versão Internacional

# Introdução: Mundos em Turbulência

*Aprenda a história surpreendente do passado, presente e futuro do Oriente Médio exposta ao longo de milhares de anos na profecia bíblica.*

Onde você estava em 11 de setembro de 2001? Se você for como a maioria das pessoas, as horríveis imagens e as emoções daquele dia ficarão para sempre gravadas em sua mente. Quem pode esquecer a visão de um imenso avião chocando-se contra o World Trade Center, os homens e as mulheres acuados e mergulhando para a morte, o colapso das torres e a nuvem de concreto pulverizado e os detritos que cobriram Manhattan.

Os terríveis acontecimentos daquele dia mudaram o nosso mundo para sempre. Ao início de um novo século, anunciou uma nova era de terrorismo dirigido a cidadãos. A sensação de segurança do norte-americano—de que isso nunca poderia acontecer em suas terras—foi destruída para sempre. Outras nações rapidamente perceberam que catástrofes semelhantes poderiam ocorrer em suas cidades. Desde então, o terrorismo se tornou uma ameaça muito real para incontáveis milhões de pessoas ao redor do globo.



***Os terríveis ataques suicidas de 11 de setembro de 2001, mostraram que os eventos do Oriente Médio impactam o mundo inteiro.***

O horror daquele dia também fez o Oriente Médio saltar para as manchetes dos programas de notícias ao redor do mundo. De repente, o que estava acontecendo a milhares de quilômetros poderia afetar as pessoas, independente de onde vivessem. Uma região que, para muitos,

parecia irrelevante agora se tornou o foco da atenção e as nações em todo lugar despertaram para a realidade de como o Oriente Médio pode impactar a todos nós.

Rapidamente captamos a realidade de que os problemas que estão a milhares de quilômetros de distância pode ter maior impacto em nossa vida do que as decisões tomadas pelos nossos governos locais ou nacionais. A queda das Torres Gêmeas teve um efeito imediato sobre a economia norte-americana, muito maior do que qualquer decisão tomada na vizinha Wall Street, que teve perdas diretas estimadas em 100 bilhões de dólares e dois trilhões em perdas a curto prazo no mercado de ações.

### O Oriente Médio afeta todo mundo

Mas onze de setembro não foi o início do terrorismo, ou do fundamentalismo islâmico, ou do conflito no Oriente Médio. Como parte de uma continuidade histórica, esta foi simplesmente a data em que os problemas acumulados de milhares de anos finalmente chegaram à costa norte-americana.

Considerando o quanto o Oriente Médio agora domina o noticiário, é difícil acreditar que no início do século passado ele “era apenas uma preocupação periférica” para o mundo ocidental. “A região se tornou um

***A economia global é movida a petróleo, e a maior parte dele se encontra sob a areia dos desertos do Oriente Médio. O petróleo é o sangue vital e a riqueza das economias ocidentais, e uma fonte abundante e barata que é essencial para a contínua prosperidade do Ocidente.***

remanso político”, segundo o historiador David Fromkin, autor de *Uma Paz para Acabar com Toda Paz* (*A Peace to End All Peace*, 1989, pág. 24), um livro sobre o nascimento do moderno Oriente Médio. “Poucos europeus da geração de Churchill sabia ou se importavam com o que acontecia nos impérios debilitados do sultão otomano ou do xá da Pérsia”, observa este autor (pág. 25).

Um século mais tarde, no entanto, as nações ao redor do mundo são afetadas pelo que acontece nesta região instável. A economia global é movida a petróleo, e a maior parte dele se encontra sob a areia dos desertos do Oriente Médio. O petróleo é o sangue vital e a riqueza das economias ocidentais, e uma fonte abundante e barata que é essencial para a contínua prosperidade do Ocidente. Esta dependência do petróleo alterou fundamentalmente a relação das nações ocidentais com a região, transformando-a em uma parte estrategicamente vital do mundo.

Uma segunda mudança importante tem acontecido no Oriente Médio

nos últimos cem anos—a criação de muitos novos países, que tem complicado imensamente a política na região. O estabelecimento de um país em particular gerou um ciclo de violência e revolta aparentemente sem fim. No entanto, surpreendentemente, a Bíblia já havia profetizado a criação desta nação há milhares de anos, e previu o crescente conflito que se seguiria ao seu renascimento.

### Uma paz para acabar com toda paz

A Primeira Guerra Mundial foi muitas vezes chamada de “a guerra para acabar com todas as guerras”. No encerramento da conferência de paz após o pior conflito da história, Archibald Wavell, um oficial que serviu no exército britânico na Palestina e mais tarde foi promovido a marechal de campo, profeticamente, declarou: “Depois da ‘guerra para acabar com a guerra’, parece que eles foram bem sucedidos em Paris ao fazer uma ‘paz para acabar com a paz’” (Fromkin, pág. 5).

Antes da Primeira Guerra Mundial o Oriente Médio era dominado pelo Império Otomano, o império dos turcos, que governou sobre todas as terras cujos nomes são agora muito familiares para nós. Os atuais países como a Turquia, Líbano, Síria, Iraque, Kuwait, Jordânia, Israel e outros eram todos governados por um império decadente que outrora também controlava um vasto território ao norte da África e no sudeste da Europa. Dentro desse império diferentes povos viviam em relativa harmonia. Aproximadamente quarenta por cento do povo era turco e quarenta por cento árabes e o restante era uma mistura de diferentes grupos étnicos—mas principalmente armênios e judeus.

E poderia ter continuado assim se não fosse pela Primeira Guerra Mundial. No início da guerra, não estava claro qual lado o Império Otomano apoiaria. Ambos, britânicos e alemães, cortejavam os turcos. Finalmente, o sultão optou por apoiar o kaiser alemão, uma decisão fatal que levou ao nascimento de muitas nações—e novas guerras aparentemente sem fim. Uma das nações que, eventualmente, veio a existir foi o Estado judeu de Israel, o que complicaria a situação geopolítica na região e afetaria todas as nações da terra.

Porém, poucos percebem este fato crucial: Depois de mil e novecentos anos, a restauração de uma pátria judaica no Oriente Médio era necessária para cumprir as antigas profecias encontradas na Bíblia. Esta região, que tinha sido um “remanso político” com pouco ou nenhum interesse às potências ocidentais, está destinada a se tornar o centro da última crise global que dará início a eventos cataclísmicos que levarão a humanidade à beira da extinção—e finalmente mudará nosso mundo para sempre.

Nas páginas seguintes você vai aprender a história impressionante do passado, presente e futuro desta região crítica que foi traçada há milhares de anos atrás—a história do Oriente Médio na profecia bíblica.

## O Oriente Médio: Mundos em Colisão

**V**ocê precisa entender o que ainda está profetizado para acontecer no Oriente Médio.

Quer você perceba-os ou não, compreenda-os ou não, o fato é que esses eventos estão destinados a afetar a vida de cada pessoa na Terra.

Por que o Oriente Médio domina as manchetes com tanta frequência? Uma resposta óbvia é o petróleo, a força vital das economias modernas. Sem o óleo para as fábricas, para a calefação das casas, para o transporte e energia e para a matérias-prima de milhares de bens de consumo, as economias de muitas nações ficariam paralisadas. A importância crucial do petróleo por si só garante que o Oriente Médio continuará nas manchetes por muitos anos.

Mas há mais coisas que mantêm o Oriente Médio no noticiário. A região é o berço das três maiores religiões mono-teístas do mundo—Judaísmo, Cristianismo e Islamismo. Muitas vezes não tem sido apenas esse berço, mas também seu campo de batalha, com seus adeptos em guerra uns contra os outros tentando controlar esse território que eles consideram sagrado.

Em nenhum outro lugar esses conflitos são tão evidentes como

em Israel, e especificamente em Jerusalém. Se você nunca foi a Jerusalém, é difícil imaginar como a história, a religião e a cultura podem chocar-se e amontoar-se, literalmente. Em parte alguma isto é tão visível como no Monte do Templo, um ponto de conflito de muitos séculos.

Inicialmente esse local chamou atenção de Davi, rei de Israel, onde ele acabou comprando uma eira e construindo um altar, e ali pretendeu erguer o templo (1 Crônicas 21-22). O Monte do Templo é assim chamado porque é o local do templo construído pelo filho de Davi, Salomão (destruído pelos babilônios em 586 a.C.) e depois reconstruído por Zorobabel, posteriormente ampliado por Herodes, o Grande (e por fim, arrasado pelo general romano Tito em 70 d.C.).

Nesse lugar, Jesus de Nazaré adorou, ensinou e confrontou cambistas, escribas, fariseus e outras autoridades religiosas. Depois de Sua morte e ressurreição, o Cristianismo nasceu à sombra do templo. Seus seguidores continuaram a adorar e ensinar ali por várias décadas até que as legiões de Roma esmagaram uma rebelião judaica e desterraram a maioria da população que não

tinha sido assassinada. Depois disso, outra rebelião judaica, em 132-135 d.C., levou a um decreto romano que impedia qualquer judeu de pisar em Jerusalém, sob pena de morte.

Séculos mais tarde, em 638, os árabes muçulmanos tomaram a cidade. E em 691 os muçulmanos construíram o Domo da Rocha no mesmo

perdeu sua força na I Guerra Mundial e a cidade ficou sob administração britânica.

Em 1948, o moderno Estado de Israel nasceu, e na guerra de 1967 os israelenses tomaram o controle de toda a Jerusalém, embora tenham deixado o Monte do Templo sob a administração da autoridade islâmica.

***Quem vai escrever o próximo capítulo na história desta cidade conturbada? Acredite ou não, os capítulos finais já estão escritos—profetizados séculos atrás nas páginas da Bíblia.***

Monte do Templo, colocando-o no ponto onde os muçulmanos acreditam que Maomé ascendeu ao céu. Hoje os muçulmanos o consideram como o terceiro lugar mais sagrado do Islamismo—depois de Meca, onde Maomé nasceu, e Medina, onde ele encontrou refúgio e morreu.

Alguns séculos se passaram antes que os cruzados conquistassem Jerusalém, masacrando tanto muçulmanos quanto judeus e convertendo o Domo da Rocha em uma igreja. Porém, seu domínio sobre a cidade durou menos de um século até os muçulmanos a reconquistarem. Jerusalém mudou de mãos três vezes antes de os muçulmanos a dominarem, e eles mantiveram a cidade de 1244 até 1917, quando o Império Otomano

Hoje podemos assistir a muçulmanos rezando no Domo da Rocha, no topo do Monte do Templo, judeus rezando no Muro das Lamentações a poucos passos abaixo, e cristãos orando ao longo da Via Dolorosa e na Igreja do Santo Sepulcro a algumas centenas de metros ao norte e oeste. E ao redor podem ser vistos os escombros de séculos de conflito por este santo lugar.

Quem vai escrever o próximo capítulo na história desta cidade conturbada? Acredite ou não, os capítulos finais já estão escritos—profetizados séculos atrás nas páginas da Bíblia. E assustadoramente, eles se articulam muito bem para com as manchetes de hoje. Nas páginas seguintes entregaremos uma visão geral do passado e das futuras manchetes.

# Os Filhos de Abraão

*É impossível entender o presente Oriente Médio sem um conhecimento das três grandes religiões que se originaram dessa área—o Judaísmo, o Cristianismo e o Islamismo.*

Estas três religiões têm suas raízes espirituais originadas no mesmo indivíduo, Abraão. As imponentes figuras históricas por trás dessas três religiões—Moisés, Jesus Cristo e Maomé—foram descendentes diretos de Abraão.

Abraão, nascido na cidade mesopotâmica de Ur, era filho de Tera, um descendente de Sem, filho de Noé. Nascido há quase quatro mil anos, o impacto causado por Abraão no Oriente Médio persiste até hoje. Como um descendente de Sem, filho de Noé, Abraão e seus descendentes eram um



*Imagens numa fina caixa engastada escavada em Ur, no sul da Mesopotâmia retratam a vida cotidiana do tempo de Abraão.*

estando na Mesopotâmia, antes de habitar em Harã, e disse-lhe: Sai da tua terra e dentre a tua parentela e dirige-te à terra que eu te mostrar” (Atos 7:2-3).

Ambas, Ur e Harã, eram cidades da Mesopotâmia, referentes à área entre os rios Tigre e Eufrates. Harã era um ponto de parada normal para Abraão e Sara, que estavam prestes a serem enviados por Deus para uma nova terra, um ponto de inflexão importante na história da região.

Lemos sobre esta mudança em Gênesis 12:1-4, após a morte do pai de Abraão, Tera. Novamente, observe o seu inquestionável exemplo de obediência: “Ora, o SENHOR disse a Abrão [seu nome original, mais tarde expandido para Abraão]: Sai-te da tua terra, e da tua parentela, e da casa

povo semita. Em Gênesis 11 vemos que o bisneto de Sem, Éber (versículo 14-16) foi um ancestral direto de Abraão, e é a partir de Eber que surge o termo *hebreu*.

Chamado de “pai de todos os que crêem” (Romanos: 4:11), Abraão obedeceu à instrução de Deus para deixar sua terra natal, Ur, e mudar-se para Harã. Como Estêvão, o primeiro mártir devoto da era cristã, disse: “O Deus da glória apareceu a Abraão, nosso pai,

de teu pai, para a terra que eu te mostrarei. E far-te-ei uma grande nação, e abençoar-te-ei, e engrandecerei o teu nome, e tu serás uma bênção . . . Assim, partiu Abrão, como o SENHOR lhe tinha dito . . .” Hebreus: 11:8 acrescenta: “E saiu, sem saber para onde ia”.

Deus estava trabalhando com Abraão para estabelecê-lo, e também seus descendentes, na terra de Canaã (depois chamada de Terra Prometida e, muitas vezes de Terra Santa). Na encruzilhada entre a Ásia, África e Europa, esta área era ideal para o povo escolhido de Deus, que deveria ser um exemplo para o resto do mundo (Deuteronômio 4:5-8).

Ao chegar na nova terra, Deus prometeu a Abraão que daria a terra para seus descendentes (Gênesis: 12:7). “E disse o SENHOR a Abrão . . . Levanta, agora, os teus olhos e olha desde o lugar onde estás, para a banda do norte, e do sul, e do oriente, e do ocidente; porque toda esta terra que vês te hei de dar a ti e à tua semente, para sempre” (Gênesis 13:14-15).

Deus acrescentou: “E farei a tua semente como o pó da terra; de maneira que, se alguém puder contar o pó da terra, também a tua semente será contada” (versículo 16). De uma maneira significativa, Deus mais tarde mudou o nome de Abrão para *Abraão* (Gênesis 17:5). Seu nome anterior significava “grande (exaltado) pai”. Deus mudou seu nome para “pai de uma multidão”, dizendo: “E te farei frutificar grandissimamente



*Deus chamou Abraão para deixar Ur e viajar para uma nova terra. E prometeu-lhe o território entre o Egito e o rio Eufrates.*

e de ti farei nações, e reis sairão de ti” (versículo 6).

Nessa ocasião estas profecias certamente soaram irônicas a Abraão, pois sua esposa Sara era estéril. Sua infertilidade viria a ser muito significativa para o desenvolvimento do moderno Oriente Médio.

Deus prometeu a Abraão em Gênesis 15:4 que ele teria um herdeiro: “aquele que de ti será gerado”. Impaciente, Sara disse a Abraão para levar sua serva egípcia, Agar, e ter um filho com ela. Isso aconteceu “ao fim de dez anos que Abrão habitara na terra de Canaã” (Gênesis 16:1-3).

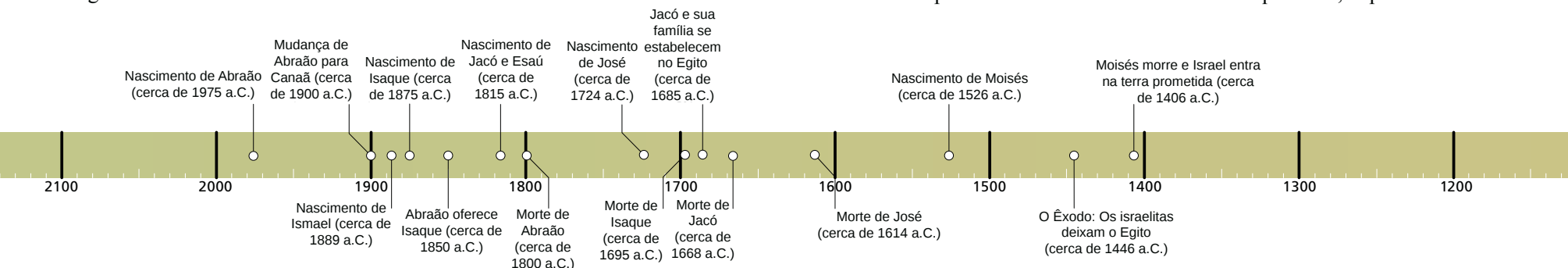
### O nascimento do primeiro filho de Abraão

“E ele entrou a Agar, e ela concebeu; e, vendo ela que concebera, foi sua senhora desprezada aos seus olhos” (Gênesis: 16:4). A relação entre Sara e Agar rapidamente se deteriorou, e esta fugiu.

Porém, uma mensagem divina foi entregue a Agar, dizendo-lhe para voltar. E também lhe foi assegurado que seu filho teria muitos descendentes—mas descendentes com características que seriam evidentes ao longo de sua história: “Multiplicarei tanto os seus descendentes que ninguém os poderá contar... Você está grávida e terá um filho, e lhe dará o nome de Ismael [‘Deus ouve’], porque o Senhor a ouviu em seu sofrimento. Ele será como jumento selvagem; sua mão será contra todos, e a mão de todos contra ele, e ele viverá em hostilidade contra todos os seus irmãos” (versículos 10-12, NVI).

Esta descrição dos descendentes de Agar é significativa porque muitos dos árabes de hoje são ismaelitas—descendentes desse mesmo Ismael, cujo pai era Abraão. Maomé, o fundador e profeta do Islã, era descendente de Qedar, um dos doze filhos de Ismael (*Ismail*, em árabe). Hoje vinte e duas nações do Oriente Médio e do Norte da África são árabes, cuja maioria dos habitantes é adepta ao Islã. Ademais, há trinta e cinco países que são membros da Conferência Islâmica, a maioria tem governos islâmicos, mas com população de diferentes descendências.

Antes mesmo de os descendentes de Ismael chegarem na região, o termo árabe era usado para designar os povos da península arábica. Com a difusão do Islã, os árabes e a língua árabe hoje abrangem uma vasta região.



As palavras proféticas divinamente ditas a Agar ainda hoje são de grande importância. A profecia de que Ismael “será como jumento selvagem” não significa um insulto. O jumento selvagem era nobre entre os animais selvagens do deserto, e presas preferidas dos caçadores. A profecia é uma referência à maneira como os descendentes de Ismael se igualaria ao estilo de vida do jumento selvagem, sobrevivendo livre e dignamente no deserto.

“Sua mão será contra todos, e a mão de todos contra ele”, semelhante a este estilo de vida independente. O descendentes de Ismael sempre resistiram ao domínio estrangeiro. “Ele viverá em hostilidade contra todos os seus irmãos” é uma referência a inimizade que historicamente tem existido entre os próprios árabes e também entre os árabes e os outros filhos de Abraão.

### O segundo filho de Abraão

Catorze anos depois do nascimento de Ismael, Deus abençoou Abraão com outro filho, desta vez de sua esposa Sara. E disse-lhe para colocar o nome de Isaque (significa “risada” por causa da reação incrédula que tiveram quando lhes foi anunciado teriam um filho em sua idade avançada, bem como a alegria que traria para seus pais, Gênesis 17:17, 19; 18:10-15; 21:5-6). Isaque, por sua vez foi pai de Jacó, também chamado Israel, o pai dos israelitas. Ismael e os descendentes de Isaque são, portanto, primos.

“E cresceu o menino [Isaque] e foi desmamado; então, Abraão fez um grande banquete no dia em que Isaque foi desmamado. E viu Sara que o filho de Agar, a egípcia, que esta tinha dado a Abraão, zombava. E disse a Abraão: Deita fora esta serva e o seu filho; porque o filho desta serva não herdará com meu filho, com Isaque” (Gênesis 21:8-10).

E Abraão estava desgostoso porque tinha passado a amar Ismael. “Porém Deus disse a Abraão: . . . o que Sara te diz, ouve a sua voz; porque em Isaque será chamada a tua semente” (versículo 12). Deus também assegurou a Abraão: “Mas também do filho desta serva [Ismael], porquanto é tua semente” (versículo 13). “E era Deus com o moço, que cresceu, e habitou no deserto . . .” (versículo 20).

Não é possível dizer se Ismael odiava a Isaque. Mas, depois de catorze

anos como filho único, a chegada de Isaque mudou muitíssimo a relação de Ismael com seu pai, Abraão. Depois, Ismael sentiu inveja e rivalidade para com o seu meio-irmão, sentimentos que, pelas tribos, sobreviveram através dos séculos e que atualmente afetam a política do Oriente Médio.

### Os dois filhos de Isaque

As complicações familiares ainda estavam por vir. Isaque, por sua vez, teve dois filhos, Esaú e Jacó, os gêmeos de sua esposa Rebeca. Mesmo antes de nascerem, “os filhos lutavam dentro dela” (Gênesis 25:22). Deus explicou: “Duas nações há no teu ventre, e dois povos se dividirão das tuas entranhas: um povo será mais forte do que o outro povo, e o maior servirá ao menor” (versículo 23). Ambos os irmãos foram pais de grandes nações, uma bênção de Deus para os netos de Abraão.

***“Duas nações há no teu ventre, e dois povos se dividirão das tuas entranhas: um povo será mais forte do que o outro povo, e o maior servirá ao menor”***

Normalmente o primogênito receberia a primogenitura, mas aqui seria diferente. A Bíblia registra que Esaú vendeu seu direito de primogenitura a Jacó por um prato de lentilhas (versículos 29-34), mostrando que não lhe dava muito valor. Algum tempo depois, Jacó enganou seu pai para conseguir a bênção da primogenitura (capítulo 27). Por isso, “aborreceu Esaú a Jacó” (versículo 41).

Mais uma vez, as conseqüências disso se refletem hoje em dia.

Os descendentes de Esaú (também chamado de Edom, Gênesis 25:30) se casaram com os descendentes de Ismael, e sua amargura e ressentimento contra os descendentes de Jacó aumentou mais ainda ao longo dos séculos. O neto de Esaú Amaleque (Gênesis 36:12) era o pai dos amalequitas, que se tornaram inimigos ferrenhos dos descendentes de Jacó, as doze tribos de Israel. A profecia sobre Amaleque anuncia uma guerra sem fim entre eles “de geração em geração” (Êxodo: 17:16). Alguns estudiosos acreditam que muitos dos palestinos de hoje são parte dos descendentes dos amalequitas.

Vamos agora para a extraordinária história das tribos de Israel—sua ascensão e queda profetizada.

## A Ascensão e Queda da Antiga Israel

*Deus pode revelar o futuro. Em nenhum lugar isso é mais evidente do que nas notáveis profecias sobre o que aconteceria aos descendentes de Abraão através dos descendentes de Jacó, as doze tribos de Israel.*

Uma das afirmações mais singulares de Deus é encontrada em Isaías 46:9-10: “Eu sou Deus, e não há outro Deus, não há outro semelhante a mim; *que anuncio o fim desde o princípio* e, desde a antiguidade, as coisas que ainda não sucederam; que digo: *‘o meu conselho será firme . . .’*” (grifo adicionado).

Aqui, Deus não apenas diz que pode revelar o futuro como também alega ter o poder para *fazê-lo acontecer!*

As promessas de Deus a Abraão, embora surpreendentes em sua magnitude, entretanto, começaram pequenas—com a promessa de um filho, Isaque, que nasceria dele e de Sara (Gênesis 17:19-21; 21:1-3). Isaque, por sua vez, teve dois filhos, Esaú e Jacó (Gênesis 25:19-26). E Jacó teve doze filhos, dos quais descenderam as doze tribos de Israel.

### Profetizado o nascimento de uma nação

Mas muito antes disso, antes de Abraão ter um filho sob qualquer condição, Deus revelou-lhe que seus descendentes iriam passar por um dos mais impressionantes “processos de nascimento” que poderia ocorrer a um povo—seriam escravizados em uma terra estrangeira antes de surgir como nação.

Encontramos isso profetizado em Gênesis 15:13-14: “Saiba que os seus descendentes serão estrangeiros numa terra que não lhes pertencerá, onde também serão escravizados e oprimidos por quatrocentos anos. Mas eu castigarei a nação a quem servirão como escravos e, depois de tudo, sairão com muitos bens” (NVI).

Isto está se referindo, é claro, ao êxodo. A incrível cadeia de circunstâncias que levaram ao cumprimento desta profecia é detalhada em Gênesis 37 a 50 e Êxodo 1 a 14.

Enquanto o Êxodo é uma das mais conhecidas histórias da Bíblia, os eventos que levaram a ele não são tão bem compreendidos. Em resumo, José, o favorito dos doze filhos de Jacó, foi vendido como escravo por seus irmãos invejosos e acabou no Egito (Gênesis 37). E lá, por meio de uma série de eventos e bênçãos de Deus, José prosperou e surpreendentemente subiu ao mais alto cargo no governo egípcio sob faraó (capítulos 39-41).

Quando uma fome assolou a região, a família de José migrou para o

Egito, que, graças à previsão de José, estocou grãos o suficiente para sobreviver à fome (capítulos 42-47). José reconheceu que Deus estava por trás de todos esses eventos e que as coisas tinham ocorrido desse jeito para que sua família fosse poupada e para que as profecias de Deus fossem cumpridas (Gênesis 50:19-20).

Os doze filhos de Jacó—progenitores das tribos de Israel—prosperaram no Egito (Êxodo 1:1-7). Mas, então, “levantou-se um novo rei sobre o Egito, que não conhecera a José” (versículo 8). O novo faraó, sentindo-se ameaçado pelo crescente número de israelitas, os escravizou e “lhes fizeram amargar a vida com dura servidão” (versículo 14).

Deus chamou o filho de um casal desses escravos hebreus, Moisés, que por circunstâncias milagrosas tornou-se um príncipe do Egito e depois um fugitivo, para tirar Israel da escravidão. “Eu sou o Deus de teu pai, o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó”, anunciou a Moisés (Êxodo 3:6).



Deus, então, prosseguiu com uma notável profecia explicando o que pretendia fazer com Moisés e seus compatriotas: “Tenho visto atentamente a aflição do meu povo, que está no Egito, e tenho ouvido o seu clamor por causa dos seus exatores, porque conheci as suas dores. Portanto, desci para livrá-lo da mão dos

**Deus disse a Abraão que várias gerações de seus descendentes viveriam no Egito, muitos deles servindo forçosamente como escravos. Deus também predisse que iria livrá-los—e assim Ele fez, como está registrado na história bíblica de Êxodo.**

egípcios e para fazê-lo subir daquela terra a uma terra boa e larga, a uma terra que mana leite e mel; ao lugar do cananeu, e do heteu, e do amorreu, e do ferezeu, e do heveu, e do jebuseu. E agora, eis que o clamor dos filhos de Israel chegou a mim, e também tenho visto a opressão com que os egípcios os oprimem. Vem agora, pois, e eu te enviarei a Faraó, para que tires o meu povo, os filhos de Israel, do Egito” (versículos 7-10).

O que Deus propôs a fazer foi impressionante—resgatar um povo escravo das mãos da maior superpotência da época! Os capítulos seguin-

tes—que abrangem as dez pragas e prodigiosa separação do Mar Vermelho—mostram como Deus milagrosamente salvou os israelitas e cumpriu Sua promessa a Abraão até mesmo no detalhe que “depois de tudo, sairão com muitos bens” (Gênesis 15:14, NVI; compare a Êxodo 11:2; 12:35-36).

### Os israelitas na Terra Prometida

Após a miraculosa libertação de Israel do Egito veio o período de quarenta anos no deserto, a conquista da Terra Prometida e o tempo dos juizes de Israel. Muitas pequenas profecias específicas foram dadas e cumpridas durante este tempo como registrado nos livros bíblicos de Êxodo, Números, Deuteronômio, Josué e Juizes.

Quando chegamos ao estabelecimento da monarquia israelita, descobrimos que a dinastia do rei mais famoso de Israel, Davi, havia sido profetizada para surgir da tribo de Judá séculos antes, enquanto os israelitas ainda estavam no Egito (Gênesis 49:8, 10). Como muitas profecias, esta era



*O reino de Israel rapidamente se degenerou em idolatria sob o comando do rei Jeroboão, que instituiu uma nova religião. Estatuetas da fertilidade, à esquerda, eram facilmente encontradas durante as escavações nas cidades israelitas. Em Dã, acima, um grande altar reconstruído a partir da época romana, provavelmente, localizado no mesmo lugar onde Jeroboão construiu um altar pagão séculos antes.*

dual—que havia mais de um significado ou cumprimento—na medida em que também foi predito que o futuro Messias, Jesus Cristo, viria da tribo de Judá (compare a Hebreus 7:14).

Devido a limitações de espaço não abordaremos as dezenas de profecias específicas que foram dadas e cumpridas durante os séculos em que os reinos de Israel e Judá existiram, mas vamos tratar somente do mais significativo.

Depois da morte do justo rei Davi, seu filho Salomão ascendeu ao trono.

Salomão tinha tudo—ele herdou de seu pai um poderoso reino e pela humildade Deus lhe concedeu sabedoria e riqueza (1 Reis 3:11-13). Sob seu governo, o reino das tribos unidas de Israel cresceu ainda mais poderoso e dominou a região.

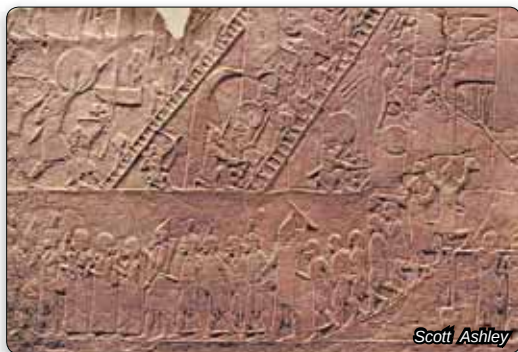
Mas, lamentavelmente, apesar de Salomão saber o que deveria fazer, ele não tinha caráter próprio e convicção para realizá-lo. Seu coração deixou de servir ao Deus único e verdadeiro e passou a servir aos deuses e ídolos pagãos das terras ao seu redor (1 Reis 11:4-8).

### A divisão do reino

O caminho mal escolhido por Salomão conduziria o reino para uma estrada sem volta. Por causa dos pecados de Salomão, Deus anunciou que rasgaria o reino dele e daria a um de seus súditos (versículos 11-13). De fato, a maior parte do reino se separaria para seguir a um rival e apenas uma minoria seguiria o filho de Salomão e os reis da linhagem de Davi.

Esta profecia foi cumprida alguns anos mais tarde com a morte de Salomão, quando a maioria das tribos se separou para seguir a Jeroboão, líder do reino do norte, Israel. O restante permaneceu com o sucessor de Salomão, Roboão, líder do reino do sul, Judá (1 Reis 12, 2 Crônicas 10-11). Os dois reinos se tornariam rivais—e, às vezes, inimigos—nos dois séculos seguintes.

A maioria das pessoas supõe que judeus e israelitas são a mesma coisa. Mas isto certamente não é verdade. Qualquer investigação da história e destes importantes capítulos da Bíblia demonstrará que eram *dois reinos separados*, o reino de Israel e o reino de Judá (a partir da qual deriva-se o termo *judeu*). Como uma interessante nota histórica, a primeira vez que



Scott Ashley

*A Assíria era um império rude e cruel. Seus reis registravam suas conquistas em relevos de pedra talhada, como esses alinhados nas paredes do palácio. As tropas assírias atacam pela muralha de uma cidade (acima), enquanto seus habitantes derrotados começam a sua longa marcha para o exílio. Em outra cena, à direita, os escribas registram a pilhagem a medida que os animais de criação são conduzidos e os exilados são levados em carros de bois para um futuro incerto.*

a palavra *judeus* aparece na Bíblia, está em 2 Reis 16:5-6, onde Israel é aliado de outro rei e *entra em guerra* contra os judeus.

O primeiro rei de Israel, Jeroboão, estabeleceu rapidamente um padrão de idolatria e de sincretismo (mescla de elementos do culto verdadeiro e falso), do qual o reino do norte nunca se afastou (1 Reis 12:26-33). Deus enviou muitos profetas para avisar aos reis israelitas da destruição que viria se não abandonassem esse caminho e voltassem para Ele.

O primeiro deles foi Aías, que advertiu a mulher de Jeroboão: “Também o SENHOR ferirá a Israel, como se move a cana nas águas, e arrancará a Israel desta boa terra que tinha dado a seus pais, e o espalhará para além do rio . . .” (1 Reis 14:15).

Este foi um pronunciamento claro sobre o destino do reino do norte, se não se arrependessem—eles seriam levados cativos “para além do rio” (o Eufrates) pelas mãos do futuro Império Assírio.

Muitos outros profetas continuaram repetindo os avisos de Deus aos israelitas e seus reis, suplicando-lhes que se arrependessem para que não sofressem esse terrível destino. Entre estes profetas estavam Amós, Oséias, Isaías e Miquéias, cujas mensagens estão registradas para nós nos livros bíblicos que levam seus nomes.

Mas as mensagens destes profetas foram ignoradas. Finalmente, em 722 a.C., após uma série de ataques, invasões e deportações, o reino do norte foi subjugado e seu povo levado ao cativeiro pelas mãos dos assírios—“além do rio”, como Deus havia advertido ao seu primeiro rei dois séculos antes.



Scott Ashley

### Judá segue os passos de Israel

A história de Judá, o reino do sul, é um pouco diferente, embora igualmente trágica. Ambos os reinos rapidamente abandonaram ao Deus verda-

deiro e mergulharam na depravação moral e espiritual. Enquanto o reino do norte nunca teve uma vez um rei justo, Judá, pelo menos, teve um punhado que se voltou para Deus e instituiu reformas religiosas que visavam fazer o povo voltar para a adoração correta do verdadeiro Deus.

Estes reis justos tiveram algum sucesso, mas por pouco tempo. Como resultado, o reino de Judá sobreviveu a seu vizinho do norte por mais de um século. No entanto, Judá também pagaria um alto preço por rejeitar o seu Criador.

Eles deveriam ter aprendido a lição do cativeiro das dez tribos do norte,

especialmente porque algumas das invasões assírias devastaram grande parte de Judá. Nos dias de Ezequias praticamente toda a Judá, exceto sua capital, Jerusalém, foi conquistada pelos assírios—e Jerusalém também, teria caído se Deus não tivesse livrado sobrenaturalmente a cidade (2 Reis 18-19).

O profeta Isaías, falando a Ezequias, foi o primeiro a revelar o exato inimigo que subjugaria Judá, caso continuasse se recusando a mudar: “. . . Eis que vêm dias em que tudo quanto houver em tua casa, com que entesouraram teus pais até ao dia de hoje, será levado *para Babilônia*; não ficará coisa alguma, disse o SENHOR. E ainda até de teus filhos, que procederem de ti, e que tu gerares tomarão, para que sejam eunucos no paço do rei de Babilônia” (2 Reis 20:16-18).

Deus enviou muitos outros profetas—como Miquéias, Sofonias, Habacuque e Jeremias—para advertir a Judá, mas não adiantou. Assim os assírios conquistaram os israelitas após várias ondas de invasões e deportações, de modo que os babilônios deportaram judeus antes e depois da queda de Jerusalém em 586 a.C. Muitos detalhes dos relatos bíblicos da queda de Israel e de Judá foram confirmados pelos registros assírios e babilônicos da época, demonstrando mais uma vez a precisão do registro bíblico.

### O Exílio e retorno de Judá

A consequência do exílio de Judá, no entanto, foi muito diferente do reino do norte. Israel foi deportada para os confins do Império Assírio e seu povo perdeu a identidade étnica e nacional (para mais detalhes e compreensão sobre quem eles são hoje, solicite ou baixe nosso livro grátis *Os Estados Unidos e a Grã-Bretanha em Profecia Bíblica*). Mas Deus deu uma promessa de encorajamento a Judá, através desta profecia de Jeremias:

“Porque assim diz o SENHOR: Certamente que, passados setenta anos na Babilônia, vos visitarei e cumprirei sobre vós a minha boa palavra, tornando-vos a trazer a este lugar. Porque eu bem sei os pensamentos que penso de vós, diz o SENHOR; pensamentos de paz e não de mal, para vos dar o fim que esperais. Então, me invocareis, e ireis, e orareis a mim, e eu vos ouvirei. E buscar-me-eis e me achareis quando me buscardes de todo o vosso coração. E serei achado de vós, diz o SENHOR, e farei voltar os vossos cativos . . .” (Jeremias 29:10-14).

Aqui, também, encontramos uma notável profecia que foi cumprida à risca. Este período de setenta anos parece ter começado com a queda de Jerusalém e a destruição do templo de Salomão—o centro do culto judaico—em 586 a.C. e conclui-se com o término de um novo templo em Jerusalém em 516 a.C. Os livros bíblicos de Esdras e Neemias registram o retorno de muitos desses exilados judeus da Babilônia.

## Os Quatro Impérios das Profecias de Daniel

*O livro de Daniel profetizou eventos que se cumpriram há muitos séculos, bem como grandes eventos que ainda serão cumpridos. E revela uma história da região, escrita com antecipação, da época de Daniel até o retorno de Jesus Cristo.*

Entre os judeus cativos capturados em Judá e exilados pela Babilônia havia um jovem cujo nome hebraico era Daniel, renomeado Beltesazar pelos babilônios (Daniel 1:1-7). Daniel viveu nos tempos marcantes da queda de ambos os reinos de Judá e Babilônia. Ele serviu como um alto funcionário, tanto no governo da Babilônia como no Império Medo-Persa, seu sucessor.

No entanto, ao final do livro Deus instruiu a Daniel: “Fecha estas palavras e sela este livro, até ao fim do tempo; muitos correrão de uma parte para outra, e a ciência se multiplicará” (Daniel 12:4). Isto indica que certas profecias importantes, que antes não tinham sentido, *serão compreensíveis quando se aproximar o fim*.

As profecias de Daniel fornece a prova da precisão da Bíblia. Muitas de suas profecias são tão detalhadas e específicas que há muito tempo têm confundido os críticos da Bíblia.

De fato, alguns céticos não contestaram o *conteúdo* da precisão profética de Daniel. Ao invés de admitir que suas palavras são realmente inspiradas, eles simplesmente classificaram seu livro *como fraude*. Eles alegam que não foi escrito por Daniel no sexto século a.C.—tempo que é evidente pelos acontecimentos escritos no livro—mas que foi escrito por um autor desconhecido no ano 160 a.C., muito *depois* de vários eventos profetizados no livro terem acontecido. Esta, alegam os críticos, é a *verdadeira* razão da exatidão surpreendente do livro profético!

O testemunho de Daniel desafia os críticos. Mas primeiro vamos considerar a natureza da abordagem dos críticos. Eles contestam a autoria de Daniel, porque ele se refere a si mesmo nos primeiros capítulos na terceira pessoa, como se escrevesse sobre alguém. No entanto, como *O Comentário Bíblico Expositivo* [*The Expositor's Bible Commentary*] indica, este “era o costume entre os antigos autores de memórias históricas . . .” (1985, vol. 7, pág. 4). Ao relacionar algumas de suas experiências Daniel resolveu escrever na primeira pessoa (Daniel 7:15; 8:15; 9:2; 10:2).

A identidade dos críticos de Daniel também é significativa. A primeira pessoa a questionar a autenticidade da autoria de Daniel foi o erudito e historiador grego Porfírio, que viveu entre os anos de 233 e 304 d.C. Ele é visto pelos historiadores como um neoplatônico, o que significa que

ele comprometeu-se com as doutrinas do filósofo grego Platão em vez da Bíblia. “Porfírio é bem conhecido como um oponente violento do Cristianismo e defensor do paganismo” (*Enciclopédia Britânica [Encyclopaedia Britannica]*, 11ª edição, vol. 22, pág. 104, “Porfírio”).

Visto que Porfírio era um inimigo do cristianismo, a sua objetividade é questionável. Ele não tinha base fatural para sua opinião, e seu ponto de vista contradiz o testemunho de Jesus Cristo, que se referiu a Daniel como o autor do livro (Mateus 24:15).

O estudioso bíblico Jerônimo (340-420 d.C.) refutou a alegação de Porfírio. Depois disso, ninguém levou a sério novamente os comentários de Porfírio até muitos séculos depois. “. . . Ele era mais ou menos rejeitado pela erudição cristã como um mero detrator pagão que tinha permitido uma influência naturalista desvirtuar seu julgamento. Mas durante o tempo do Iluminismo no século XVIII, todos os elementos sobrenaturais na Bíblia foi



*Daniel predisse a ascensão de impérios, como a Grécia e Roma, centenas de anos antes que esses eventos acontecessem. O Partenon, em Atenas se destaca como uma lembrança do poder da Grécia.*

que o homem [Daniel] e sua escrita lhe tem sido negado a historicidade” (*Reino de Sacerdotes*, 1996, pág. 484).

### A extraordinária profecia e seu cumprimento

A precisão das profecias de Daniel em eventos remotamente distantes é espetacular. Por exemplo, na profecia das “setenta semanas” registrada em Daniel 9:24-27, “Daniel prediz o ano exato do aparecimento de Cristo e o início do seu ministério no ano 27 d.C.” (*O Comentário Bíblico Expositivo*, pág. 9).

posto sob suspeita . . .” (*O Comentário Bíblico Expositivo*, pág. 13).

Alguns dos estudiosos de hoje, com tendências liberais têm reciclado esses argumentos seculares. O historiador do Antigo Testamento, Eugene Merrill, diz que suas crenças foram construídas sobre evidências frágeis. “A retórica e a linguagem [de Daniel] estão certamente na casa do século VI [a.C.] . . . E é somente nas linhas mais subjetivas e circulares das evidências

Outra profecia incrível registrada por Daniel é a sua interpretação do sonho de Nabucodonosor no capítulo 2. No segundo ano do seu reinado, o rei da Babilônia teve um sonho perturbador que nenhum dos seus conselheiros conseguiram explicar. A cultura babilônica estabeleceu-se com grande ênfase sobre os sonhos, e Nabucodonosor, estava convencido de que este era de grande importância (Daniel 2:1-3).

O seu sonho dá-nos uma “divulgação do plano de Deus sobre as eras até o triunfo final de Cristo” e “apresenta a sucessão preordenada das potências mundiais que dominam o Oriente Médio até a vitória final do Messias, nos últimos dias” (*O Comentário Bíblico Expositivo*, págs. 39, 46).

E sem o conhecimento prévio de seu conteúdo, Daniel explicou os detalhes do sonho a Nabucodonosor: “Tu, ó rei, estavas vendo, e eis aqui uma grande estátua; essa estátua, que era grande, e cujo esplendor era excelente, estava em pé diante de ti; e a sua vista era terrível. A cabeça daquela estátua era de ouro fino; o seu peito e os seus braços, de prata; o seu ventre e as suas coxas, de cobre; as pernas, de ferro; os seus pés, em parte de ferro e em parte de barro” (Daniel 2:31-33).

Daniel disse a Nabucodonosor que seu Império Babilônico era representado pela cabeça de ouro (versículos 37-38). As partes de prata, bronze e ferro da imagem, ou estátua, representava três impérios poderosos que se seguiriam à poderosa Babilônia (versículos 39-40).



*A imagem que Nabucodonosor viu em seu sonho era composta por quatro tipos de metais, que correspondiam a quatro grandes impérios.*

Esta interpretação transmite uma previsão surpreendente da história. O sonho de Nabucodonosor aconteceu e foi interpretado por Daniel cerca do ano 600 a.C. A imagem representava, de forma simbólica, a sequência de grandes impérios que dominariam o cenário político da região durante séculos.

“O império de prata foi o Medo-Persa, que começou com Ciro, o Grande, e conquistou a Babilônia em 539 a.C. . . . Este império de prata foi supremo no Oriente Próximo e Médio há cerca de dois séculos” (*O Comentário Bíblico Expositivo*, pág. 47).

“O império de bronze foi o Império Greco-Macedônio estabelecido por

Alexandre, o Grande . . . O reino de bronze durou cerca de 260 ou 300 anos até ser suplantado pelo quarto reino” (ibidem).

“O ferro conota dureza e crueldade e descreve o Império Romano, que atingiu sua maior extensão sob o reinado de Trajano” (ibidem). Trajano reinou como imperador do ano 98 a 117 d.C., e o próprio Império Romano permaneceu governando por muitos séculos.

O quarto império foi descrito como tendo dez dedos nos pés. Os dedos dos pés eram compostos em parte de ferro e em parte de barro, como o versículo 41 explica. “O versículo 41 trata de uma fase posterior, ou consequência deste quarto império, simbolizado pelos pés e os dez dedos—composto de ferro e de barro, uma base frágil para um monumento enorme. O texto indica claramente que esta fase final será marcada por um tipo de federação ao invés de um só reino poderoso” (ibidem). (Para mais detalhes, solicite ou baixe nosso livro gratuito *O livro de Apocalipse Revelado*.)

### O outro sonho acrescenta detalhes importantes

Os aspectos adicionais dessa sucessão de impérios mundiais foram revelados a Daniel em um sonho posterior. Desta vez, os quatro impérios foram representados por quatro animais: um leão (Império Babilônico), um urso (Império Medo-Persa), um leopardo (Império Greco-Macedônio) e um quarto animal descrito como “terrível” e diferente dos outros três (Daniel 7:1-7).

Observe o que versículo 7 diz sobre esta quarta criatura: “Depois disto, eu continuava olhando nas visões da noite, e eis aqui o quarto animal, terrível, espantoso e sobremodo forte, o qual tinha grandes dentes de ferro [paralelo com as pernas de ferro do sonho anterior]; ele devorava, e fazia em pedaços, e pisava aos pés o que sobejava; era diferente de todos os animais que apareceram antes dele e tinha dez chifres” (ARA).

O que significa essa descrição? Ela também é uma referência ao grande poder de Roma, que esmagou todos os que se lhe opuseram. “Assim, o poder superior do colosso de Roma . . . é enfatizado no simbolismo desta quarta terrível besta” (*O Comentário Bíblico Expositivo*, pág. 87).

O versículo 8 de Daniel 7 informa sobre os dez chifres: “Estando eu a observar os chifres, eis que entre eles subiu outro pequeno, diante do qual três dos primeiros chifres foram arrancados”. Mais adiante neste capítulo, vemos que este chifre pequeno exalta-se a si mesmo à posição de um líder religioso internacionalmente poderoso (versículos 24-25), e até que comandará um falso sistema religioso que persegue os verdadeiros discípulos de Deus.

Daniel 7:9-14 nos leva direto ao estabelecimento do Reino de Deus na terra, por meio de Cristo: “E foi-lhe dado o domínio, e a honra, e o reino, para que todos os povos, nações e línguas o servissem; o seu domínio é um domínio eterno, que não passará, e o seu reino, o único que não será

destruído”. Portanto, este sistema romano, através de seus periódicos renascimentos ao longo da história, continua até ao tempo do fim quando Jesus Cristo retornar para governar a terra.

Apocalipse 17 também nos ajuda a compreender esse poder do fim dos tempos. Neste capítulo ele é novamente retratado como um animal, mas agora vemos que a sua manifestação final inclui dez “reis”—líderes de nações ou grupos de nações—que “receberão o poder como reis por uma hora” com o governante dessa superpotência do fim dos tempos, um indivíduo que a Bíblia se refere como “a besta” (Apocalipse 17:12-13). Esse renascimento final do Império Romano leva ao retorno de Cristo e eles “combaterão contra o Cordeiro” (versículo 14).

Tudo isto concorda com Daniel 2:44, o que obviamente indica que a segunda vinda de Cristo ocorrerá em um tempo durante o qual vestígios do quarto animal ou reino (Império Romano) ainda existem: “Mas, nos dias desses reis, o Deus do céu levantará um reino que não será jamais destruído; e esse reino não passará a outro povo; esmiuçará e consumirá todos esses reinos e será estabelecido para sempre”.

A maior parte destes eventos proféticos, detalhado nos dois sonhos, já foi cumprida. Seu cumprimento detalhado confirma a inspiração divina da Bíblia. As chances de qualquer pessoa prever isso por conta própria desafia a credibilidade. “Mas há um Deus nos céus, o qual revela os segredos; ele, pois, fez saber ao rei Nabucodonosor o que há de ser no fim dos dias” (Daniel 2:28).

### A profecia mais detalhada da Bíblia

Daniel 11 registra outra profecia extraordinária. A definição cronológica é dada em Daniel 10:1 como o “terceiro ano de Ciro, rei da Pérsia”. Um “homem” (versículo 5), sem dúvida, um anjo (compare a Daniel 9:21), veio dizer a Daniel o que aconteceria “nos derradeiros dias” (Daniel 10:14).

A profecia que se segue é a mais pormenorizada de toda a Bíblia. O terceiro ano de Ciro foi há mais de quinhentos anos antes do nascimento de Cristo. No entanto, esta profecia prevê que os eventos começaram a ocorrer quase imediatamente e vão continuar até o retorno de Cristo. Os estágios iniciais da profecia confirmam a Bíblia porque eles já foram cumpridos, como pode ser verificado ao estudar sobre os impérios persa e grego. Ninguém poderia prever semelhantes detalhes históricos.

Alguns elementos do que se segue são intrincados, exigindo muita atenção. Mas uma comparação das palavras proféticas com o registro histórico torna-os claros.

### Uma prolongada intriga política

Os primeiros trinta e cinco versículos de Daniel 11 relatam os acontecimentos, escritos com anos de antecedência, da intriga entre duas

entidades políticas—o “rei do sul” e o “rei do norte”. Na história secular, o rei do sul muitas vezes se refere a Ptolomeu. A dinastia de Ptolomeu governou de Alexandria, no Egito. O rei do norte governou a partir de Antioquia, na Síria sob o nome Seleuco, ou Antíoco.

Com isto em mente, vamos examinar alguns dos detalhes da profecia. É importante porque revela o clima político e as tensões no Oriente Médio que precedem tanto o primeiro quanto o segundo aparecimento de Jesus Cristo, como o Messias. Em ambos os casos, Jerusalém está no centro dos conflitos políticos da época.

Você pode encontrar mais informações sobre o cumprimento histórico



*Daniel previu a vinda de Alexandre, o Grande, por duas vezes em seu livro profético. Estudiosos identificaram Alexandre como o “chifre notável” de Daniel 8:5-8 e como o “rei poderoso” de Daniel 11:3-4.*

quista militar mais brilhante na história da humanidade. Mas ele só viveu mais quatro anos; e . . . morreu de febre em 323 a.C. . . .” (ibidem).

O reino de Alexandre foi dividido “entre os quatro impérios menores e mais fracos” (*O Comentário Bíblico Expositivo*, pág. 129). O filho infante de Alexandre tinha sido assassinado em 310 a.C. e um irmão ilegítimo em 317 a.C. “Assim, não havia descendentes ou parentes de sangue para suceder Alexandre” (ibidem). Então, seu reino não foi dividido entre a sua

de grande parte desta profecia em fontes como *O Comentário Bíblico Expositivo*, que citamos abaixo, ou outras obras de referência confiável. Ao invés de nossa citação completa desta passagem bíblica, recomendamos que você leia em sua Bíblia os versículos que mencionamos, e lembre-se que esses detalhes foram preditos muito antes de acontecer.

**Daniel 11:2:** Os “três reis” foram Cambises, filho mais velho de Ciro; pseudo-Smerdis, um impostor que se fazia passar por filho mais novo de Ciro, que foi assassinado discretamente, e Dario, o persa. “O rei persa que invadiu a Grécia foi . . . Xerxes, que reinou de 485 a 464 a.C.” (*O Comentário Bíblico Expositivo*, pág. 128).

**Versículos 3-4:** “O versículo 3 nos introduz à . . . ascensão de Alexandre, o Grande” (ibidem). A linguagem no versículo 4 “sugere claramente que este poderoso conquistador teria um reinado relativamente curto . . . Em sete ou oito anos, ele realizou a con-

posteridade (versículo 4).

Os generais de Alexandre lutaram entre si pelo controle de seu império. As lutas que se seguiram pelo domínio acabou descartando todos os generais, exceto quatro, que então se tornaram chefes das quatro divisões do império. Os quatro foram Cassandro, que reinou na Grécia e no Ocidente, Lisímaco na Trácia e Ásia Menor, Ptolomeu no Egito e Seleuco na Síria. Destes quatro, só dois—Ptolomeu e Seleuco—é que expandiram o seu domínio e o território. Estes foram os reis do Egito e da Síria, respectivamente.

As maquinações que se seguem são relativas a estes dois. Eles são referidos como o rei do sul (Ptolomeu) e o rei do norte (Seleuco) por causa de sua localização em relação a Jerusalém.

**Versículo 5:** “O rei do sul seria Ptolomeu I” (*O Comentário Bíblico Expositivo*, pág. 130). A expressão bíblica “um de seus príncipes” refere-se a Seleuco. Ele tinha originalmente servido sob Ptolomeu. Na intriga após a morte de Alexandre, Seleuco finalmente tomou o controle da Síria e tornou-se o rei do norte. Seleuco eventualmente exercia mais poder do que Ptolomeu. A dinastia selêucida permaneceria até 64 a.C.

### A guerra laodiceana

**Versículo 6:** Um estado de tensão e hostilidade passou a existir entre o rei do sul e o rei do norte. Ptolomeu I morreu em 285 a.C. Em 252 a.C. as duas potências tentaram um tratado no qual Berenice, filha de Ptolomeu II, se casaria com Antíoco II, o rei do norte. Laodice, a primeira esposa de Antíoco II, estava furiosa porque ele havia se divorciado dela. Em retaliação, ela arquitetou uma conspiração do seu lugar de banimento. Ela queria Berenice e seu filho assassinados. “Pouco tempo depois o próprio rei [Antíoco II] foi envenenado . . .” (ibidem).

Então, Laodice foi constituída como rainha, porque seu filho Seleuco II era muito jovem para governar. A profecia diz que “ela [Berenice] será entregue” referindo-se ao golpe que Laodice engenhosamente planejou para executar Berenice. Alguns nobres que tinham apoiado Berenice como rainha também caíram.

**Versículos 7-9:** Seguiu-se uma retaliação. E tudo isso resultou em uma série de ações militares, que vieram a ser conhecidas como a Guerra Laodiceana. Ptolomeu II morreu logo após Laodice matar sua filha, Berenice. Ptolomeu III tentou vingar a morte de sua irmã. Ele atacou o rei do Norte e conquistou a capital síria de Antioquia. O versículo 8 descreve a reconquista de Ptolomeu de “ídolos e tesouros sagrados há muito tempo perdidos” (*O Comentário Bíblico Expositivo*, pág. 131) que haviam sido roubados do Egito por Cambises em 524 a.C.

A paz foi celebrada entre Ptolomeu III e Seleuco II em 240 a.C., e as hostilidades cessaram, até 221 a.C., quando Ptolomeu III morreu.

**Versículos 10-12:** Os filhos de Seleuco II atacaram o rei do sul depois

que seu pai morreu. Um desses filhos, Seleuco III, reinou por apenas três anos. Sua empreitada militar foi relativamente pequena. Ele morreu por envenenamento. Outro filho, Antíoco III (o Grande), “inundará, e passará” [“arrasará tudo e passará adiante”—ARA] . Assim, ele conquistou a Judéia.

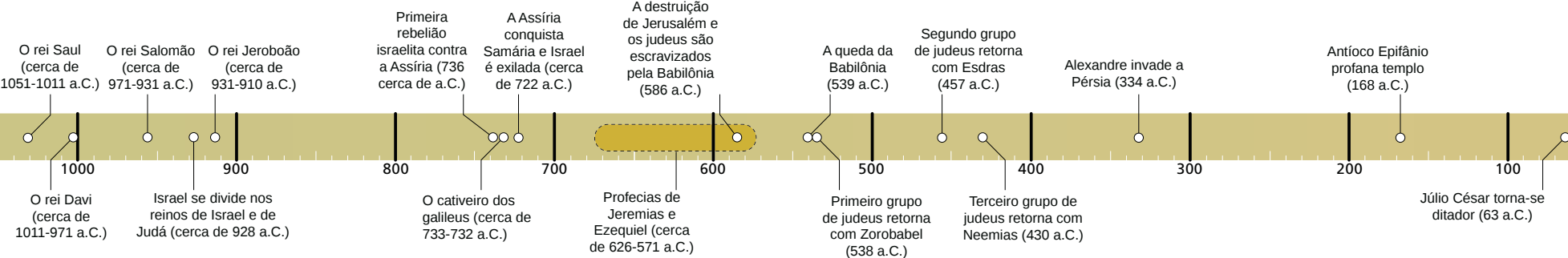
Ptolomeu IV, o rei do sul, retaliou (versículo 11) e derrotou o maior exército de Seleuco III na Batalha de Raphia. Depois da vitória Ptolomeu voltou-se para uma vida de devassidão durante a qual massacrou dezenas de milhares de judeus no Egito (versículo 12). Por tudo isso seu reino enfraqueceu-se.

**Versículos 13-16:** A frase “ao cabo de tempos” refere-se a um incidente quando, 14 anos depois de sua derrota, Antíoco III veio contra Ptolomeu V, ainda um jovem rapaz. (Ptolomeu IV morreu em 203 a.C.). As províncias do Egito estavam em crise por causa do governo desprezível de Ptolomeu IV. Muitas desses povos—incluindo os judeus simpatizantes do rei do norte—juntaram-se com Antíoco contra o rei do sul. A rebelião acabou por sendo esmagada pelo general egípcio Scopus (versículo 14).

Scopus também repeliu as forças de Antíoco no inverno de 201-200 a.C. O rei do norte respondeu com outra invasão. Ele conquistou a cidade de Sidon (“uma cidade fortificada”), onde rendeu-se Scopus (versículo 15). Antíoco tomou completamente o controle da Terra Santa, a “terra gloriosa” (versículo 16).

**Versículo 17:** A Bíblia Almeida Revista e Atualizada diz: “[O rei do Norte] resolverá vir com a força de todo o seu reino, e entrará em acordo com ele, e lhe dará uma jovem em casamento, para destruir o seu reino; isto, porém, não vingará, nem será para a sua vantagem”. Depois de derrotar Scopus, Antíoco deseja tomar o controle do próprio Egito. Ele deu sua filha, Cleópatra, a Ptolomeu V em casamento. Antíoco acreditava que ela agiria a seu favor e trairia os interesses de seu marido. Mas ela frustrou seus planos ao ficar do lado de Ptolomeu.

**Versículos 18-19:** Frustrado, Antíoco atacou as ilhas e cidades da região do Mar Egeu. Ele também deu asilo ao inimigo de Roma, Aníbal de Cartago, quem lhe ajudou no desembarque na Grécia. Roma respondeu atacando Antíoco e impôs uma derrota a suas forças. Os romanos



conquistaram grande parte de seu território e tomou vários reféns para Roma, incluindo o filho de Antíoco. E Roma exigiu um pesado tributo dele (versículo 18).

Antíoco retornou em desgraça à sua fortaleza, em Antioquia. Incapaz de pagar as pesadas taxas exigidas pelos romanos, ele tentou saquear um templo pagão. De modo que, sua ação enfureceu os habitantes locais que o mataram, levando-o a um fim inglório (versículo 19).

**Versículo 20:** Embora não seja uma Escritura, o livro apócrifo de 2 Macabeus 3:7-40 diz que outro filho de Antíoco, Seleuco IV, também foi incapaz de pagar os impostos. Seleuco enviou um judeu, Heliodoro, para saquear o templo de Jerusalém. Heliodoro foi para a cidade santa, mas não nada conseguiu. Mais tarde, Seleuco foi envenenado por Heliodoro, sendo assim assassinado, “e isso sem ira e sem batalha”

Antíoco Epifânio

**Daniel 11:21-35:** Estes versículos falam do infame Antíoco IV (também conhecido como Epifânio), o irmão de Seleuco IV, que já havia sido tomado como refém por Roma. Ele era um “tirano opressor que fez de tudo para destruir completamente a religião judaica” (*O Comentário Bíblico Expositivo*, pág. 136).

Antíoco aprovou leis que proibiam a prática da religião judaica, sob pena de morte. Ele era um homem de incrível crueldade. Em suas ordens “um escriba idoso, Eleazar, foi açoitado até a morte porque se recusou a comer carne de porco. Uma mãe e seus sete filhos foram sequencialmente assassinados, na presença do governador, por se recusar a prestar homenagem a uma imagem. Duas mães que tinham circuncidado seus filhos recém-nascidos foram arrastadas pela cidade e arremessadas de ponta-cabeça pelo muro” (Charles Pfeiffer, *Entre os Testamentos [Between the Testaments]*, 1974, págs. 81-82).

**Versículo 31:** Isto se refere aos eventos significativos de 16 de dezembro de 168 a.C., quando o insano Antíoco entrou em Jerusalém e matou oitenta mil homens, mulheres e crianças (2 Macabeus 5:11-14). Então, ele profanou o templo, oferecendo um sacrifício ao principal deus grego, Zeus. Este ultraje foi precursor de um evento semelhante que Jesus Cristo

disse que ocorreria nos últimos dias (Mateus 24:15).

**Versículos 32-35:** Estes versículos parecem descrever, de modo franco, a determinação e a coragem indomável dos Macabeus, uma família de sacerdotes que enfrentou Antíoco e seus sucessores. A revolta dos Macabeus contra o rei da Síria foi desencadeada quando “Matatias, o sumo sacerdote da cidade de Modin..., depois de matar o oficial de Antíoco que veio fazer cumprir o novo decreto de adoração idólatra . . . , liderou um bando de guerrilheiros que fugiu para as montanhas . . .” (*O Comentário Bíblico Expositivo*, pág. 141).

Matatias foi auxiliado em sua causa por cinco filhos, particularmente por Judá ou Judas, apelidado de Maqqaba (palavra aramaica para martelo, de onde deriva o nome Macabeus). Muitos desses patriotas morreram nesta causa, mas seu heroísmo em enfim expulsou as forças sírias do país.

De outro modo, estes versículos poderiam até mesmo referir-se à Igreja do Novo Testamento, por suas referências a milagres, perseguição e apostasia.

Na verdade, neste momento a profecia de Daniel definitivamente assume um tom diferente, referindo-se explicitamente ao “tempo do fim”, próximo ao final do versículo 35. Citando *O Comentário Bíblico Expositivo*: “Com a conclusão da perícopes [extração textual] anterior, no versículo 35, o material preditivo (que incontestavelmente, aplica-se aos impérios helenísticos e à disputa entre os selêucidas e os judeus patriotas) é concluído. Esta presente seção (versículos 36-39) contém algumas características que facilmente se aplicam a Antíoco IV, embora a maioria dos detalhes possa ser aplicada, bem como ao seu antítipo dos últimos dias, “a besta”.

“Ambos os estudiosos liberais e conservadores concordam que todo o capítulo 11 até este ponto contém previsões surpreendentemente exatas e de grande amplitude dos eventos a partir do reinado de Ciro . . . até o esforço malsucedido de Antíoco Epifânio para acabar com a fé judaica” (*O Comentário Bíblico Expositivo*, pág. 143).

Deste ponto em diante pouco mais de um século se passaria antes que o general romano Pompeu conquistasse Jerusalém. Grande parte do Oriente Médio passou para o controle do Império Romano, e muito do seu poder, por sua vez passou à sua perna oriental, o Império Bizantino, nos séculos seguintes.

Entretanto, como veremos no próximo capítulo, um notável e novo poder e religião entra em cena para dominar o Oriente Médio durante séculos—o império islâmico.

## A Chegada do Islamismo

*O panorama religioso árabe estava para mudar drasticamente com o profeta Maomé e sua religião, o Islamismo.*

Os descendentes de Ismael viveram em relativa obscuridade durante todo o período dos reinos de Israel e Judá e dos impérios assírios, babilônicos, persas, gregos e romanos. A maioria deles se manteve na Península Arábica, onde a vida no deserto era difícil, e frequentemente guerreavam entre si. Mas isso mudou no início do século VII, menos de seiscentos anos depois da época de Jesus Cristo, quando o mais famoso dos descendentes de Ismael entrou em cena.

Até o início do ano 600 d.C. os árabes eram adoradores de ídolos. O grande templo de Meca tinha trezentos e sessenta e cinco ídolos (um para cada dia do ano) e era uma considerável fonte de receita para os comerciantes locais, que contavam com a visita dos peregrinos ao lugar para obterem renda.

Este panorama religioso mudou drasticamente com o profeta Maomé e a religião fundada por ele, o Islamismo.

Maomé (às vezes escrito Muhammad, Mohammed ou Mahomet) era da família Hashemita (em árabe, *Beni Hashim*) da poderosa tribo Koreish (ou coraixita), que controlava o templo pagão em Meca. Segundo a crença islâmica, foi perto de Meca, no Monte Hira, que o arcanjo Gabriel apareceu pela primeira vez a Maomé em 610 d.C., revelando a sabedoria de Deus. Estas revelações e posteriores formaram o Corão (ou *Alcorão*), as escrituras sagradas do Islamismo, um livro mais ou menos do tamanho do Novo Testamento.

Maomé, cujo nome significa “muito elogiado”, se tornou um pregador corajoso e determinado do monoteísmo, a crença em um Deus, uma crença que ameaçava a prosperidade comercial de outros membros de



*A Mesquita do Sultão Hasan do século XIV, no Cairo, à esquerda, e localizada ao lado está a Mesquita de Al-Rifai do século XIX. O Egito tornou-se predominantemente muçulmano no século VII.*

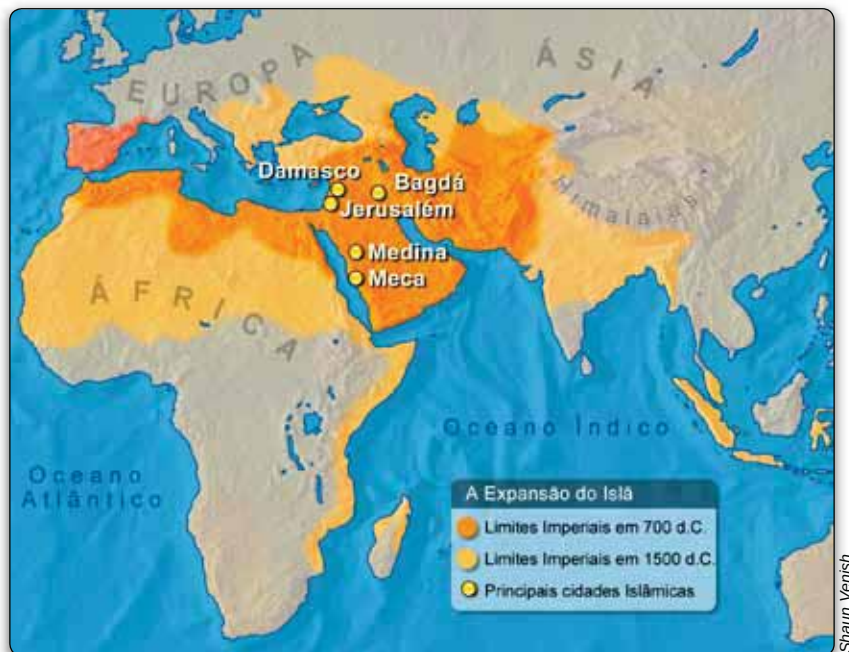
sua tribo. E as tentativas de assassiná-lo falharam, e em pouco tempo Maomé deu fim à idolatria politeísta na região, substituindo-a pelo Islamismo (que significa literalmente “rendição” ou “submissão” ao único e verdadeiro Deus, Alá).

A pregação de Maomé alcançou algo que havia escapado aos descendentes de Ismael—a unificação, através disso eles conseguiram se tornar uma grande nação que expandiria e influenciaria outras nações.

Deste começo humilde no deserto da Península Arábica, o Islamismo se espalhou por todo o mundo. Hoje, cinquenta e sete países fazem parte da Conferência Islâmica, compreendendo mais de um quarto de todas as nações da terra.

Contudo vinte e dois deles são países árabes, muitos dos quais são povoados pelos descendentes de Ismael, e outros trinta e cinco são exclusivo ou significativamente islâmico. Estes variam geograficamente da África Ocidental atravessando o centro do mundo em direção a Indonésia, um grande cinturão de nações que se identificam uns com os outros como seguidores do Islamismo.

Além disso, milhões de muçulmanos, seguidores do Islamismo, vivem na América do Norte e Europa Ocidental. A religião continua



O Islamismo espalhou-se por todo o Oriente Médio, Norte da África e Sul da Ásia em duas grandes ondas de expansão, primeiro no século VII e novamente no século XII e subsequentes.

a expandir-se rapidamente devido a uma alta taxa de natalidade e proselitismo agressivo.

Hoje o Islamismo tem cerca de 1,3 bilhão de seguidores. Todos adoram a Alá, a quem consideram ser o único Deus verdadeiro. Eles adoram em mesquitas, sexta-feira é seu dia de adoração escolhido, embora também seja permitido aos adeptos trabalharem nesse dia.

Seu credo resume-se em uma sentença, chamada de *shahadah* (“testemunho”), de apenas oito palavras em árabe—*La illaha ila Allah, wa Muhammadun Rasul Allah*—significa “Não há Deus senão Alá, e Maomé é Seu Profeta”. A recitação solene e sincera dessas palavras é o único requisito para ser um muçulmano. A palavra muçulmano (ou maometano) significa “aquele que se submete (a Deus)”.

Os muçulmanos datam seus anos a partir da *Hégira* (às vezes soletrado *hejira* ou *hegira*), a fuga de Maomé de Meca para Medina em 622 d.C. Como o ano muçulmano é definido de acordo com o calendário lunar, há 354 ou 355 dias por ano, o que significa que seu ano é cerca de 11 dias mais curto que um ano no mundo ocidental, que é baseado no calendário solar gregoriano. Isto significa que os festivais islâmicos caem em dias diferentes a cada ano de acordo com o calendário gregoriano e gradualmente faz seu caminho de volta até o ano gregoriano.

Maomé morreu em 8 de junho de 632 a.D. e não deixou nenhum herdeiro do sexo masculino e nenhum sucessor designado. O resultado foi caos e confusão por todo o Império Islâmico, que depois de apenas uma década já tinha crescido a um terço do tamanho do Brasil.

Somente uma criança de sua amada primeira esposa Khadija sobreviveu, a bela Fátima. Ela cresceu até a idade adulta, se casou e teve filhos, que também sobreviveram. Atualmente, é através de Fátima que todos os descendentes de Maomé, chamado *xarifes* e *sayyids*, traçam sua ascendência. O marido de Fátima, Ali ibn Abi Talib, primo e filho adotivo de Maomé, foi seu primeiro convertido depois de Khadija. Ali e Fátima tinham dois filhos no momento da morte de Maomé.

Como o parente de sangue mais próximo, muitos pensaram que Ali deveria ser o líder sucessor de Maomé. Depois de muita discussão, ele foi rejeitado em favor de um rico comerciante de tecido de Meca que havia sido um dos primeiros conversos e companheiro de Maomé em sua famosa fuga de camelo dez anos antes. Seu nome era Abu Bakr. Ele também era o pai da esposa favorita de Maomé, Ayesha, e tinha sido nomeado para ocupar o lugar do profeta para dirigir as principais orações públicas no momento da última doença de Maomé.

As revelações foram para Maomé, portanto Abu Bakr não poderia sucedê-lo plenamente. No entanto, foi-lhe dada autoridade sobre as funções seculares políticas e administrativas do império, com o título “Khalifah Rasul Allah” significa “Sucessor do Mensageiro de Deus”. Em português o título geralmente é abreviado para “califa”, e lhe foi entre-

gue a chefia de Estado dos países muçulmanos. O escritório do califado islâmico permaneceu uma instituição islâmica até o momento da criação da República Turca, em 1924, quando foi abolida pelo governo secular de Kemal Atatürk.

Embora a transição após a morte de Maomé tenha sido repentina e inesperada e chegou a causar um mal-estar aos seguidores de Ali, marido de Fátima, as tribos permaneceram unidas sob Abu Bakr.

### A rápida expansão do Império Islâmico

Antes de morrer Abu Bakr designou Omar ibn al-Khattab como seu sucessor. O califa Omar (ou Umar) foi o primeiro califa a assumir o ilustre título de *Amir al-Muminin*, que significa “comandante dos fiéis”. Foi durante seu reinado de dez anos que a primeira grande onda de expansão territorial islâmica ocorreu quando os filhos de Ismael expandiram-se em todas as direções, além da sua antiga pátria no deserto.

O califa Omar era um hábil comandante de suas tropas e provou ser um adversário formidável para as duas grandes superpotências da época, os Impérios Bizantino e Persa. O Império Bizantino foi o Império Romano do Oriente, que tinha se desenvolvido a partir do antigo Império Romano depois de Constantino, no século IV, e havia estabelecido uma nova capital em Bizâncio (renomeada Constantinopla, por ele mesmo)—hoje Istambul, Turquia. Este império controlava a Ásia Menor, a península do Egeu, grande parte do norte da África e do Oriente Próximo.

Para o nordeste da Península Arábica existia o Império Persa, ou Sassânida. Os Impérios Persa e Bizantino estavam constantemente lutando entre si, enfraquecendo-se e tornando-se vulneráveis ao novo, vigoroso, zeloso e jovem Império Islâmico vindo da Arábia. O Império Sassânida caiu, mas o Bizantino manteve-se como um império continuamente ameaçado e encolhendo até finalmente cair diante dos muçulmanos turcos em 1453.

Aos gritos de *Allahu Akbar* (“Deus é Grande!”), a chamada islâmica às armas, guerreiros árabes montando camelos e cavalos eram adversários formidáveis e derrotavam todas as forças que era enviadas contra eles. Desde os tempos de Alexandre, o Grande, não tinha havido força seme-

lhante, conquistando tudo e tão rapidamente. Um século de conquista estava diante deles. A Síria e a Terra Santa foram conquistadas em 635 a 636; a área do Iraque, no ano seguinte; o Egito e a Pérsia, quatro anos depois.

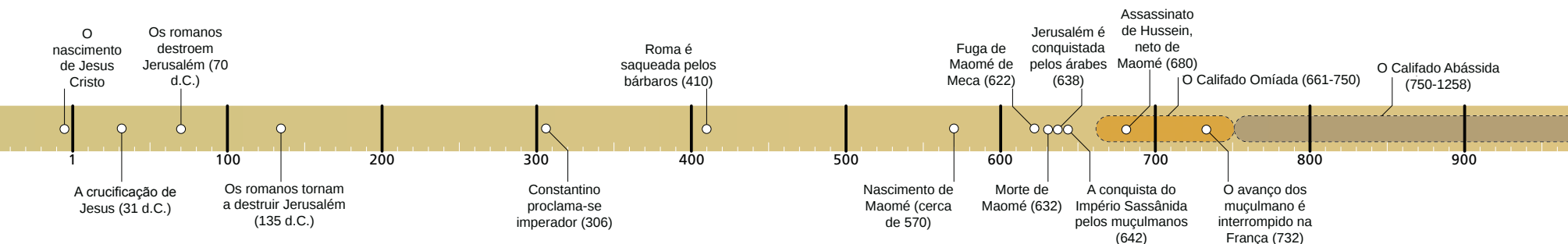
Jerusalém foi o seu maior troféu, conquistada em 638. Chamada *Al-Kuds* em árabe, que significa “a Santa”, Jerusalém continua sendo a terceira cidade santa do Islamismo, depois de Meca e Medina. Os muçulmanos acreditam que Maomé subiu ao céu em seu corcel alado Burak da rocha que pode vista no interior do Domo da Rocha, construído no final do sétimo século e uma das obras arquitetônicas mais magníficas da terra.

Os muçulmanos também acreditam que este é o lugar onde Abraão veio sacrificar seu filho—seu filho Ismael em vez de Isaque como atesta a Bíblia (Gênesis 22:1-14). Construído sobre a grande plataforma do Monte do Templo que havia sido erguido séculos antes por Herodes, o Grande, o Domo da Rocha e sua zona circundante é hoje o pedaço de terra mais disputado do planeta.

Dentro de um século após a morte de Maomé, o Império Árabe se expandiu desde o Oriente Médio no Norte da África até a Espanha no oeste e no leste para toda a Ásia Central e Índia. Um de seus avanços ainda alcançou as portas de Paris, antes de ser interceptado por Charles Martel, na Batalha de Tours perto de Poitiers, em 732, exatamente cem anos após a morte de Maomé.

A rápida expansão muçulmana foi então interrompida até ao século XII, quando outra grande expansão do Islamismo ocorreu sob os Sufis (místicos muçulmanos) que espalharam o Islã por toda a Índia, Ásia Central, Turquia e África Subsaariana. Os comerciantes muçulmanos ajudaram a espalhar a religião ainda mais, para a Indonésia, Península Maláia e China.

“O igualitarismo essencial do Islamismo no seio da comunidade dos fiéis e sua discriminação oficial contra os seguidores de outras religiões rapidamente ganhou adeptos”, observa a *Enciclopédia Britânica* (*Encyclopaedia Britannica*, “Islamismo”, 15a edição, vol. 9, pág. 912). Embora judeus e cristãos, como “povo do Livro” fossem tolerados, mas tiveram que pagar um imposto especial chamado *jizyah*. No entanto, “os



pagãos . . . eram obrigados a aceitar islamismo ou morriam” (ibidem).

Após o assassinato do califa Omar, em novembro de 644, enquanto dirigia orações na mesquita de Medina, um corpo de eleitores, uma vez mais ignorou Ali na escolha de um sucessor. O califado foi concedido a Uthman ibn Affan, que tinha sido um dos primeiros convertidos ao Islamismo e um companheiro próximo do profeta.

Durante esse período de governo o Alcorão foi concluído em sua forma atual. Antes, a maioria de seu conteúdo simplesmente tinha sido memorizado pelos seguidores de Maomé (ele era analfabeto e só memorizava). Então, esses relatos foram coletados por uma equipe de homens autorizados a juntar os escritos sagrados, sob a liderança do estudioso islâmico Zayd ibn Thabit.

Os muçulmanos acreditam que o Alcorão é a palavra literal de Deus (*Kalimat Allah*), e não as palavras de Maomé. As primeiras palavras do Alcorão são *Bism'illah ir-Rahman ir-Rahim*, que significa “Em nome de Allah, o Clemente, o Misericordioso”.

### O Islamismo se divide por causa da sucessão

Uthman governou por doze anos (644-656) até ser assassinado em Medina. Seu assassinato desencadeou conflitos religiosos e políticos dentro da comunidade islâmica que persistem até hoje.

Após a morte de Uthman, a liderança da comunidade finalmente foi entregue a Ali, o já idoso marido de Fátima, que vivia na aposentadoria como um estudioso. Para seus seguidores, Ali foi o primeiro e único califa legítimo. A maioria dos muçulmanos aceitaram-no como o quarto califa, mas muitos estavam radicalmente contra seu governo.



*O Domo da Rocha em Jerusalém é um dos mais famosos santuários religiosos. Construído a partir de 685-691 d.C. em cima da plataforma do templo erigido séculos antes por bíblico rei Herodes, o Grande, e ainda é um importante ponto de inflamação entre israelenses e árabes.*

O império iria sofrer contínuas disputas políticas e religiosas, revoltas e rebeliões. Cinco anos mais tarde Ali também foi assassinado. Antes que qualquer de seus filhos

pudesse ser apontado como sucessor, o sobrinho de Othman, o chefe do ramo Omíada (ou Omayyad) da tribo Koreish, assumiu o controle, trazendo a disputa entre as facções a uma crise.

Os seguidores de Ali acreditavam que todos os califas tinham que descender dele como parente de sangue próximo a Maomé. Este grupo foi chamado de “partido de Ali” (em árabe, o *Shiat Ali*, ou Xiitas). Por outro lado, a maioria acreditava que qualquer um poderia ser nomeado califa, independente da linhagem. Este grupo foi chamado de muçulmanos sunitas, *sunna* significando o “caminho” ou a “passagem” do Profeta. Em contraste com os xiitas, os sunitas geralmente têm aceito a regra dos califas.

A situação tornou-se violenta no ano 680 quando Hussein, filho de Ali e neto de Maomé, foi morto junto com setenta e dois parentes e companheiros em Karbala, onde hoje é o Iraque. Agora, os xiitas tinham um mártir. Eles cresceram em número e em determinação, e estavam cada vez mais amargurados com o domínio dos muçulmanos sunitas. Esta animosidade continua até os dias atuais.

A maioria sunita compõe cerca de oitenta e cinco por cento de todos os muçulmanos e os xiitas (ou Shia) constituem o restante. Apesar de terem chegado a um acordo sobre os fundamentos do Islamismo, as divergências políticas, teológicas e filosóficas têm aumentado ainda mais o fosso entre os dois grupos. Para complicar ainda mais as coisas tem existido uma tendência entre os muçulmanos xiitas de dividir-se em várias seitas.

Atualmente, os xiitas são a força dominante no Irã e a maior comunidade religiosa do Líbano e do Iraque. Visto que muitos se lembram do fanatismo da Revolução Iraniana que derrubou o xá em 1979, então pensam que os xiitas são inclinados ao terrorismo. No entanto, a maioria dos terroristas anti-ocidentais vêm da seita Wahhabi do islamismo sunita, que se originou na Arábia Saudita, no século XVIII.

Uma das atrações do Islamismo é a ênfase na *Ummah* ou comunidade. “Embora tenham existido muitas seitas e movimentos islâmicos, todos os seguidores estão ligados por uma fé comum e um senso de pertencer a uma única comunidade” (ibidem, pág. 912). Este sentido de comunidade tem sido ainda mais reforçado nos últimos duzentos anos, durante o período de supremacia ocidental. Alcançar a unificação árabe e islâmica é um grande desejo de todo o mundo muçulmano de hoje.

### Ismael torna-se a “grande nação” profetizada

Após a morte de Ali os omíadas tornaram o califado um cargo hereditário, governando de Damasco por quase um século, até 750. Durante esse tempo, a maior parte da Península Ibérica (Espanha e Portugal) foi conquistada junto com o resto do Norte da África. Ao leste, os exércitos islâmicos tomaram conta da Ásia Central indo em direção a Índia e a China. Antes do fim do seu período de governo, os muçulmanos constru-

íram um império que era maior do que Roma, convertendo milhões ao Islamismo.

Os omíadas foram substituídos pela dinastia abássida, cujos trinta e sete califas governaram de Bagdá durante cinco séculos (750-1258). Nesta época, enquanto grande parte da Europa ainda estava na Idade das Trevas (isolada em grande parte, pelos muçulmanos hostis ao longo de suas fronteiras), o mundo islâmico foi uma grande civilização, preservando a literatura e a aprendizagem do mundo antigo e liderava o mundo em conhecimento e compreensão da matemática, química, física, astronomia, geografia e medicina.

Como tinha sido divinamente prometido a Abraão e Agar sobre seu filho muitos séculos antes, Ismael realmente se tornou uma “grande nação” (Gênesis 17:20; 21:18)—um dos maiores impérios que o mundo já conheceu.



*Durante o longo período de controle muçulmano sobre Jerusalém, dois dos locais mais sagrados do Islamismo, o dourado Domo da Rocha e a Mesquita de Al Aqsa (a cúpula cinza menor, à esquerda), foram construídos em cima da maciça plataforma de Herodes, o Grande, no primeiro século, onde ficava o templo nos dias de Cristo.*

### As Cruzadas: A batalha pela Terra Santa

Durante os reinados dos califas abássidas, um grande confronto ocorreu entre o Islamismo e a Europa Católica. Com a expansão do Islamismo na Península Ibérica e a tentativa de conquistar a França, já havia conflito entre os dois, mas quando as forças islâmicas voltaram-se para Jerusalém

Como todas as civilizações, no entanto, a dinastia abássida chegou a um fim depois de cair em uma lenta decadência e declínio. Durante este período, sua autoridade central diminuiu, a unificação do Islamismo foi destruída, um problema que frustra os muçulmanos até hoje. O golpe mortal para o império veio quando as hordas mongóis desceram sobre Bagdá em 1258, matando o último califa, e massacrando os habitantes da cidade e pondo fim ao império.

em 15 de julho de 1099, iniciou-se um longo período de rivalidade entre as duas forças religiosas.

Os cruzados europeus saquearam, estupraram, assassinaram e escravizaram os habitantes de Jerusalém em um frenesi de carnificina que os judeus e muçulmanos se lembram até hoje. A Cúpula da Rocha sagrada foi tomada e transformada em uma igreja, com a cruz cristã substituindo o crescente islâmico. Os muçulmanos se indignaram e prometeram retomar a cidade dos infieis (quesignifica “descrentes”—originalmente uma palavra latina usada por católicos para rotular os muçulmanos).

Somente em 2 de outubro de 1187 é que as forças islâmicas foram capazes de retomar o controle de Jerusalém, sob a liderança de Saladino (*Salah ad-Din*, que significa “justiça da fé”), o sultão do Egito e da Síria. Saladino anunciou uma jihad (guerra santa) para retomar a Palestina dos inimigos do Islã.

A cruz dourada no topo do Domo da Rocha foi substituído pelo crescente muçulmano, mas Saladino não se vingou de seus oponentes. Em vez disso, ele tratou os soldados inimigos e a população civil com misericórdia e bondade—um forte contraste com os europeus, que massacraram dezenas de milhares, quando tomaram a cidade.

Haveria mais Cruzadas por mais um século, brevemente retomando Jerusalém de 1229 a 1239 e de 1243 a 1244, mas as forças da cruz, no fim, tiveram que deixar a Terra Santa para os muçulmanos. E não foi até 1917, durante a Primeira Guerra Mundial, que os cristãos do Ocidente foram mais uma vez capazes de retomar Jerusalém, e depois mantiveram o controle da cidade por apenas três décadas.

### A ascensão do Império Otomano

A próxima grande potência da região foi a dos turcos otomanos, que



*A enorme Basílica de Santa Sofia (Hagia Sophia) do século VI, em Istambul, Turquia (antiga Constantinopla), foi um dos grandes marcos da cristandade até o Império Bizantino cair nas mãos dos turcos otomanos em 1453. Os otomanos transformaram-na em uma mesquita, acrescentando os minaretes e outras estruturas.*

tomaram o controle de Constantinopla, em 1453 e, finalmente, destruíram o enfraquecido Império Bizantino fundado por Roma mais de um milênio antes. Os turcos, um povo islâmico, mas não árabe, passou a controlar Jerusalém em 1517 e dominaram o Oriente Médio nos seguintes quatro séculos.

Os otomanos expandiram-se rapidamente para o sudeste da Europa até às portas de Viena, antes de serem empurrados de volta no final do século XVII. Depois veio um período de declínio no século XIX durante o qual as nações dos Balcãs e Norte da África se separaram do domínio otomano.

Os árabes se ressentiam do controle turco e esperaram pacientemente por uma oportunidade para recuperar sua independência e a glória de dias antepassados.

Os filhos de Ismael seriam ouvidos novamente.

## Os Judeus: Da dispersão ao Moderno Estado de Israel

**N**a época em que o profeta Maomé pregava os dogmas da nova religião islâmica, os judeus não dispunham de um Estado há cerca de cinco séculos.

Eles se rebelaram contra o domínio romano em 66 d.C., uma rebelião que levou quatro anos para ser sufocada pelos romanos. Depois disso, o templo de Jerusalém estava em ruínas.

Depois, outra rebelião de 132 até 135 (a revolta de Bar Kochba) trouxe a total destruição de Jerusalém. Os romanos construíram uma nova cidade sobre os escombros, renomeando-a para Aelia Capitolina. A nenhum judeu era permitido pisar lá, sob pena de morte. O Estado judeu não existia

mais. E não voltaria a existir novamente até meados do século XX.

Depois da derrota nas duas revoltas judaicas, muitos sobreviventes judeus fugiram da Judéia para outras partes do Império Romano e além. De 638 a 1917 Jerusalém seguiu sob domínio islâmico, exceto por um curto período de tempo durante as Cruzadas.

Espalhados por todas as nações, o povo judeu desejava voltar à sua pátria. Perseguidos pelos governos e pela igreja romana, que negou-lhes igualdade de direitos, e muitas vezes expulsos das nações em que tinham se estabelecido, o sofrimento do povo judeu continuou através dos séculos.

Ao fim do século XIX, os

judeus começaram a retornar à sua terra natal com o nascimento do movimento sionista. E sob o domínio do decadente império Turco-Otomano, os judeus retornaram juntando-se a outros judeus que permaneceram na região por séculos. Eles prosperaram e cresceram em número.

Em 1917, após a derrota dos turcos otomanos, a região ficou sob o controle britânico. No mesmo ano, o governo britânico anunciou a Declaração Balfour, chamada assim por causa do ministro do Exterior britânico Arthur Balfour, que prometeu aos sionistas uma terra natal na Palestina. Enquanto isso,

ram muito fenquentes. A resistência judaica contra o domínio britânico e a guerra civil incontrolável culminou em uma retirada britânica e na divisão da Palestina pela Organização das Nações Unidas. A Resolução 181 aprovada pela ONU em 1947 propôs ao governo britânico dividir a Palestina em um Estado judeu e um Estado árabe, tornando Jerusalém uma cidade internacional administrada pela ONU. A resolução foi aceita pelos judeus na Palestina, mas rejeitada pelos árabes de lá e por todos os Estados árabes.

O Estado de Israel foi proclamado na noite de 14 para

***A maioria do povo judeu ainda reside fora da terra de Israel, muitos vivem nos Estados Unidos, Europa e Rússia.***

incentivando a revolta árabe contra os turcos otomanos, aliados da Alemanha na Primeira Guerra Mundial, os britânicos estavam prometendo aos árabes a independência, oferecendo-lhes suas próprias pátrias—duas promessas que provariam, de maneira violenta, ser contraditórias.

Durante as três décadas de domínio britânico, a população judaica na região continuava a crescer e passou a ser vista cada vez mais como uma ameaça pela população nativa árabe. Os confrontos entre os dois grupos étnicos se torna-

15 de maio de 1948, com uma população de meio milhão. E foi imediatamente atacado pelos exércitos de cinco países árabes—Líbano, Síria, Arábia Saudita, Jordânia e Egito. Israel venceu, mas décadas de violência se seguiram, com mais guerras em 1956, 1967, 1973 e 1982. O ressentimento árabe pela existência de Israel segue sem solução, o Estado judeu ainda está inseguro nessa região problemática e hostil.

A maioria do povo judeu ainda reside fora da terra de Israel, muitos vivem nos Estados Unidos, Europa e Rússia.

# A Criação do atual Oriente Médio

*Por centenas de anos os árabes não tiveram seu próprio governo.*

Desde a conquista das terras árabes pelos turcos otomanos no início do século XVI, eles não foram um povo independente. Até à Primeira Guerra Mundial a maioria do mundo árabe era parte do Império Otomano. Outras regiões árabes tinham-se tornado territórios coloniais das potências europeias durante o século XIX com o declínio do Império Otomano.

Os árabes ansiavam por uma nação de língua árabe livre e independente. No século XX eles tornaram-se independentes—todavia não só uma nação, mas mais de vinte nações. Uma grande frustração para o mundo árabe hoje é a existência de vinte e dois países árabes e pouca perspectiva imediata de unificação.

Enquanto eram súditos do sultão otomano ao início do século XX, o mundo árabe estava em paz. Portanto, poucos teriam imaginado como esta região mudaria fundamentalmente nas próximas décadas. No ano 1900, o Oriente Médio era de fato, como descrito na introdução, um “remanso político”.

O catalisador que rearranjou o mapa regional foi a Primeira Guerra Mundial. O assassinato do arquiduque austríaco Franz Ferdinand em Sarajevo em 28 de junho de 1914, foi o evento que desencadeou a guerra. Dentro de semanas todas as grandes potências da Europa estavam envolvidas. Os problemas nos Balcãs estavam aumentando, causados pelo declínio do Império Otomano que se retirou desses territórios. O sentimento nacionalista entre os diversos grupos étnicos estava incitando os ânimos contra o domínio imperial estrangeiro, direcionado contra o Império Austro-Húngaro, assim como aos turcos.



Shaun Venish

No início da guerra, não estava claro de que lado ficariam os otomanos. Finalmente, eles optaram por apoiar a Alemanha e Áustria contra a aliança da Grã-Bretanha, França e Rússia. Isto provou ser um erro fatal de julgamento. Dentro de poucos anos o Império Otomano entrou em colapso e chegou ao fim a dominação turca no mundo árabe, após séculos de domínio.

Um século depois ainda é difícil compreender como o assassinato de um arquiduque europeu completamente desconhecido poderia levar a uma turbulenta mudança e a um século de quase interminável violência, pois aquele tiro, ouvido à volta do mundo, ainda continua ecoando.

## Aspirações nacionalistas e étnicas levam a mudanças

Antes do assassinato, aspirações étnicas estavam surgindo por toda a Europa e Oriente Médio. Na era vitoriana o imperialismo estava em voga. A ideia de que uma nação, geralmente considerada superior, poderia

governar sobre as outras menos capazes, era perfeitamente aceitável numa Europa dominada pelos impérios multi-étnicos.

Muitos desses impérios foram bastante benignos, permitindo que diferentes grupos étnicos



Shaun Venish

dentro de suas fronteiras usufruissem de certa liberdade, incluindo a liberdade de comercializar e prosperar. Mas o desejo de uma pátria natal foi tomando forma, em parte pelo resultado do aumento das oportunidades educacionais que incentivaram a leitura da literatura nacional, promovendo assim um senso de identidade nacional.

Este aumento da consciência étnica não se limitou à Europa. O Oriente Médio foi outra área onde as pessoas queriam realizar suas aspirações nacionais.

A tendência de cada grupo étnico na busca da independência era o que desempenharia um grande papel no século XX, cumprindo as palavras de Jesus Cristo em Mateus 24. Quando questionado por seus discípulos qual seria o sinal de Sua vinda e do fim dos tempos, um dos problemas Ele previu foi um aumento da tensão étnica. “Porquanto se levantará

nação contra nação, e reino contra reino”, assim profetizou (versículo 7). A palavra grega traduzida como “nação” é *ethnos*—da qual a palavra portuguesa étnica é derivada.

Com o desenvolvimento das instituições democráticas em vários países, os grupos étnicos tinham representação em capitais e puderam pressionar por mais autonomia. Muitos, no entanto, queriam a independência total. Esta tensão foi uma das principais causas da Primeira Guerra Mundial e uma deliberação importante na conferência de paz em Paris que veio logo a seguir.

A conferência de Paris levou ao Tratado de Versalhes em 1919, o qual levou à criação de novos países na Europa e no Oriente Médio. Os velhos impérios se foram—novas e pequenas nações substituíram-nos, complicando ainda mais as relações internacionais. A “guerra para acabar com a guerra” tinha sido substituída pela “Paz para acabar com a Paz”, como observou o oficial britânico Archibald Wavell.

### Preparação para a revolução árabe

Na véspera da Primeira Guerra Mundial os britânicos já constituíam uma grande potência no Oriente Médio. A princípio, eles se envolveram para proteger sua linha vital com a Índia, o bem mais precioso do Império Britânico. Benjamin Disraeli, um primeiro-ministro britânico de ascendência judaica, tinha arranjado o financiamento do Canal de Suez, considerada uma artéria vital do império.

Os britânicos controlavam o Egito, o local do canal, mas não anexaram o Egito como uma colônia. Eles também governavam Aden (Iêmen), na ponta sul da Arábia, e mantinham outros territórios estratégicos ao redor do Golfo Pérsico.

Assim, quando a Primeira Guerra Mundial eclodiu, os britânicos estavam em uma posição perfeita para patrocinar uma revolta árabe contra os turcos, aliados de seu inimigo, a Alemanha. Esta revolta árabe começou no Hejaz, a região costeira da Arábia ao longo do Mar Vermelho, onde situam-se Meca e Medina, em 10 de junho de 1916, já dois anos de Primeira Guerra Mundial. A revolta foi liderada pelo Sharif de Meca e grande líder do clã hachemita, Hussein ibn Ali (1852-1931), um descendente de Maomé através do neto do profeta Hasan. Hussein era um antepassado do atual monarca jordaniano, também um Hachemita.

Ironicamente, nesta revolta os árabes estavam lado a lado com forças britânicas cristãs contra os turcos muçulmanos, mas o desejo de uma nação árabe independente foi soberano. Dois dos filhos do sharif lideraram as forças árabes, financiadas pela Grã-bretanha e auxiliadas em campo pelo famoso soldado britânico T. E. Lawrence (Lawrence da Arábia). Os árabes entendiam que aquela vitória significaria uma nação árabe.

Esse entendimento surgiu como resultado da correspondência entre o

alto comissário britânico no Egito, lorde Henry McMahon, e Sharif Hussein entre 14 de julho de 1915 e 30 de março de 1916. Em uma série de dez cartas confidenciais entre os dois, Sharif Hussein ofereceu-se para ajudar os britânicos nesse levante contra os turcos, em troca de uma promessa de independência para os árabes após a vitória. Os britânicos concordaram com os termos, com exceção de algumas áreas, incluindo aquelas sob controle britânico.

A insurreição foi bem sucedida. E em outubro de 1917 as forças aliadas comandadas pelo general britânico Allenby invadiram a Palestina e tomaram Jerusalém em 9 de dezembro. Pela primeira vez desde a derrota do cruzados em 1244 a cidade novamente estava nas mãos de cristãos. Agora, depois de quatrocentos anos de paz sob o domínio otomano, inicia-se um século de conflito focalizado na Cidade da Paz.

No início do mesmo ano os britânicos tinham tomado Bagdá. No ano seguinte, Damasco caiu. Três dias depois de vencer as forças da revolta árabe, o general Allenby e o príncipe Faisal, filho de Sharif Hussein, entraram na cidade. Faisal, comandando mil cavaleiros, foi saudado pela população, aliviada com o fim do domínio otomano e exultante com a



*Enquanto a maioria dos povos da região têm raízes antigas, a maior parte das nações do Oriente Médio têm uma existência relativamente curta. Este mapa mostra as fronteiras modernas e as datas em que estes países ganharam independência.*

perspectiva de um reino árabe independente.

Após a derrota das potências do Eixo, os impérios da Alemanha, Áustria e os otomanos entraram em colapso. O Império Russo—aliado à Grã-Bretanha, França e, mais tarde, aos Estados Unidos—já havia cedido ao comunismo.

O mundo nunca mais seria o mesmo. A Primeira Guerra Mundial marcou o fim da velha ordem.

### Promessas contraditórias preparam o palco para outro conflito

Ansiosos para ganhar a guerra, os britânicos tinham feito promessas contraditórias aos árabes, aos judeus e também aos seus aliados, os franceses e russos.

Em novembro de 1917, com a queda da Rússia, pelos bolcheviques, os revolucionários de repente se viram em posse de documentos secretos do regime czarista e do ex-governo interino. Eles publicaram um acordo secreto feito em maio de 1916, citado como o acordo Sykes-Picot, por causa de Sir Mark Sykes e Georges Picot, os encarregados principais da negociação anglo-francesa. Este acordo mostrou que os britânicos e franceses tinham planos para dividir o Império Otomano, dividindo os despojos entre si, sem dar qualquer território aos árabes.

No mesmo mês, apenas cinco dias antes que os bolcheviques tomaram o poder na Rússia, os ingleses haviam publicado a famosa Declaração Balfour, em homenagem a seu secretário de Relações Exteriores, Arthur James Balfour. Esta declara-



*Imigrantes judeus da Europa arrasada pela guerra chegam no porto de Haifa, no início de 1948, à esquerda. À direita, David Ben Gurion, primeiro-ministro de Israel, declara a criação do moderno Estado de Israel em 15 de maio de 1948, pouco antes de o mandato britânico chegar ao fim.*

ração prometia apoio britânico para uma nação judia na Palestina. Estas promessas contraditórias causariam intermináveis problemas para os ingleses nos anos seguintes—e problemas ainda maiores para os árabes e judeus.

Os árabes lutaram com os ingleses contra os turcos, contribuindo para a vitória dos Aliados sobre as potências da Europa Central. Em troca, eles esperavam o controle total de todas as terras árabes, além daquelas

já sob o domínio colonial europeu, como o Egito, o Aden (Iêmen) e a Argélia. Eles certamente esperavam que a península árabe, o Iraque, a Síria e a Palestina passassem a ser direta e exclusivamente controlada pelos árabes.

A Palestina, nome moderno para os antigos territórios bíblicos de Israel e Judá, muitas vezes referida como a Terra Santa, estava sob controle islâmico desde o século VII, exceto por um breve período durante as Cruzadas, no século XI. Os judeus podiam viver na Palestina, mas qualquer tentativa de criar uma pátria judaica seria impedida.

Na conferência de paz em Paris, onde foi assinado o Tratado de Versalhes, os delegados árabes (e T.E. Lawrence) foram traídos quando os aliados vitoriosos dividiram o Império Otomano entre as esferas de influência britânicas e francesas. A recém-formada Liga das Nações deu oficialmente a Grã-Bretanha permissão para governar a Palestina, a Transjordânia e

o Iraque. O França recebeu permissão semelhante para governar a Síria e o Líbano. Nem os judeus nem os árabes receberam o que lhes havia sido prometido—pelo menos, não nessa altura.

### A Grã-Bretanha herda um dilema

A Palestina era um enorme problema. Por um tempo os ingleses permitiram a imigração irrestrita dos judeus, mas isso levou



a protestos árabes. Temerosos de uma tomada de poder pelos judeus, os árabes exigiram que a Grã-Bretanha acabasse com a imigração judaica. Assim eles fizeram, mas na véspera da Segunda Guerra Mundial, na qual seis milhões de judeus seriam condenados à morte no Holocausto nazista. A rota de fuga para a Palestina havia sido cortada justamente quando era mais necessária.

Nas três décadas que os ingleses controlaram a Palestina, o mapa político da região continuava a mudar. Os egípcios recuperaram sua soberania em 1922 e o Iraque em 1932, embora a Grã-Bretanha continuasse tendo uma influência considerável em ambas as nações. O Líbano recebeu a independência da França em 1941. A Síria cinco anos depois, em 1946, mesmo ano em que os ingleses criaram um Estado Árabe Palestino independente, quando se deu a independência a Transjordânia (abreviado para Jordânia).

Após o fim da Segunda Guerra Mundial em 1945, a Grã-Bretanha estava exausta e começou a sua retirada do império. Ao Paquistão e à Índia foram dadas a independência em 1947. A retirada da Palestina seguiria menos de um ano depois.

Os ingleses já não podiam manter a paz entre árabes e judeus. Terroristas judeus causaram uma explosão no hotel Rei Davi, quartel-general militar britânico em Jerusalém, com a perda de quase cem soldados britânicos. E ali, como na Índia, não havia mais nenhum apoio interno que justificasse a Grã-Bretanha arriscar as vidas de seus homens para preservar a paz entre as forças hostis. Os ingleses informaram a recém-formada Nações Unidas, sucessora da antiga Liga das Nações, que iriam deixar a Palestina, dando um prazo de seis meses à ONU.

### O nascimento de Israel

As Nações Unidas votaram para dividir a Palestina entre os árabes e judeus, com Jerusalém tornando-se uma cidade internacional. Os israelenses aceitaram o plano, mas os árabes rejeitaram-no. Com a saída britânica, os líderes judeus proclamaram o nascimento da nação judaica independente de Israel na noite de 14 para 15 de maio de 1948. Dentro de poucas horas, os exércitos de cinco nações árabes vizinhas atacaram a Israel, determinados a destruir o novo Estado com sua população de apenas meio milhão de habitantes.

A guerra durou até o início do ano seguinte, com Israel ganhando território, além da terra concedida pela resolução da ONU. A maioria dos árabes daquelas áreas deixaram suas terras e tornaram-se refugiados desde então, confinados em assentamentos improvisados na Cisjordânia, Gaza, Líbano, Síria, Jordânia e Egito. Aos árabes que permaneceram em Israel foi-lhes concedido a cidadania no novo país—e, ironicamente, hoje gozam de mais liberdade pessoal do que seus compatriotas que vivem em países governados por árabes.

Mais guerras viriam. Em 1956, Israel aliou-se aos ingleses e franceses contra o Egito, numa tentativa de retomar o Canal de Suez, confiscado pelo governo revolucionário do Egito. A intervenção norte-americana forçou as três nações a recuarem, assim dando um grande impulso ao nacionalismo árabe. Dentro de poucos anos os franceses perderam a Argélia e tornaram-se irrelevantes na região. Os ingleses perderam quase todo o império dentro de uma década desde a crise do Canal de Suez e se retiraram completamente da região em 1971.

E foram substituídos pelos norte-americanos e soviéticos, os dois países antagonistas da Guerra Fria, os quais usavam Estados representantes no Oriente Médio para frustrar os interesses e as ambições um do outro.

### Os antigos impérios foram varridos do mapa

Mas o nacionalismo árabe seguia incontrolável. O desejo de unificação

árabe ainda estava na mente do povo em todo o Oriente Médio.

E os árabes não estavam sozinhos no intuito de acabar com o domínio colonial europeu. Novas nações ao redor do mundo nasceram do colapso dos impérios europeus após a Segunda Guerra Mundial. A Primeira Guerra Mundial presenciou o colapso dos impérios europeus que governavam grande parte da Europa. Agora, esses impérios que tinham colônias em todo o mundo seguiram o mesmo exemplo. Nunca antes o mapa do mundo tinha mudado de maneira tão dramática.

Para ilustrar como essa mudança fundamental aconteceu, basta obser-



*Os países árabes possuem a maioria das reservas de petróleo conhecidas do mundo—a força vital da economia global. Portanto, é de se admirar que o Oriente Médio e o Islã, repentinamente, estejam em primeiro plano nos assuntos mundiais?*

var que logo após o Tratado de Versalhes de 1919 não havia nações árabes independentes. Além da Pérsia (Irã) e do Afeganistão, ambos países não-árabes, não havia nações islâmicas independentes em nenhum lugar na Terra.

A queda do sultão otomano levou à criação da secular República Turca—isto é, enquanto o seu povo permaneça em sua maioria islâmico, o governo tornou-se oficialmente secular e dirigido ao Ocidente. Embora o Egito fosse independente desde 1922, o seu rei não era árabe e os ingleses ainda dominavam o país nos bastidores. Todas as outras regiões islâmicas do mundo estavam sob o controle europeu. Curiosamente, o maior poder islâmico neste época era a Grã-Bretanha em virtude de governar o subcontinente indiano, incluindo o atual Paquistão, Bangladesh e Sri Lanka.

Hoje, existem cinquenta e sete nações islâmicas, a maioria governada por muçulmanos. E isto inclui os vinte e dois países árabes, que detêm a maioria das reservas de petróleo conhecidas no mundo—a força vital da economia mundial. Portanto, é de se admirar que o Oriente Médio e o Islã, repentinamente, estejam em primeiro plano nos assuntos mundiais?

## Uma Crescente Onda de Nacionalismo Árabe

Um dos crescimentos mais significativos na região, depois do Tratado de Versalhes encerrando a Primeira Guerra Mundial, tem sido a ascensão do nacionalismo árabe.

Frustrados com a traição das potências europeias, os iraquianos se rebelaram contra seus governantes ingleses. E os ingleses logo se arrependeram de se envolver com o Iraque, pois custou-lhes uma grande soma de dinheiro para pouco ou nenhum retorno. Nessa altura a Grã-bretanha já estava debilitada financeiramente e, depois de lutar na Primeira Guerra Mundial por mais de quatro anos, se viu forçada a tentar manter a paz em uma região hostil.

O estabelecimento de uma pátria judaica independente

de partes do mundo árabe, mas agora eles combatiam o que consideravam uma colônia de infiéis ocidentais com intenções de viverem permanentemente em terra árabe.

No princípio, os árabes não culpavam o Ocidente pela existência de Israel. Nos primeiros dias do Estado judeu, os países comunistas da Europa Oriental tiveram um papel vital em assegurar que as pessoas tivessem armas para lutar contra os exércitos árabes. Porque muitos israelenses viviam em fazendas comunais chamadas *kibutzim*, então os países do bloco soviético pensaram que Israel seria um ponto de apoio para eles no Oriente Médio, uma região ainda sob o domínio das potências da Europa imperial na época.

***Não há dúvida de que a história do Oriente Médio após a Segunda Guerra Mundial teria sido completamente diferente se a nação moderna de Israel não tivesse sido criada.***

também era de grande importância. Não há dúvida de que a história do Oriente Médio após a Segunda Guerra Mundial teria sido completamente diferente se Israel não fosse criado. Foi bastante difícil para os árabes aceitarem o domínio europeu

Mais tarde, os judeus norte-americanos tiveram um papel essencial na obtenção de apoio norte-americano para o que também é a única democracia de estilo ocidental na região. Enquanto isso, os soviéticos encontraram outro possível

ponto de apoio na região.

Frustrados pela derrota na guerra de 1948 para destruir Israel e indignado com a corrupção de seu governante ocidentalizado, o rei Farouk, os oficiais do exército egípcio derrubaram a monarquia em 1952 e estabeleceram uma república revolucionária no Egito, o que inspirou outros em toda a região. O sonho de unidade árabe parecia estar prestes a ser realizado.

A nova e radical liderança de Gamal Abdel Nasser inspirava aos egípcios e a todos os árabes a expulsarem a influência ocidental. Nasser estatizou o Canal de Suez franco-bretão,



levando a uma missão militar franco-britânica-israelense para recuperar o canal e derrubar o governo radical árabe que ameaçava os interesses ocidentais e israelenses. Mas a administração Eisenhower, com receio do aumento da influência soviética na região, obrigou os aliados a se retirarem. Mesmo assim, os soviéticos continuaram apoiando o Egito e outros países árabes contra Israel pelos próximos vinte e cinco anos.

Agora, Washington e Moscou estavam fortemente envolvidos na região.

Depois do Egito, foi a vez do Iraque derrubar a sua monarquia pró-ocidental. É interessante observar que os reis e outros governantes hereditários do mundo árabe eram normalmente educados no mundo ocidental, principalmente na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos, por isso sua tendência pró-ocidental. E ainda mais importante, era o fato de eles serem *ocidentalizados* e isso irritava seus súditos mais religiosos.

Em 1932, os ingleses tinham deixado o Iraque com um sistema governamental, semelhante ao estilo de governo britânico, uma monarquia constitucional com uma assembleia eleita. Nenhuma destas instituições sobreviveram muito tempo depois da retirada inglesa. Os militares, que eram importantes durante o domínio otomano, assumiram o controle em 1958 em um sangrento golpe em que o rei Hachemita Faisal e a maioria dos membros da família real foram mortos. O governo constitucional não teve muito sucesso no mundo árabe e menos ainda em outros lugares muçulmanos.

E, consequentemente, o Iraque ficou sob o controle da ditadura de Saddam Hussein. Da mesma forma, o rei Idris da Líbia foi derrubado em 1969 e substituído pelo líder radical

anti-ocidental, o coronel Muamar Kadafi. A medida em que as monarquias eram derrubadas as repúblicas sucessoras se tornavam ditaduras. A Síria tornou-se uma república dinástica com o filho do último presidente assumindo control após sua morte. Isso provavelmente seria copiado em outros países árabes. E, certamente, era intenção do Iraque antes da Guerra do Golfo em 2003 que levou à queda de Saddam Hussein.

Em 1958, o Egito, Síria, Iêmen e Emirados Árabes Unidos formaram a República Árabe Unida, uma tentativa de unificação árabe que não durou muito tempo, somente até 1961. Mas o desejo de unificação permaneceu.

Uma das razões detrás desse objetivo persistente era o desejo de serem efetivamente capazes de contraporem-se militarmente a Israel. O Estado judeu alcançou mais uma vitória militar em 1967 na Guerra dos Seis Dias. Provocado por exércitos árabes, Israel travou uma guerra rápida que lhe deu o controle da Cisjordânia (retomada pela Jordânia na guerra de 1948), das Colinas de Golã (antes, propriedade da Síria) e da Faixa de Gaza (conquistada pelo Egito na guerra de 1948). Além disso, pela primeira vez desde a diáspora, os judeus tinham o controle de Jerusalém.

Além disto, houve outra vitória

na Guerra de Outubro de 1973, também conhecida como Guerra do Yom Kippur, porque começou com um ataque árabe multinacional no Dia da Expiação, o dia mais sagrado do ano para os judeus. Entre essas guerras o terrorismo palestino foi iniciado, e depois da guerra de 1973 o mundo árabe passou a usar, pela primeira vez, o petróleo como arma para pressionar o Ocidente, quadruplicando o preço do petróleo e desestabilizando a economia mundial.

Todas estas derrotas serviram apenas para convencer os árabes da necessidade da unificação, que seguia frustrada. Hoje a maioria dos países da região é governada por monarquias conservadoras muçulmanas ou por despóticas nacionalistas e radicais. Embora, em alguns aspectos, essas formas de governos sejam opostas, ambas mantêm o poder sobre seu povo com mão de ferro. [Esta situação está mudando-se, através de várias revoluções e demonstrações].

Nesse caldeirão de nacionalismo, de ressentimento contra o Ocidente, de ódio a Israel e de frustração dos cidadãos com seus próprios governos e líderes, uma antiga força tem ressurgido trazendo terrorismo e preocupação para o coração do Ocidente—o fundamentalismo islâmico.

## O Ressurgimento do Fundamentalismo Islâmico

*Os árabes deram o nome al-Salibiyyah às Cruzadas. O termo é muitíssimo sensível para eles, pois lembra as atrocidades que a Europa cometeu durante a campanha de duzentos anos que almejava trazer a Terra Santa para o controle católico.*

**P**ara os povos do mundo árabe, essas não foram as únicas cruzadas. Em suas mentes, houveram mais duas outras cruzadas.

A seguinte cruzada foi no período colonial, quando o mundo árabe ficou sob o controle da Grã-bretanha, França e de outras potências europeias. Este sonho frustrado de unificação árabe trouxe um sentimento de inferioridade por serem incapazes de derrotar os europeus por um tempo tão longo.

A cruzada atual é, aos olhos dos fundamentalistas, aquela que ameaça a sua forma de vida. É a que muitas vezes é chamada o *imperialismo norte-americano*. Ao contrário dos ingleses e franceses, os norte-americanos não fizeram nenhuma tentativa de anexar um território árabe como colônia dos Estados Unidos. Os próprios norte-americanos estiveram sob o domínio colonial e travaram uma guerra revolucionária para se livrar dele e substituí-lo pela moderna república norte-americana, por isso os norte-americanos não estão inclinados a colonizar como fizeram os europeus do século XIX.

No entanto, inadvertidamente, a cultura norte-americana ameaça o modo tradicional de vida de todos os povos islâmicos. Esta é uma das principais causas de ressentimento, se não ódio declarado, contra os Estados Unidos.



*Peregrinos muçulmanos se reúnem em torno da Kaaba até ao amanhecer para as orações durante o Hajj, a peregrinação a Meca, na Arábia Saudita, que é exigida dos muçulmanos. Vários milhões de seguidores do Islamismo fazem essa viagem a cada ano.*

Em parte, isso é o resultado do avanço tecnológico. O rádio e a televisão trouxeram a cultura ocidental para as casas das pessoas em todo o mundo. Os filmes norte-americanos são universais; onde quer que você vá no mundo parecem estar disponíveis. E a mensagem que eles enviam não é boa. Eles retratam um país imoral e muito violento, muito aquém da realidade de muitas famílias estadunidenses—mas o público estrangeiro não sabe disso. Eles também mostram mulheres liberais e seminuas e crianças sabichonas que demonstram desprezo por seus pais—tudo isso é agressivamente ofensivo aos valores islâmicos.

A difusão da cultura ocidental só tem se agravado nos últimos anos com a introdução da televisão por satélite. Agora mais pessoas podem assistir a filmes e programas de televisão ocidental, resultando em um aumento do sentimento anti-ocidental.

Além disso, as pessoas em todo o mundo árabe agora podem ver ima-



*Mulheres muçulmanas oram, curvando-se em direção a Meca. O Islamismo é uma das religiões de crescimento mais rápido no mundo, com mais de um bilhão de seguidores.*

gens nos noticiários noturnos do sofrimento palestino, e por isso culpam os Estados Unidos. A lógica é simples—Israel mata palestinos, o Estados Unidos apóia Israel, portanto, a culpa é do Estados Unidos.

E como o Estados Unidos é visto como um país violento, ele acaba sendo considerado responsável pela violência. E para exacerbar mais ainda os sentimentos tem havido operações militares norte-americanas contra os muçulmanos, encarado como uma postura anti-islâmica por parte dos Estados Unidos.

O facto de os Estados Unidos e seus aliados terem apoiado os muçulmanos contra os sérvios

e croatas na guerra dos Balcãs na década de 90 é negligenciado. Do ponto de vista de muitos no mundo muçulmano, a libertação, promovida pelos norte-americanos, dos afegãos do regime opressivo do talibã no Afeganistão em 2001-2002 e a guerra do Iraque para derrubar Saddam Hussein do poder em 2003 significaram apenas ataques aos muçulmanos. É bom lembrar que muitos países não permitem a liberdade de imprensa ou transmissões de rádio e televisão, e há geralmente um rigoroso controle das notícias e das opiniões. Isto é a realidade em todo o mundo árabe e muçulmano.

### As raízes do extremismo islâmico

Tais fatores têm contribuído para o crescimento do fundamentalismo islâmico. E não é um fenômeno novo. E como acontece em outras religiões, fundamentalistas vêm e vão. Este tem sido o caso do Islamismo como também do cristianismo nominal.

No século XVIII, Ibn Abdul Wahhab (1703-1792) nasceu onde hoje se conhece como Riade, na Arábia Saudita. Seus seguidores, que formam uma seita sunita, são conhecidos como Wahhabis. Eles são os mais extremos de todos os ramos do Islamismo—violento, intolerante e fanático. Sua ascensão à proeminência na Arábia não foi o resultado das Cruzadas Europeias, mas sim da decadência dos sultões otomanos. Ibn Abdul Wahhab estabeleceu um estado na Península Arábica, que foi formado após a *Ummah* do século VII, uma comunidade islâmica que vivia pela *sharia*, lei islâmica.

O Wahhabismo ainda é a religião dominante na Arábia Saudita, e tem muitos seguidores no Golfo Pérsico. É foi desta área que vieram os terroristas que protagonizam o 11 de setembro de 2001, os ataques contra o World Trade Center em Nova Iorque. Tem sido dito que nem todos os muçulmanos são terroristas, mas todos os terroristas são Wahhabis. Embora isso seja um exagero, é verdade que a maioria das mesquitas nos países ocidentais são financiadas pelos sauditas, com os imãs ensinando seus adeptos a interpretação Wahhabi do Alcorão. Já em 1801, os seguidores de Wahhab estavam matando todos os que se lhes opusessem—eles atacaram a cidade xiita de Karbala naquele ano e mataram dois mil civis inocentes.

O fundamentalismo, no entanto, não se limitou à Península Arábica. Mais tarde, no mesmo século, os ingleses combateram um homem que afirmava ser o *Mahdi*, no Sudão, um outro fundamentalista que queria unir todos os árabes em uma guerra santa contra os infiéis invasores ocidentais. Os ingleses derrotaram-no e continuaram a dominar a região até depois da Segunda Guerra Mundial.

### O contra-ataque dos fundamentalistas

O fundamentalismo islâmico afetou o Ocidente novamente em 1979. Desta vez, o Estados Unidos foi o alvo, pois o seu mais poderoso aliado na região foi derrubado pelas massas fundamentalistas. O xá do Irã era pró-ocidente e, com a ajuda dos Estados Unidos, tinha formado suas forças para se tornar a maior potência militar do Golfo Pérsico, uma região rica em petróleo de interesse econômico e estratégico vital para todos no mundo ocidental.

O xá foi derrubado por seguidores do grupo extremista xiita do Aiatolá Khomeini. Os estudantes militantes tomaram a embaixada norte-americana em Teerã e fizeram dezenas de funcionários reféns por quatrocentos e quarenta e quatro dias. O Ocidente temia que o extremismo islâmico se

espalhasse para outros países da região.

Este foi também o ano em que os soviéticos invadiram o Afeganistão. Suas forças tinham derrubado o rei em 1973 e, eventualmente, um governo pró-comunista assumiu o controle. Porém, quando este também, foi derrubado, Moscou interveio. Sua intervenção e uma cara, prolongada e desmoralizante guerra terminou no colapso da União Soviética, pouco mais de uma década depois.

O Estados Unidos, preocupado com os avanços soviéticos em todo o mundo, ajudou os rebeldes afegãos contra a dominação soviética. Eles começaram fornecendo armas através do Paquistão muçulmano ao *mujahadin* afegã, que eram as forças de guerrilha lideradas por Osama bin Laden. Eventualmente, os soviéticos foram derrotados, seu país entrou em colapso e o Afeganistão ficou sob o controle dos fundamentalistas sunitas chamados de *talibãs* (“estudantes”, referindo-se àqueles ensinados nos seminários islâmicos, ou madrassas). Com o colapso da União Soviética, vastas terras na Ásia Central, separaram-se da Rússia e se tornaram repúblicas islâmicas independentes, aumentando ainda mais o número de nações islâmicas em todo o mundo.

Os fundamentalistas islâmicos rapidamente estavam se tornando uma grande força em todo o mundo islâmico. Eles apelavam principalmente para as pessoas pobres, frustradas e revoltadas com seus governantes, que



Shaun Venish

*Nem todos os muçulmanos são árabes, mas quase todos os árabes são muçulmanos. As vinte e duas nações da Liga Árabe do Oriente Médio e do Norte da África estão entre os cinquenta e sete membros da Conferência Islâmica. Israel, em destaque na foto acima, é uma fração em tamanho e população comparado aos países árabes.*

viviam um estilo de vida luxuoso, enquanto o seu povo sofria em uma situação de pobreza e opressão. Da mesma forma, nas nações ocidentais, os fundamentalistas islâmicos faziam proselitismo entre os pobres e nas prisões, onde ganharam muitos recrutas. Todo o povo do mundo árabe se cansou de seus regimes ditatoriais que haviam substituído os reis corruptos. Os novos presidentes não se mostraram ser diferentes.

Os fundamentalistas logo aprenderam que o poder nem sempre pode ser obtido através do processo democrático. Na Argélia, eles ganharam a eleição em 1992, substituindo o governo nacionalista árabe que tinha levado a Argélia à independência da França trinta anos antes—após uma rebelião que durou oito anos. Depois de trinta anos, as condições econômicas das pessoas só tinham piorado, e ironicamente, muitos tiveram que partir para a França simplesmente para sobreviverem.

Os fundamentalistas pareciam melhor organizados e eram certamente mais honestos. Mas os militares intervieram para impedir um governo fundamentalista. Desde então, a Argélia tem sido alvo de frequentes ataques terroristas por parte das forças do fundamentalismo, e mais de cem mil argelinos foram mortos. O apoio francês para as operações militares só aumentou o ressentimento e a desconfiança do Ocidente—toda a conversa ocidental de democracia parecia pouco importar, se é que importava.

### A maré muda contra os Estados Unidos

A década de 90 viu uma amargura crescente dirigida contra os Estados Unidos, que era agora a força dominante e a única superpotência remanescente do mundo ocidental.

A guerra norte-americana no Golfo Pérsico contra o Iraque, em 1991, recebeu um grande apoio de outras nações árabes. O líder do Iraque, Saddam Hussein, enviou suas forças contra o vizinho Kuwait, anexando a pequena nação produtora de petróleo. Sua justificativa para essa invasão apontava para os dias do Império Otomano, quando o atual Kuwait fazia parte de uma zona administrativa do império que incluía grande parte do Iraque.

Os Estados Unidos e seus aliados derrotaram o Iraque, mas manteve-se um receio de Saddam Hussein porque o Iraque era conhecido por possuir armas de destruição em massa, como armas químicas e biológicas, e estava desenvolvendo agressivamente armas nucleares. No momento em que esse temor veio à tona com a Guerra do Iraque em 2003, os Estados Unidos descobriram que muitos aliados da primeira Guerra do Golfo não os apoiavam mais. Nesse ínterim, o mundo tinha mudado.

O ponto crítico foi o 11 de setembro de 2001. Tal como aconteceu no assassinato do arquiduque Franz Ferdinand no século anterior, isto iria mudar tudo. O mundo não tem sido o mesmo desde então.

Imediatamente após os ataques terroristas em Nova Iorque e Washing-

ton, D.C., quando os terroristas jogaram os aviões sequestrados no World Trade Center e no Pentágono, o mundo em geral era simpático aos Estados Unidos. Mas um ano depois de os Estados Unidos responderem com a guerra contra o terror, demonstrando seu incrível poder militar no Afeganistão e vislumbrando eventuais conflitos com aqueles que o presidente Bush chamou de “Eixo do Mal”, aos olhos de muitos o papel do Estados Unidos passou de vítima a vilão.

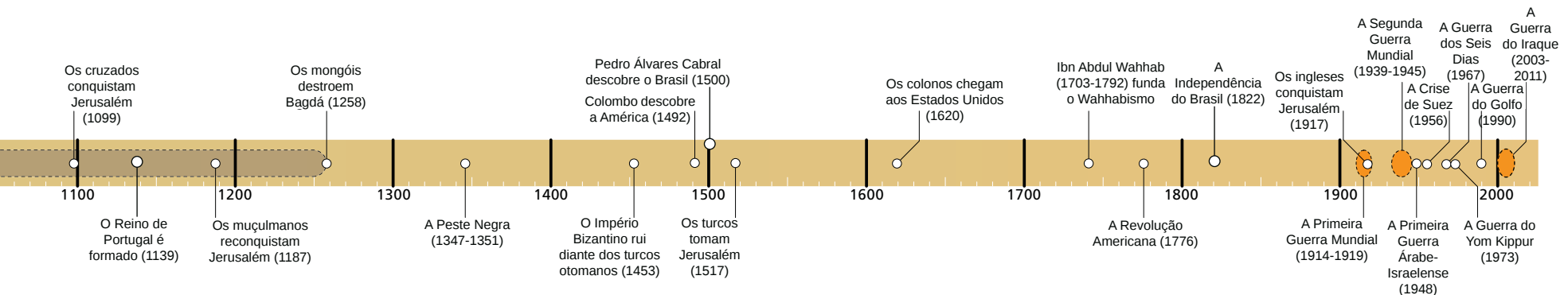
O ressentimento contido contra a superpotência dominante do mundo, e o medo do isolamento e de um possível ataque terrorista por estarem intimamente aliados aos Estados Unidos contribuiu para a rejeição internacional do papel norte-americano como polícia do mundo. Muitos, cada vez mais, incluindo até mesmo alguns norte-americanos, começaram a culpar os Estados Unidos pelo 11 de setembro, alegando que era uma resposta justificada à política externa norte-americana.

Em 2003, aos olhos de muitos muçulmanos e seus líderes, o Estados Unidos criaram um precedente ao invadir o Iraque para derrubar Saddam Hussein. Se um presidente poderia ser removido, todos os outros líderes da região sentiram que também poderiam ser removidos pela força militar norte-americana. Além disso, a raiva do público havia aumentado, com o sofrimento dos palestinos, por causa do acesso à televisão via satélite—e, principalmente pela al-Jazeera, a primeira emissora de língua árabe via satélite do Catar, no Golfo Pérsico.

### O fundamentalismo islâmico ganha terreno

Muito antes de 11 de setembro a ameaça do terrorismo islâmico contra os Estados Unidos tinha se tornado evidente. Um artigo na edição de novembro-dezembro de 1998 da revista *Foreign Affairs* (Relações Exteriores) cita uma declaração contra o Ocidente emitida por Osama bin Laden e outros militantes.

A exigência era a retirada das tropas dos EUA da Arábia Saudita — a terra de Meca e Medina, as duas cidades mais sagradas do Islamismo. Eles também pediram o fim dos bombardeios ao Iraque e das sanções impostas pela ONU contra esse país após a Guerra do Golfo. E, em



terceiro lugar, eles condenaram o apoio norte-americano a Israel contra os palestinos. (Após a vitória na Guerra do Iraque, os Estados Unidos abordaram todas as três queixas, anunciando que iriam retirar suas tropas da Arábia Saudita, que suspenderiam as sanções contra o Iraque e que buscariam um novo plano de paz para Israel e os palestinos).

Após o 11 de setembro os Estados Unidos sofreram outro revés quando os fundamentalistas islâmicos ganharam simpatizantes em vários países. O líder do Paquistão, general Pervez Musharraf, um defensor da guerra de Washington contra o terror, viu seu país eleger um governo islâmico, embora o general tenha retido o controle total do país.

Surpreendentemente, quase oitenta anos após a queda do sultão e a declaração de uma república islâmica, a Turquia também elegeu um partido de maioria islâmica nas eleições de novembro de 2002. Outros países da região também têm experimentado o avanço dos fundamentalistas.

O presidente do Egito Anwar Sadat foi assassinado em 1982 por fundamentalistas islâmicos, os quais quinze anos depois massacraram turistas estrangeiros que visitavam alguns dos monumentos antigos do Egito, numa tentativa de minar a economia nacional por meio da destruição da indústria do turismo.

Na Indonésia, o país mais populoso do mundo islâmico, os fundamentalistas têm continuado a matar os cristãos, e no final de 2002 um atentado a bomba na ilha hindu de Bali matou quase duzentos turistas ocidentais, cuja metade deles era australiana. Na Índia e na sua parte administrada da Caxemira, os fundamentalistas muçulmanos atacaram os hindus e cristãos, tentando deliberadamente provocar um conflito entre o Paquistão e a Índia, duas das recentes potências nucleares.

Na África, também, o fundamentalismo islâmico deixou a sua marca. No Sudão, os muçulmanos do norte perseguem constantemente os cristãos do sul, apesar de milhares deles viverem em escravidão. Nos estados muçulmanos do norte da Nigéria, a lei da *sharia* foi introduzida, e o nome mais popular dado aos meninos recém-nascidos desde 11 de setembro de 2001 tem sido *Osama*, em homenagem a Osama bin Laden.

Um fator de crescimento do fundamentalismo islâmico é a alta taxa de

natalidade nos países islâmicos. Na maioria dos países economicamente atrasados metade das pessoas são jovens e os casais tendem a ter de seis a oito filhos. Como as políticas econômicas nessas nações, muitas vezes, restringem a atividade empresarial ao invés de incentivá-la, muitos jovens não conseguem emprego.

Sem um meio para sustentar uma família, os jovens não podem se casar. A promessa de jovens virgens disponíveis instantaneamente após a morte, como um mártir em uma jihad, ou guerra santa, é tentador, por isso eles acreditam que não têm nada a perder ao sacrificar-se para promover os objetivos islâmicos. Como incentivo adicional, alguns governos islâmicos têm dado milhares de dólares para os sobreviventes da família, uma suntuosa soma nas favelas dos campos de refugiados.

### O dilema do Ocidente

No entanto, a pobreza não é a principal causa do problema. Quase todos os suicidas dos 11 de setembro tinham origens abastadas, e Osama bin Laden veio de uma das famílias mais ricas da Arábia Saudita. Muitos outros fatores têm contribuído para o aumento do fundamentalismo islâmico e do terrorismo subsequente, incluindo o problema Israel-Palestina e a dominação da cultura norte-americana.

A intervenção norte-americana na região provavelmente só alimentará ainda mais as chamas do fundamentalismo a longo prazo. Nenhum país no mundo árabe é politicamente estável. Todos estão sob o risco dos fundamentalistas. Os Estados Unidos realmente encontram-se em uma situação sem saída. Os militares dos Estados Unidos podem ganhar as guerras, mas é improvável que, efetivamente, os Estados Unidos conquistem a paz.

Uma outra complicação para os Estados Unidos e para outros países, particularmente os da Europa Ocidental, é a presença de fundamentalistas islâmicos dentro de suas fronteiras, em grande parte por causa de mudanças nas leis de imigração desde a Segunda Guerra Mundial. Curiosamente, enquanto a maioria das nações ocidentais permitem a imigração de países islâmicos e permitem que muçulmanos se tornem cidadãos, nenhuma nação islâmica permite que pessoas de países cristãos migrem definitivamente e se tornem cidadãos, a menos que se convertam ao islamismo. Os seguidores do Islamismo estão cientes de que a sua religião e o liberalismo secular ocidental são incompatíveis.

Um conflito adicional entre o mundo islâmico e o Ocidente é inevitável—e é previsto na profecia bíblica, como veremos no próximo capítulo.

## O Ódio Crescente Após a Guerra do Golfo

**E**m 23 de fevereiro de 1998, o jornal londrino de língua árabe Al-Quds al-Arabi publicou um artigo intitulado “Declaração da Frente Islâmica Mundial para a Jihad Contra os Judeus e os Cruzados”.

Os líderes Osama bin Laden e outros grupos militantes islâmicos no Egito, Paquistão e Bangladesh estavam entre os signatários.

A declaração, tradução de um artigo de Bernard Lewis na edição em novembro-dezembro 1998 da revista *Foreign Affairs* (Relações Exteriores), começou com os militantes citando várias passagens do Alcorão e ditados de Maomé, e continuava:

“Desde que Deus estabeleceu a península Arábica, criou seu deserto e cercou-a com seus mares, nenhuma calamidade tinha acontecido como nesta península, como a dos cruzados que se espalharam por ela como gafanhotos, ocupando seu solo, comendo seus frutos e destruindo a sua vegetação [folhagem]; e esta é uma época em que as nações lutam contra os muçulmanos como comensais que se acotovelam em torno de um prato de comida”.

A declaração continua, condenando os Estados Unidos por três principais razões:

“Primeiro—Por mais de sete anos, os Estados Unidos têm ocupado as terras do Islamismo no mais sagrado dos lugares, a península Arábica, saqueando suas riquezas, dando ordens a seus governantes, humilhando seu povo, aterrorizando seus vizinhos, e transformando suas bases na península em pontas de lança para combater os povos muçulmanos vizinhos...”

“Segundo—Apesar da grande devastação infligida ao povo iraquiano pela aliança cruzado-sionista, com um número impressionante de mortos, superior a um milhão, os norte-americanos estão mais uma vez tentando repetir os horribéis massacres...”

“Terceiro—Embora os objetivos norte-americanos por trás dessas guerras são religiosos e econômicos, a intenção também é favorecer o Estado judeu, distrair a atenção de sua ocupação de Jerusalém e do seu assassinio de muçulmanos ali”.

Os signatários militantes concluem que esses “crimes” equivalem a “uma declaração clara de guerra dos norte-americanos contra Deus, contra Seu profeta, e contra os muçulmanos”. A declaração lembra aos leitores que ao longo dos séculos, os *ulemás*—autoridades em teologia e lei islâmica—decidiram por unanimidade que,

quando terras muçulmanas são atacadas por inimigos, o dever pessoal de cada muçulmano é a jihad, um conflito religioso que nenhum muçulmano pode ignorar.

A sensibilidade sobre Saudita remonta de quase mil e quatrocentos anos, desde os primórdios do Islamismo. Ao comentar a declaração, o professor Lewis, professor emérito de Estudos do Oriente Médio da Universidade de Princeton e destacada autoridade sobre o assunto, escreve: “Os historiadores árabes clássicos nos dizem que no ano 20 depois da Hégira (fuga de Maomé de Meca para Medina), corresponde ao ano 641 do calendário cristão, o Califa Umar decretou que os judeus e cristãos deveriam ser retirados da Arábia para se cumprir uma ordem do Profeta em seu leito de morte: ‘Não pode haver duas religiões na Arábia’. As pessoas em questão eram os judeus do oásis de Khaybar ao norte e os cristãos de Najran no sul”.

Ele continua: “. . . A expulsão de minorias religiosas é extremamente rara na história islâmica—ao contrário da cristandade medieval onde a expulsão de judeus e muçulmanos . . . eram normais e frequentes . . . Mas o decreto foi definitivo e irreversível, a partir dessa época até agora, a terra santa do Hijaz [a região de Meca e Medina e, às vezes, aplicadas a toda a Arábia Saudita] tem sido território proibido para os não-muçulmanos . . . e o fato de um não-muçulmano pisar no solo sagrado é uma grave ofensa . . .”

“E no que diz respeito a tudo que envolve sua terra santa, muitos muçulmanos tendem a definir a luta—e, algumas vezes, também o inimigo—em termos religiosos e veem as tropas norte-americanas enviadas para libertar e salvar, de Saddam Hussein, o Kuwait e a Arábia Saudita como invasores e ocupantes infiéis. Esta percepção é salientada pela inquestionável primazia dos Estados Unidos entre os poderes do mundo infiel”.

Em seu artigo, escrito três anos antes dos ataques ao World Trade Center e ao Pentágono, o professor Lewis conclui com estas palavras: “. . . Alguns muçulmanos estão prontos para apoiar, e alguns até para aplicar, a extrema interpretação da declaração de sua religião. O terrorismo requer somente alguns. Obviamente, o Ocidente deve defender-se com todos os meios eficazes. Mas, na elaboração de estratégias para combater os terroristas, certamente seria útil compreender as forças que os motivam”.

A escritora e historiadora de assuntos religiosos Karen Armstrong também nos ajuda a entender o fundamentalismo islâmico em seu livro *Islamismo*. Ela observa que, ao terminar o século XX, “alguns muçulmanos . . . têm feito da violência o principal dever sagrado islâmico. Esses fundamentalistas costumam chamar o

colonialismo ocidental e o pós-colonialismo imperialista ocidental de *al-Salibiyyah: A Cruzada*”.

Este é um termo assustador para os muçulmanos, recordando os violentos confrontos entre as forças da cristandade medieval e o Islamismo quase mil anos atrás. Os exércitos europeus fizeram uma série de cruzadas para libertar os lugares sagrados cristãos das forças do Islamismo e, amiúde, cometeram atrocidades terríveis durante esse período. “A cruzada colonial tem sido menos violenta, mas seu impacto tem sido mais devastador do que as guerras santas medievais”, diz ela. Os valores culturais ocidentais têm impactado a todos os países do mundo e são muito ressentidos por muitos povos.

Karen Armstrong continua: “*Em todo o mundo, como vimos, os povos de todas as grandes religiões têm cambaleado sob o impacto do modernismo ocidental, e que resultou na religiosidade combatente e habitualmente intolerante que conhecemos pelo nome de fundamentalismo*” (2000, pág. 180, grifo nosso).

Os movimentos fundamentalistas não se limitam ao Islamismo. Nem os confrontos religiosos têm se restringido ao Cristianismo e ao Islamismo. A Índia, predominantemente Hindu, tem testemunhado o conflito entre os fundamentalistas hindus e os fundamentalistas muçulmanos minoritários.

No entanto, o conflito entre cristãos e muçulmanos tem sido um tema constante na história por quatorze séculos. Este conflito não se limita ao mundo ocidental. Nos últimos anos, a Indonésia tem testemunhado uma violência terrível de muçulmanos decapitando cristãos. As duas religiões têm estado numa guerra civil no país africano do Sudão por mais de três décadas. A guerra na Chechênia entre russos e chechenos nativos é uma guerra entre cristãos e muçulmanos. E, claro, os Balcãs têm sido um ponto de inflamação importante entre as duas religiões por gerações.

Embora, as nações islâmicas tenham graves divisões internas, tipicamente entre fundamentalistas islâmicos e líderes nacionalistas mais moderados, nenhum país muçulmano permite o livre trabalho de missionários cristãos nem a emigração e recebimento de cidadania para cristãos. Isso tem garantido que as nações islâmicas permaneçam essencialmente muçulmanas, com alguma tolerância para as religiões minoritárias que antecederam o Islamismo. Em contraste, os países ocidentais têm permitido a imigração significativa de países muçulmanos desde a Segunda Guerra Mundial, e essas minorias muçulmanas, que agora são consideráveis, estão complicando as tentativas dos governos ocidentais de lidar com este crescente conflito.

## Nem Sempre Inimigos

**A** pesar dos melhores esforços dos negociadores do atual processo de paz no Oriente Médio, hoje as nações árabes e o Estado judeu ainda têm dificuldades em conviver pacificamente.

No entanto, eles nem sempre foram inimigos. De fato, por séculos os judeus prosperaram numa civilização árabe.

Pouco depois da morte de Maomé em 632 d.C., os árabes começaram a conquistar vastas regiões do mundo conhecido.

***No reino vindouro do Messias, o Cristo, os descendentes de todos os três grupos vão aprender a prosperar em cooperação e paz.***

E logo dominaram o Norte da África, Arábia, Palestina, Pérsia, Sicília, sul da Itália e grande parte da Turquia e da Espanha. E nos subsequentes séculos, a civilização árabe esteve consideravelmente mais avançada do que sua contraparte europeia.

Bertrand Russell descreveu a forma como os judeus prosperaram sob o domínio dos árabes em seu livro *História da Filosofia Ocidental* [*History of Western Philosophy*]. Depois de descrever a perseguição dos judeus na Europa Cristã, e a correspondente ausência de contribuições culturais judaicas, Russell continuou: “Nos países

maometanos, pelo contrário, os judeus na maioria das vezes não eram de maneira alguma maltratados. Especialmente na Espanha mourisca, eles contribuíram com o conhecimento . . . [Então, quando] os cristãos reconquistaram a Espanha, foi em sua maioria os judeus que transmitiram a eles a ciência dos mouros. Os judeus cultos, que conheciam o hebraico, grego e árabe, e estavam familiarizados com a filosofia de Aristóteles, transmitiram seus

conhecimentos aos estudiosos com menor conhecimento” (1969, pág. 324).

A re-descoberta de muitos textos gregos na Europa, por árabes e judeus, levaram eventualmente à Renascença e à ascensão da cultura europeia. Atualmente, europeus, árabes e judeus poderiam se beneficiar muito com a cooperação mútua. Infelizmente, as cruzadas, as perseguições e as jihads têm sido muito comuns em sua história.

No entanto, no reino vindouro do Messias, o Cristo, os descendentes de todos os três grupos vão aprender a prosperar em cooperação e paz.

## “Por Que as Pessoas Nos Odeiam Tanto?”

**O** respeito e apreço pelos Estados Unidos não são tão grandes como eram antes. A Bíblia nos ajuda a entender essa mudança de sorte dos Estados Unidos.

No terrível Onze de Setembro de 2001, os ataques contra o World Trade Center e o Pentágono, acompanhado pelo sequestro e posterior queda de quatro aviões de passageiros de voos domésticos, foram universalmente condenados por quase todos os governos, incluindo muitos que têm sido inimigos tradicionais dos Estados Unidos.

Em meio a toda a carnificina e a confusão que os norte-americanos passaram, uma pergunta era recorrente: “Por que as pessoas nos odeiam tanto?” Fotos de pessoas alegres nas ruas de outras nações se destacaram em um forte contraste com as notícias de expressões de simpatia e apoio de todo o mundo. Obviamente o ódio aos Estados Unidos têm crescido intensa e profundamente em algumas partes do mundo. E certamente, as pessoas querem saber o por quê.

A resposta simplista para essa pergunta é que os Estados Unidos apoiam Israel. A crescente frustração com a situação no Oriente Médio aumentou a raiva contra os Estados Unidos. Muitos naquela região percebem que, se o Estados Unidos exercesse pressão, Israel faria concessões aos palestinos.

A existência de Israel é certamente um fator contributivo. Outro é a presença de tropas norte-americanas e inglesas em solo muçulmano. Mas essas explicações ignoram o fato de que há muito ódio e ressentimento dirigido aos Estados Unidos em todo o mundo, não apenas no Oriente Médio.

Sem dúvida, muitos fatores contribuem para que esse sentimento anti-americano aumentou, não menos do que é inveja pela grande riqueza dos Estados Unidos. Mas uma escritura nos ajuda a entender por que o problema se agravou nas últimas décadas: “A justiça exalta as nações, *mas o pecado é o opróbrio dos povos*” (Provérbios 14:34, NVI).

Há bem pouco tempo os Estados Unidos eram respeitados pelo resto do mundo. Após o fracasso de seus reis e imperadores em evitar a carnificina da Primeira Guerra Mundial, os europeus olharam para o presidente norte-americano Woodrow Wilson para mostrar-lhes uma nova e melhor forma. Mas a falta de apoio

interno fez com que o Estados Unidos não fosse capaz de permanecer envolvido. Porém, foi diferente após a Segunda Guerra Mundial. Desta vez, os norte-americanos estavam empenhados em ajudar o resto do mundo e assumiram a responsabilidade de conduzir as nações livres.

Até mesmo no Oriente Médio, os combatentes esperaram que os Estados Unidos assumissem a liderança. E foi presidente Carter que aproximou o Egito e Israel. Sucessivos presidentes têm se envolvido na região e sempre foram capazes de convencer ambos os lados a conversarem. Mas, no rescaldo do 11 de Setembro, os norte-americanos viram palestinos dançando nas ruas e comemorando a agonia dos Estados Unidos.

Evidentemente que o respeito e apreço aos Estados Unidos não são tão grandes como antes. A Bíblia nos ajuda a entender essa mudança de sorte dos Estados Unidos.

No Antigo Testamento, o livro de Deuteronômio, capítulo 28, promete bênçãos para a obediência às leis de Deus e maldição—graves consequências negativas—para a desobediência. Pode até parecer ilógico ver isto como uma explicação para os ataques terroristas aos Estados Unidos, mas o fato é que a este país não é mais tão respeitado como costumava ser, e existem muitas razões sólidas para que este declínio tenha acontecido.

Os fundamentalistas islâmicos, que estão por trás de muitos desses ataques, têm medo da influência cultural dos Estados Unidos em suas sociedades. É claro, o ódio e o terrorismo são respostas totalmente descabidas e indesculpáveis, independente da ponderação de tais ideias. Sem dúvida, os Estados Unidos são odiados por defenderem muitos princípios que não devem ser mudados. Jesus Cristo foi odiado e Ele era um ser humano perfeito. No entanto, devemos considerar que alguns sentimentos negativos em relação aos Estados Unidos têm sido engendrados pelo ponto de vista de que seu comportamento é imoral e nacionalmente degenerado.

Os programas de televisão e os filmes norte-americanos denigrem a família tradicional, tanto nos Estados Unidos quanto no resto do mundo. Os personagens são frequentemente mostrados com poucas roupas, usando uma linguagem chula, demonstrando desrespeito aos mais velhos e constantemente obcecados pelo sexo. Outros programas retratam a imagem de uma sociedade extremamente violenta. Os países ocidentais, infelizmente, têm se desenvolvido tão acostumados a essas imagens e comportamentos que já não se importam com isso—porém, os países mais reli-

giosos se sentem cada vez mais ameaçados por essas influências depravadas. Isto só tem piorado na última década, e agora com a televisão via satélite e a Internet amplamente disponíveis.

As notícias de depravados escândalos sexuais na cúpula do governo e da sociedade norte-americana diminuíram o respeito às instituições políticas nos Estados Unidos. A informação sobre tudo isso se espalha muito rapidamente por causa dos avanços nas comunicações durante os últimos anos.

Além disso, os Estados Unidos representam cerca de oitenta por cento da pornografia do mundo, disponíveis abertamente em muitos países. Em outros países, cinemas ilegais adultos mostram vídeos norte-americanos. Embora, evidentemente temos aqui dois pesos e duas medidas, muitas das pessoas que os assistem sentem apenas desprezo pelos Estados Unidos—e, além disso, há pessoas religiosas que estão revoltadas com essas exportações degradantes e muito lucrativas dos Estados Unidos.

Deuteronômio 28 mostra que a obediência às leis de Deus permite a um país ser elevado “sobre todas as nações da terra” (versículo 1), como eram os Estados Unidos nos anos que seguiram a sua origem humilde até depois da Segunda Guerra Mundial. Este capítulo promete bênçãos específicas para a obediência, inclusive o apoio de Deus contra as potências hostis (versículo 7). A história dos Estados Unidos certamente mostra que o país foi abençoado quando seu comportamento e suas leis eram baseadas principalmente nos mandamentos de Deus.

A começar no versículo 15 vemos as consequências negativas da desobediência. O versículo 16 diz: “Maldito serás tu na cidade”. Aqueles que vivem em muitas cidades dos Estados Unidos já não se sentem seguros e protegidos.

Muitos vão ler isso e acharão que a responsabilidade pela diminuição da segurança não reside aí. No entanto, o livro de Josué, capítulo 7, contém uma história de um homem, Acã, que cometeu um pecado que afetou a segurança de toda a nação. O relato bíblico mostra claramente que o próprio Acã tinha cometido o pecado de tomar despojos de Jericó, recém-conquistada, contra as instruções específicas de Deus para o povo de Israel. Todavia, o julgamento de Deus era que “Israel pecou” (Josué 7:11). Josué tinha de encontrar e punir o transgressor para que Israel pudesse esperar outra vitória.

O relato mostra a importância que todos têm no modo de se comportar como é agradável a Deus, se uma nação quiser colher as bênçãos de Deus.

# Guerra e Paz no Oriente Médio

*Jerusalém continua sendo a cidade mais disputada da terra e que tem caído diante de forças invasoras mais de vinte vezes ao longo de sua história.*

A terra para a qual Deus enviou Abraão cerca de quatro mil anos atrás, situa-se na encruzilhada de três continentes. E além disso é sagrada para três religiões.



Scott Ashley

*O cruel governante Antíoco Epifânio, retratado aqui em uma moeda do seu reinado, foi um precursor de um perverso governante profetizado que vai surgir no fim dos tempos e invadirá o Oriente Médio.*

Veja *Antiquidades dos Judeus* [*Antiquities of the Jews*], Livro 11, cap. 8, seção 5).

Os quatro versículos a seguir em Daniel, versículos 36-39, parecem saltar à frente no tempo. Como explicado anteriormente, os versículos 32-35 parecem dizer respeito aos Macabeus fiéis, que não abandonariam as leis de Deus pelo modo de vida pagão grego. No entanto, nesses mesmos versículos parece haver uma dualidade, visto que o grupo mencio-

Mais de dois mil e quinhentos anos atrás, Deus revelou ao profeta Daniel que a terra de Seu povo seria disputada ao longo dos séculos (como descrito no capítulo três deste livro). Curiosamente, vemos uma lacuna no tempo da profecia de Daniel, que predisse com precisão o que aconteceria nos próximos séculos. Para entender isso, temos de voltar novamente para Daniel 11.

Como já explicado, os primeiros trinta e cinco versículos de Daniel 11 relatam detalhada e precisamente o que aconteceria com o povo de Judá quando fosse surpreendido em um conflito entre a dinastia ptolomaica do Egito no sul e os selêucidas da Síria no norte. Os governantes desses reinos eram descendentes dos generais de Alexandre, o Grande, que também foi profetizado no livro de Daniel.

(Em uma interessante nota histórica, o historiador judeu do primeiro século Flávio Josefo relata um encontro entre Alexandre e o sumo sacerdote judeu em Jerusalém, que lhe mostrou que sua chegada tinha sido profetizada por Daniel mais de dois séculos antes que ele surgisse em cena!

nado no versículo 35 continua até ao “tempo do fim”—significando que o povo fiel de Deus nos tempos do Novo Testamento, a Sua Igreja, estão incluídos.

O versículo 36 continua a linha da história—mas em que ponto? Visto que o versículo 40 claramente avança a história para o “tempo do fim”, pode ser que os versículos 36-39 se apliquem a toda a história do reino do Norte a partir da época dos Macabeus e do começo da Igreja do Novo Testamento e segue até o tempo do fim (assim como o versículo 35 parece se estender desde a antiguidade a todo o caminho até o tempo do fim).

E quem era o rei do Norte durante neste período? Em 65 a.C., a Síria selêucida foi engolida pelo Império Romano. Então, o império tornou-se o reino do Norte. Os versículos 36-38 parecem descrever as ações dos imperadores romanos e seus sucessores, percorrendo todo o caminho até o último líder do tempo do fim, como veremos. Enquanto a dualidade da profecia serve para fazer avançar um período de tempo, sendo o próprio Antíoco Epifânio um tipo desse governante do fim dos tempos, desse modo podemos nos perguntar o porquê de tão grandes saltos para o futuro.



Scott Ashley

*Zacarias 14:4 revela que Jesus Cristo voltará para o Monte das Oliveiras, que vista panorâmica para Jerusalém. Ao retornar Ele irá estabelecer o governo de Deus na terra e, finalmente, trazer a paz para o Oriente Médio e o mundo inteiro.*

## O Estado de Israel teve de ser estabelecido para se cumprir a profecia

Por que o intervalo de tempo na profecia de Daniel entre o mundo antigo e o atual—um período de pelo menos dois mil anos—tem apenas detalhes esparsos e superficiais de eventos no meio? A resposta é simples: Porque durante quase dois mil anos não existiu nação judaica no Oriente Médio. A restauração do Estado judeu em 1948 fez com que os reis do Norte e do Sul se tornassem novamente relevantes para impactar o povo judeu na Terra Santa.

A profecia do fim dos tempos não poderia ser cumprida sem a restauração dos judeus à sua pátria. Apesar da nação judaica ser chamada Israel,

lembre-se que as dez tribos do antigo reino do norte conhecidas como Israel foram levadas cativas pela Assíria mais de um século antes que o reino de Judá (que inclui as tribos israelitas de Judá e Benjamin, e uma parcela considerável da de Levi) fosse invadido e seu povo levado para a Babilônia.

Muitos judeus voltaram de seu cativeiro, mas as dez tribos aparentemente desapareceram. A Bíblia mostra que com o tempo todas as tribos de Israel retornarão para a Terra Prometida, mas neste momento apenas a tribo de Judá—ou pelo menos uma parte dela—tem sido restaurada à sua casa histórica.



*Porque uma Jerusalém controlada por judeus está no centro do conflito mundial, pouco antes do retorno de Jesus Cristo, vários eventos profetizados do fim dos tempos não poderiam ter ocorrido antes da criação do moderno Estado de Israel.*

sobre a segunda vinda de Cristo: “E o SENHOR sairá e pelejará contra estas nações, como pelejou no dia da batalha. E, naquele dia, estarão os seus pés sobre o monte das Oliveiras, que está defronte de Jerusalém para o oriente; e o monte das Oliveiras será fendido pelo meio, para o oriente e para o ocidente, e haverá um vale muito grande; e metade do monte se apartará para o norte, e a outra metade dele, para o sul. E fugireis pelo vale dos meus montes . . .” Evidentemente, que esta profecia é ainda para o futuro.

Os versículos anteriores mostram que a razão pela qual as pessoas precisam fugir é porque Jerusalém será novamente palco de grande turbulência: “Porque eu ajuntarei todas as nações para a peleja contra Jerusalém; e a cidade será tomada, e as casas serão saqueadas, e as mulheres, forçadas; e metade da cidade sairá para o cativeiro, mas o resto do povo não será expulso da cidade” (versículo 2).

No livro profético de Zacarias no Antigo Testamento lemos que Jerusalém e Judá (os judeus constituem o moderno Estado de Israel) estarão no centro do conflito mundial imediatamente antes do retorno de Cristo. *Mas esse evento profetizado não poderia acontecer sem a restauração física de Judá (agora chamada de Israel), em parte, na Terra Santa antes do fim dos tempos.*

Em Zacarias 14:3-5, vemos esta profecia

Anteriormente Zacarias tinha registrado estas palavras de Deus: “Eis que eu farei de Jerusalém um cálice de tontear para todos os povos em redor e também para Judá, durante o sítio contra Jerusalém. Naquele dia, farei de Jerusalém uma pedra pesada para todos os povos; todos os que a erguerem se ferirão gravemente; e, contra ela, se ajuntarão todas as nações da terra” (Zacarias 12:2-3, ARA).

Judá (os israelenses, em sua maioria judeus) e Jerusalém estão destinados a estar no centro dos eventos do fim dos tempos. As nações que vierem contra ela serão ideológica e emocionalmente impulsionadas a ponto de não ser capazes de pensar logicamente (“tonteados”, como refere-se Zacarias). Já, algumas nações e povos são obcecados por destruir a pátria judaica de Israel. Outro profeta fala da queda de Israel (descendentes das dez tribos perdidas do norte) e Judá (os judeus), conjuntamente, no fim dos tempos, aparentemente no mesmo mês, um evento que nunca aconteceu na história antiga. Lemos isso em Oséias 5.

Deus, ao condenar Israel e Judá por sua constante idolatria, diz: “A soberba de Israel testificará, pois, no seu rosto; e Israel e Efraim cairão pela sua injustiça [pecado], e Judá cairá juntamente com eles . . . Aleivosamente se houveram contra o SENHOR . . . agora, a lua nova os consumirá com as suas porções” (versículos 5, 7). A Lua Nova que os “consome” parece significar que ambos cairão dentro de um mês, um período de trinta dias. (Para saber onde estão as outras dez tribos de Israel hoje, solicite ou baixe nosso livro gratuito *Os Estados Unidos e a Grã-Bretanha em Profecia Bíblica*).

### A luta continua

Agora podemos entender mais claramente porque a luta entre os reis do Norte e do Sul é retomada novamente “no tempo do fim” (Daniel 11:40).

O versículo continua a descrever como “o rei do Sul lutará com ele [o rei do Norte], e o rei do Norte o acometerá com carros, e com cavaleiros, e com muitos navios [todos símbolos de operação militar]; e entrará nas terras, e as inundará, e passará”.

É evidente, que no tempo do fim mais um ciclo de grande tumulto envolverá o Oriente Médio, só que desta vez será muito pior do que qualquer coisa já vista.

E novamente, o cumprimento desta profecia não teria sido possível até depois da queda do Império Otomano e da divisão dos territórios árabes, formando várias nações do atual Oriente Médio.

No capítulo 3 deste livro (página 25), vimos que a expressão “rei do Norte” antigamente era aplicada à dinastia selêucida da Síria, enquanto o “rei do Sul” se referia à dinastia ptolomaica, no Egito. Mas a quem esses termos se referem no nosso tempo ou no tempo do fim? É improvável que possam se aplicar novamente à Síria e ao Egito, pois agora são nações irmãs, árabes e islâmicos. Além disso, mesmo relativamente fortes para

os padrões regionais, elas não têm atualmente o poder militar para cumprir essa profecia.

Como já mencionado, Roma engoliu a Síria e, conseqüentemente, se tornou o reino do Norte. Mas Roma não sucumbiu nos tempos antigos?

Parte da chave para a compreensão desta passagem é perceber que o centro da profecia é a Terra Santa e Jerusalém, a terra histórica dada aos filhos de Israel. Os «reis» mencionados são líderes poderosos, que virão de regiões ao norte e ao sul e disputarão o controle da região, atropelando completamente Judá nesse processo.

Um século atrás, ninguém poderia ter entendido muitas das profecias relacionadas a esta parte do mundo porque o Império Otomano dominava os lugares agora ocupados pelos principais adversários no conflito no Oriente Médio. Este fato nos ajuda a compreender as palavras de Deus a Daniel no final de seu livro profético: “Vai, Daniel, *porque estas palavras estão fechadas e seladas até ao tempo do fim*” (Daniel 12:9). Por isso seria impossível para Daniel, que viveu no século VI a.C., entender as mudanças surpreendentes que levariam à complexa situação do atual Oriente Médio.

***Esta ressurreição final do Império Romano, como o império original, será centrada na Europa. E parece que pode ser vista hoje, em sua forma embrionária, como União Europeia.***

Justamente porque os Estados modernos de Israel, Egito, Iraque e Síria não existiam há um século atrás, por isso neste tempo os últimos reis do Norte e do Sul não surgiram—ainda. Mas a Bíblia nos ajuda a entender o que virá.

Lemos nos livros proféticos de Daniel e de Apocalipse que outra superpotência global irá surgir no final desta era. Encontramos mais detalhes sobre esse poder do fim dos tempos em Apocalipse 17. Assim como Daniel viu vários animais que representavam os próximos poderes dominantes, o apóstolo João teve uma visão de outra besta que dominaria o mundo justamente no tempo do fim (versículo 3).

Os dez chifres referidos aqui, como um anjo explicou a João, representam dez governantes que receberão o poder “por uma hora”—símbolo de um curto espaço de tempo—com um único governante que também é chamado de “a besta” (Apocalipse 17:12-13). Observe a definição no tempo desses eventos: “Estes combaterão contra o Cordeiro [Jesus Cristo, durante o Seu retorno], e o Cordeiro os vencerá . . .” (versículo 14). Esta profecia, então, é para o futuro, e leva diretamente ao retorno de Jesus Cristo à Terra.

Mas estes não são os únicos personagens significantes do fim dos tempos. Um líder religioso simbolizado por “dois chifres semelhantes

aos de um cordeiro”, mas que fala “como um dragão” (Apocalipse 13:11) irá desempenhar um papel proeminente nessa união de nações no fim dos tempos. Jesus Cristo é o verdadeiro Cordeiro de Deus (João 1:29, 36; Apocalipse 5:8-9; 19:7-9), e por isso parece que este líder religioso afirmará ser cristão. Mas ele é realmente da parte de Satanás, “o grande dragão... que engana todo o mundo” (Apocalipse 12:9).



*Apocalipse 17 descreve a visão de João de uma besta que representa uma superpotência geopolítica do fim dos tempos e seus dez chifres simbolizam os dez líderes que receberão o poder por um curto período de tempo pouco antes da volta de Jesus Cristo.*

no tempo da volta de Jesus Cristo, e o mesmo é verdade para a besta que João viu em Apocalipse 17, ambas profecias falam de uma ressurreição do Império Romano no fim dos tempos. Esta é a outra chave para a compreensão da profecia. Os reinos do Norte e do Sul referem-se a domínios sucessivos. Roma conquistou a Síria. Porém, Roma caiu. Mas o Império Romano foi revivificado de inúmeras maneiras ao longo dos séculos. E acontecerá um último ressurgimento.

Esta ressurreição final do Império Romano, como o império original, será centrada na Europa. E parece que pode ser visto hoje, em sua forma

A “besta” referida em Apocalipse 17 é uma continuação das quatro bestas de Daniel 7. Como vimos anteriormente, Daniel, enquanto prisioneiro na Babilônia, registrou uma visão de “quatro animais grandes” (versículos 3), os impérios gentios que dominariam o Oriente Médio e causariam um grande impacto sobre o povo de Deus. Os impérios foram, em ordem cronológica, o Império Babilônico, o Império Medo-Persa, o Império Grego de Alexandre, o Grande, e o Império Romano.

As tentativas de reviver o Império Romano terão um dramático sucesso no tempo do fim. Nessa época um império sucessor está profetizado que restaurará a unificação europeia que Roma obteve há mais de dois mil anos atrás. Este império conduzirá diretamente para o retorno de Cristo e o estabelecimento do Reino de Deus na terra (versículos 9-14).

Visto que o quarto animal descrito em Daniel 7 existirá no

embrionária, como a União Europeia. Isso não quer dizer que todas as nações atuais da União Europeia sejam parte desta configuração final, mas aquelas que decidam participar vão combinar para formar uma poderosa força militar que se envolverá com o Oriente Médio.

Portanto, esse rei do Norte do tempo do fim mencionado em Daniel 11 parece ser o último governante dessa era final, uma superpotência europeia, chamada de “a besta” em Apocalipse 17.

### O último rei do Sul

E o que dizer sobre o rei do sul? Para entender quem poderia ser, é preciso primeiro ter algum conhecimento da história e do pensamento do povo desta região.

No pensamento islâmico, o mundo está dividido em duas esferas, Dar al-Islam, que significa “terra do Islã”, e Dar al-Harb, que significa “terra do incrédulo” ou “terra de luta”. O Alcorão ensina que Deus “enviou Seu Mensageiro [Maomé] com a orientação e com a verdadeira religião, para fazê-la prevalecer sobre toda a religião, ainda que isso desgoste os idólatras” (Surata 61:9, tradução Samir El-Hayek). Um ponto fundamental do ensinamento islâmico é que o Islamismo deve eventualmente se tornar a religião dominante no mundo inteiro.

Lembre-se também que o sonho dos povos árabes é a unificação árabe. As tribos guerreiras da Arábia foram unidas, pela primeira vez, por Maomé através de uma nova religião, o Islamismo. A *Ummah*, a comunidade do Islã, foi um sonho constante ao longo dos séculos. Já faz uns setecentos e cinquenta anos que os filhos de Ismael estão desunidos. E, somente nos últimos cinquenta anos, é que eles conseguiram certa independência do controle estrangeiro. O sonho não realizado ainda permanece.

Por um tempo, depois da revolução de 1952 no Egito, o presidente Nasser foi a inspiração para a unificação árabe, e muitos pensavam que ele iria realizá-lo. Mais recentemente Saddam Hussein do Iraque pensou da mesma maneira, desejando unir o mundo árabe contra os Estados Unidos e Israel.

Voltando mais no tempo, o sudanês Muhammad Ahmed Ibn el Sayed (1844-1885) proclamou-se o messias islâmico, o *Mahdi* (“divinamente guiado”), que uniria os muçulmanos e derrotaria os infiéis. Ele falhou em sua missão, mas teve mais êxito em unir os árabes do que tiveram os líderes seculares. Devemos também observar que muitos muçulmanos acreditam que um outro *Mahdi* está profetizado para aparecer em uma época turbulenta para restaurar a fé islâmica e garantir a sua vitória final sobre todas as outras religiões.

Em tempos mais recentes Osama bin Laden havia se tornado o sucessor espiritual do *Mahdi* sudanês e obteve um considerável sucesso em unir os muçulmanos contra o Ocidente. Onde quer que você vá no mundo

islâmico, as pessoas consideram Bin Laden um “herói” que lhes deu esperança de um triunfo final.

Tal como os discípulos de Maomé trouxeram a derrota de duas grandes superpotências de sua época, Bizâncio e Pérsia, também Osama bin Laden e seus seguidores desejaram derrubar as duas superpotências da nossa era. Uma delas, a União Soviética, foi desmantelada em 1991—o seu colapso foi devido, em grande parte, aos rebeldes afegãos liderados por Bin Laden, que derrotaram os soviéticos no Afeganistão.



*Recentes figuras muçulmanas populares, como Saddam Hussein do Iraque, à esquerda, e Osama bin Laden, à direita, procuraram unir o mundo islâmico contra o Ocidente. A profecia bíblica indica que outro líder surgirá no mundo muçulmano e irá desencadear um grande conflito com uma nova superpotência centrada na Europa.*

O onze de setembro mostrou quão vulnerável ao terrorismo é a segunda superpotência, os Estados Unidos. As contínuas advertências de Washington deixam claro que o país continua suscetível a potenciais ataques terroristas ainda mais devastadores que o primeiro.

Este rei do Sul do fim dos tempos se levantará para desafiar o Ocidente, atacando o rei do Norte. Quem quer que seja o rei do Sul do fim dos tempos—será uma figura popular como foram Osama bin Laden, o líder político Gamal Abdel Nasser e Saddam Hussein, ou uma figura religiosa, como o aiatolá Khomeini ou o futuro *Mahdi* profetizado—será alguém que vai se engajar nesse conflito final contra o Ocidente, possivelmente, em mais uma tentativa de alcançar a tão esperada unificação árabe e islâmica. Ele vai, involuntariamente, dar início uma série de eventos que levarão a uma carnificina inimaginável antes de Jesus Cristo intervir para pôr um fim nisso.

### O desdobramento e o auge da guerra no Oriente Médio

Retornando a Daniel 11:40, vemos que as forças dos dois líderes do fim dos tempos, os reis do Norte e do Sul, se confrontarão: “No tempo do fim, o rei do Sul lutará com ele, e o rei do Norte arremeterá contra ele com carros, cavaleiros e com muitos navios, e entrará nas suas terras, e as inundará, e passará” (ARA).

A palavra “lutará” é traduzida da palavra hebraica *nagach*, o que pode significar tanto “empurrar” como “atacar.” Ela é usada para descrever como um touro ou carneiro ataca com seus chifres. Figurativamente, isso significa “guerra contra”. A forma que este “empurrar” ou “atacar” tomará não é explicada.

Porém, é evidente que este líder do sul do fim dos tempos vai atacar o norte para justificar uma grande invasão militar ao Oriente Médio. Considerando a forma como extremistas islâmicos atacaram as potências ocidentais nos últimos anos, algo como uma série de ataques terroristas contra os principais alvos europeus poderia ser a referência aqui sobre “empurrar”. Deste ponto em diante o rei do sul já não é mais especificamente mencionado nas Escrituras. O que acontece com ele não é explicitado.

O mesmo capítulo mostra que o rei do Norte, o poder da Besta situado na Europa, será o vencedor, e mostra como ele invade a Terra Santa e derrota “muitos países” (versículo 41). Entre eles estão o Egito, os líbios e os etíopes (entenda que estes nomes bíblicos dos povos e lugares podem não ser exatamente idênticos às atuais fronteiras nacionais, embora as regiões sejam as mesmas).

### O primeiro e o segundo ai

No entanto, “rumores do Oriente e do Norte o espantarão” e “sairá com grande furor, para destruir e extirpar a muitos” (versículo 44). Essas ações do rei do Norte do tempo do fim parecem estar relacionadas com a quinta trombeta ou “primeiro ai” de Apocalipse 9:1-11, já que ambas as forças que trazem o primeiro ai e o poder da Besta do fim dos tempos são descritas emergindo do abismo (versículos 1-2; Apocalipse 11:7; 17:8). Para mais detalhes, solicite ou baixe gratuitamente nosso livro *O livro de Apocalipse Revelado*.

Na época em que o livro de Apocalipse foi escrito, a fronteira oriental do Império Romano era o rio Eufrates, que nasce na Turquia e atravessa a Síria e o Iraque antes de desaguar no Golfo Pérsico. Os países referidos no últimos versículos de Daniel 11 estão todos bem a oeste deste rio. Entretanto, nos eventos do fim dos tempos profetizados no livro de Apocalipse esse rio é um importante marcador geográfico.

E notem Apocalipse 9:13-16: “E tocou o sexto anjo a trombeta, e ouvi uma voz que vinha das quatro pontas do altar de ouro que estava diante de Deus, a qual dizia ao sexto anjo, que tinha a trombeta: Solta os quatro

anjos que estão presos junto ao grande rio Eufrates. E foram soltos os quatro anjos que estavam preparados para a hora, e dia, e mês, e ano, a fim de matarem a terça parte dos homens. E o número dos exércitos dos cavaleiros era de duzentos milhões; e ouvi o número deles”.

Aqui temos a sexta trombeta (o segundo ai) identificado como um maciço exército de duzentos milhões de homens “a fim de matarem a terça parte dos homens”. É evidente que estamos falando de grandes confrontos entre o mundo ocidental (representado pelas forças do rei do Norte) e um enorme exército de regiões ao longo ou além do rio Eufrates.

Ameaçados por uma grande presença militar estrangeira que invade o Norte da África e a atual Israel, esta força militar se une para lutar contra ela. Quais são as nações que se unem para formar esse imenso exército? Há duas prováveis possibilidades no ambiente geopolítico de hoje—ou uma combinação de ambas.

A presença de forças não-islâmicas (infieis) em solo islâmico tem sido uma fonte de discórdia na região desde o tempo das Cruzadas há quase mil anos atrás. A presença no Oriente Médio de forças do Império Romano Restaurado—o poder da Besta profetizada, visto como um sucessor espiritual dos cruzados—sem dúvida, novamente inflamará os sentimentos islâmicos.

É portanto possível, que esse enorme exército seja uma força islâmica multinacional formada a partir de alguns ou de todos os países islâmicos ao longo ou ao norte e leste do Eufrates. Isto incluiria nações como Turquia, Síria, Iraque, Irã, Paquistão, Afeganistão, e até mesmo ativistas da Índia (que tem a segunda maior população muçulmana do mundo, depois da Indonésia, embora a maioria dos seus cidadãos sejam hindus).

Mais ao norte e ao leste da Terra Santa estão nações islâmicas relativamente novas que surgiram após a queda da União Soviética—Azerbaijão, Turcomenistão, Tadjiquistão, Cazaquistão, Uzbequistão e Quirguistão. A população muçulmana do mundo totaliza cerca de 1,3 bilhão, a maioria dos quais estão geralmente nesta área geográfica.

Outra possibilidade para essas forças inclui a Rússia e a China, duas potências mundiais, que muitas vezes compartilham interesses comuns, juntamente com seus aliados e outras nações do Extremo Oriente. Uma ameaça ao fornecimento de petróleo do Golfo Pérsico, real ou imaginária, poderia provocar uma reação destas nações. A China, com sua população de 1,3 bilhão, certamente poderia pôr em campo uma enorme força militar, e a tecnologia de armas da Rússia tornaria esta força um formidável poder militar.

Além disso, é possível que todas essas forças se reunirão por pouco tempo, com medo do crescente poderio militar e da presença do rei do Norte. De fato, importantes laços econômicos e de defesa já existem entre a Rússia e a China, e alguns países muçulmanos da Ásia Central e Oriente Médio.

### A preparação do palco para o Armagedom

Mais tarde, como parte da cadeia de eventos que seguem ao soar da sétima trombeta de Apocalipse 11:15, encontramos o rio Eufrates mencionado novamente: “E o sexto anjo derramou a sua taça sobre o grande rio Eufrates; e a sua água secou-se, para que se preparasse o caminho dos reis do Oriente” (Apocalipse 16:12).

Apesar de que esses líderes e forças não sejam explicitamente mostrados, sabemos que eles vêm do leste do Eufrates. Como o exército de duzentos milhões de homens, parece que essa força vem principalmente de alguma parte do mundo muçulmano, da China ou da Rússia e seus aliados. Ou ainda, poderia ser uma combinação de algumas ou de todas essas nações. Na verdade, poderia muito bem ser o mesmo bloco de poder como aquele de Apocalipse 9, porém, sendo este um episódio diferente, mas não necessariamente.

E, contribuindo para este conflito, “espíritos de demônios, que fazem prodígios . . . vão ao encontro dos reis de todo o mundo para congregá-los para a batalha, naquele grande Dia do Deus Todo-poderoso . . . E os congregaram no lugar que em hebreu se chama Armagedom” (versículos 14-16).

Ao fim, não importará quais países especificamente estarão envolvidos nesta crescente guerra mundial nesta altura no tempo, pois em última análise Apocalipse 16:14 nos diz que os reis “de todo o mundo” estarão reunidos no Oriente Médio para uma batalha final. Assim, parece provável que todos os poderes do Oriente supracitados estarão engajados mais cedo ou mais tarde.

Realmente, seja como que se desenrole, é aparente que praticamente todas as forças militares restantes, serão atraídas até um certo ponto, para esse redemoinho de destruição final, tal como aconteceu nas duas grandes guerras mundiais do século XX. Ironicamente, no entanto, tudo isto faz parte do plano de Deus e é absolutamente necessário para que a paz finalmente seja estabelecida nesta região devastada pela guerra.

### A intervenção de Cristo para salvar a humanidade

Todas essas manobras de destruição e devastação—que ceifará a vida de pelo menos um terço da raça humana (Apocalipse 9:15, 18)—é o prelúdio para a segunda vinda de Jesus Cristo. Ele *tem* que voltar para salvar a humanidade deste último conflito cataclísmico, pois de outra maneira nenhum ser humano sobreviveria. Como Ele disse dessa época imediatamente anterior ao Seu retorno à Terra, “*se aqueles dias não fossem abreviados, nenhuma carne se salvaria . . .*” (Mateus 24:22).

Mas ao Seu retorno, os povos do mundo não O aceitarão imediatamente. Como vimos anteriormente, os dez reis aliados da Besta vão lutar contra Ele (Apocalipse 17:14).

Apocalipse 16:16 nos diz que os exércitos se reunirão “no lugar que em

hebreu se chama Armagedom”. *Armageddon* é a forma grega do nome hebraico *Har Megiddon*, o que significa colina ou montanha de Megido, uma antiga cidade cerca de cem quilômetros ao norte de Jerusalém e vinte e sete quilômetros afastado do Mar Mediterrâneo. E que tem vista panorâmica do Vale de Jezreel ou Esdraelon, uma grande planície aberta.



*Megido se encontrava na encruzilhada de várias invasões da antiguidade e nas rotas de comércio (indicada na foto) da antiga Israel. Megido tem uma vista panorâmica da planície de Esdrelon (a tradução em grego koiné de Jezreel), que a profecia bíblica indica ser o ponto de encontro de enormes exércitos justamente antes da segunda vinda de Cristo. Esses exércitos combaterão Jesus Cristo em Seu retorno, próximo a Jerusalém.*

com justiça. E os seus olhos eram como chama de fogo; e sobre a sua cabeça havia muitos diademas . . .” Esta é uma descrição do retorno de

No entanto, a batalha final não será aqui. Em vez disso, parece que esta será a área de preparação final para os exércitos que lutarão contra Jesus Cristo. A batalha em si terá lugar no Vale de Josafá, perto de Jerusalém, conforme profetizado em Joel 3: “Porquanto eis que, naqueles dias e naquele tempo, em que removerei o cativo de Judá e de Jerusalém, congregarei todas as nações e as farei descer ao vale de Josafá . . . Ajuntai-vos, e vinde, todos os povos . . . porque ali me assentarei, para julgar todas as nações em redor” (Joel 3:1-2, 11-12). A própria palavra *Jehoshaphat* significa “Julgamento do Senhor”.

Apocalipse 19:11-16 descreve o que acontece em seguida: “E vi o céu aberto, e eis um cavalo branco. O que estava assentado sobre ele chama-se Fiel e Verdadeiro e julga e peleja

Jesus Cristo, que agora irá executar, à força, o julgamento de Deus sobre um mundo rebelde e cheio de pecados e sobre aqueles que Lhe resistem.

“E estava vestido de uma veste salpicada de sangue, e o nome pelo qual se chama é a Palavra de Deus. E seguiam-no os exércitos que há no céu em cavalos brancos e vestidos de linho fino, branco e puro. E da sua boca saía uma aguda espada, para ferir com ela as nações... E na veste e na sua coxa tem escrito este nome: REI DOS REIS E SENHOR DOS SENHORES”.

Vários versículos descrevem o que acontecerá com a união de forças que lutam contra Jesus em Seu retorno (versículos 17-18, 21; Zacarias 14:12). Mas toda a resistência humana contra o designio e o propósito de Deus se mostrará inútil.

### Finalmente a paz

Depois de tanta morte e destruição, e séculos de guerra e instabilidade no Oriente Médio, imagine que diferença fará a segunda vinda de Jesus Cristo.

Os judeus, cristãos e muçulmanos não apenas têm um ancestral espiritual comum em Abraão como também são adeptos das três religiões que esperam, de diferentes maneiras, um Messias.

Somente depois que o verdadeiro Messias vier todos os três poderão começar a viver em verdadeira harmonia. Sem qualquer diferença religiosa e, finalmente, compreendendo e apreciando os laços de sangue que os unem, eles serão capazes de trabalhar juntos sob o comando de Jesus Cristo, ao Seu retorno, para resolver suas diferenças.

Ageu 2:6-7 profetiza esse tempo: “Ainda uma vez . . . farei tremer os céus, e a terra, e o mar, e a terra seca; e farei tremer todas as nações, e virá o Desejado de todas as nações . . .” “O Desejado de todas as nações” é o Messias prometido, a esperança de todas as três fés.

Descrito como o “Príncipe da Paz” em Isaías 9:6, Jesus Cristo estabelecerá Seu governo na Terra, e Jerusalém será sua capital. “Mas, nos últimos dias, acontecerá que o monte [símbolo profético de um governo] da casa do SENHOR será estabelecido no cume dos montes [sobre todos os outros governos do mundo] . . . e concorrerão a ele os povos. E irão muitas nações e dirão: Vinde, e subamos ao monte do SENHOR e à Casa do Deus de Jacó, para que nos ensine os seus caminhos, e nós andemos pelas suas veredas; porque de Sião sairá a lei, e a palavra do SENHOR, de Jerusalém” (Miquéias 4:1-2).

Todos os filhos de Abraão—árabes, judeus e também israelitas—juntamente com todos os habitantes da terra, terão, então, a oportunidade de aprender a verdade de Deus e de receber Seu dom de salvação. Já não estarão mais em guerra, mas serão aliados, cooperando juntos num espírito de paz e de fraternidade, todos reconhecendo o verdadeiro Deus e vivendo de acordo com os Seus caminhos e recebendo Suas bênçãos (Isaías 19:20-25). Para entender melhor este tempo e como finalmente

acontecerá, solicite ou baixe nosso livro gratuito *O Evangelho do Reino de Deus*.

Satanás, o diabo, o instigador de tanta guerra e sofrimento e a influência invisível detrás dos bastidores, será imediatamente aprisionado para que não possa mais enganar e oprimir as nações (Apocalipse 12:9; 20:1-3). Para saber mais sobre este ser maligno e sua influência, peça ou baixe grátis nosso livro *O Diabo Realmente Existe?*



*O antigo lugar de Megido — o “Armagedom” da Bíblia — tem vista para o extenso Vale de Jezreel, provavelmente o local de encontro de algumas das forças militares que vão lutar contra Cristo, quando Ele retornar.*

da sua figueira, e não haverá quem os espante, porque a boca do SENHOR dos Exércitos o disse” (Miquéias 4:3-4).

Jerusalém, que tem sido devastada pelo terror, não estará jamais com temor. Deus decreta: “Voltarei para Sião e habitarei no meio de Jerusalém; e Jerusalém chamar-se-á a cidade de verdade, e o monte do SENHOR dos Exércitos, monte de santidade . . . velhos e velhas, levando cada um na mão o seu bordão, por causa da sua muita idade. E as ruas da cidade se encherão de meninos e meninas, que nelas brincarão” (Zacarias 8:3-5).

Zacarias 14:8-9 contribui para a bela imagem de um iminente futuro maravilhoso e glorioso: “Naquele dia, também acontecerá que correrão de Jerusalém águas vivas . . . E o SENHOR será rei sobre toda a terra”.

Finalmente, além da escuridão e da tristeza, depois de milhares de anos de guerra e de angústia, a humanidade verá finalmente a paz em Jerusalém e na terra que Deus deu a Abraão há quatro mil anos—uma paz que se estenderá por todo o Oriente Médio e, finalmente, cobrirá o mundo inteiro.

Sob o governo justo de Cristo, a paz, não a guerra, será deflagrada nesta terra há tanto tempo conturbada. “E julgará entre muitos povos e castigará poderosas nações até mui longe; e converterão as suas espadas em enxadas e as suas lanças em foices; uma nação não levantará a espada contra outra nação, nem aprenderão mais a guerra. Mas assentar-se-á cada um debaixo da sua videira e debaixo

## O Que é a “Abominação Desoladora”?

O que é a abominação da desolação mencionada na Bíblia no livro de Daniel?

Em Sua profecia mais detalhada do fim dos tempos, Jesus disse: “Quando, pois, virdes que a abominação da desolação, de que falou o profeta Daniel, está no lugar santo . . . então, os que estiverem na Judéia, que fujam para os montes” (Mateus 24:15-16). Sobre o que Ele está falando?

A profecia mais longa e mais precisa da Bíblia, Daniel 11, registrou com antecedência o que iria acontecer com os impérios e nações que disputam o controle da Terra Santa nos séculos vindouros. Ela descreve, em detalhes surpreendentes, os governantes e outros povos que viveram muito tempo depois da profecia de Daniel e vários séculos antes de Cristo (como enunciados no capítulo 3 deste livro, páginas 23 a 28).

Na maior parte da profecia estes reinos foram a Síria ao norte, governada pelos descendentes de Seleuco, um dos generais de Alexandre, o Grande, e o Egito no sul, governado pelos descendentes de outro general de Alexandre, Ptolomeu.

### Surge um governante perverso

E, por fim, a profecia descreve um governante selêucida chamado Antíoco IV, também conhecido como Antíoco Epifânio. Daniel 11:21 diz: “Depois, se levantará em seu lugar [de Seleuco IV] um homem vil, ao qual não tinham dado a dignidade real”. A maioria dos oficiais sírios, cansados dos excessos dos governantes selêucidas, apoiaram o usurpador Heliodoro, que já tinha envenenado o rei anterior.

“Mas”, explica a profecia sobre Antíoco, “ele virá caladamente e tomará o reino com engano” (versículo 21). E através do que, unanimemente, alguns historiadores chamaram de “costumes romanos” e de muita bajulação, ele se prontificou a ajudar o vizinho Rei Eumenes II de Pérgamo e seus oficiais a expulsar Heliodoro e tomar o trono em 175 a.C. O versículo seguinte explica que todos aqueles que se opusessem a Antíoco seriam arrancados e quebrantados—e se foram.

Nesta época a Síria dominava a Terra Santa. E incluso nessa “arrancada” está alguém referido como “o príncipe do concerto” (versículo 22). Esta é aparentemente uma referência a um judeu

helenista, que mudou seu nome para a forma grega Jason, nomeado por Antíoco como substituto do sumo sacerdote do sistema de culto judaico. Mas, apenas três anos depois ele foi destituído de seu posto por Antíoco em favor de outro helenizante (isto é, quem promove a cultura grega), o apóstata chamado Menelau.

Como mostram os versículos 23-24, alguns indivíduos da liderança judaica fizeram um “concerto”, um tratado ou acordo similar, com Antíoco, e assim, inicialmente, ele entrou “em paz” na Terra Santa, somente com uma pequena força militar.

Quais eram os termos desse concerto ou aliança? O livro apócrifo de 1 Macabeus, embora não sejam Escrituras, nos proporciona a história desse tempo. “Por aqueles dias, saíram de Israel homens iníquos, que persuadiam a muitos, dizendo: “Vamos fazer aliança com as nações que estão ao nosso redor . . .” (1 Macabeus 1:11, *Bíblia da Confederação Nacional dos Bispos do Brasil* [BCNBB]).

Continuando em uma versão parafraseada do relato: “. . . porque, depois que nos afastamos delas, muitos males nos aconteceram. Essa proposta agradou a muita gente. Alguns do povo tomaram a iniciativa e foram até o rei, que lhes deu permissão para introduzir os costumes pagãos. Foi assim que construíram em Jerusalém uma praça de esportes de acordo com os usos pagãos. Disfarçaram a circuncisão e renegaram a aliança sagrada. Associaram-se às nações pagãs e se venderam para praticar o mal” (versículos 11-15, Nova Tradução na Linguagem de Hoje – Edições Paulinas [NTLH-EP]). Apesar disso, as facções apóstatas não abandonaram totalmente o sistema de culto judaico—pelo menos não ainda.

Em qualquer caso, Antíoco logo traiu os líderes judeus e passou a tirar dos ricos para dar aos pobres, mas apenas como uma manobra provisória para ganhar apoio entre as massas judaicas (Daniel 11:24).

### Antíoco dá vazão à sua fúria

Então, veja o que estava para acontecer em 168 a.C. depois que ele derrotou o rei do Egito: “Então, tornará para a sua terra com grande riqueza, e o seu coração será contra o santo concerto; e fará o que lhe aprouver e tornará para a sua terra” (versículo 28).

Como registra 1 Macabeus, ele pôs-se contra os judeus, massacrando muitos deles e saqueando o templo em Jerusalém antes de retornar para a Síria (1 Macabeus 1:20-28).

Antíoco, em seguida, embarcou em uma segunda empreitada no Egito, desta vez sem sucesso, porque uma frota romana forçou-o a desistir de sua luta e devolver a ilha de Chipre para o Egito (Daniel

11:30). “. . . que lhe causarão tristeza; e voltará, e se indignará contra o santo concerto, e fará como lhe apraz; e ainda voltará e atenderá aos que tiverem desamparado o santo concerto” (versículo 30). Antíoco descarregou seu furor sobre os judeus, mas concedeu favores especiais para aqueles que rejeitaram sua religião.

Como 1 Macabeus explica: “Dois anos depois, o rei mandou às cidades de Judá um coletor de impostos, que entrou em Jerusalém acompanhado de possante exército. Com falsa proposta de paz, ganhou a confiança dos habitantes e, de repente, caiu sobre a cidade, aplicando-lhe violento golpe e provocando a morte de muita gente em Israel. Saqueou a cidade, a incendiou e destruiu suas casas e muralhas. Levaram prisioneiras mulheres e crianças, e roubaram todo o gado. Em seguida construíram ao redor da Cidade de Davi uma alta e resistente muralha, além de torres de guarda bem reforçadas, de modo que ela ficou sendo a fortaleza deles” (1:29-33, NTLH-EP).

### **Antíoco rejeita as leis de Deus**

Então veio o pior. A profecia de Daniel alertou sobre Antíoco: “E sairão a ele uns braços, que profanarão o santuário e a fortaleza, e tirarão o contínuo sacrifício, estabelecendo a abominação desoladora” (Daniel 11:31).

O livro de 1 Macabeus nos dá mais detalhes: “O rei baixou um decreto, determinando que o reino inteiro formasse um povo só, e cada qual deixasse de lado seus costumes particulares. Todas as nações obedeceram ao decreto do rei. Entre os israelitas, muitos gostaram da religião do rei e passaram a oferecer sacrifícios aos ídolos e a profanar o sábado.

“Além disso, através de mensageiros, o rei mandou a Jerusalém e às cidades de Judá um documento com várias ordens: Tinham que adotar a legislação estrangeira; proibia oferecer holocaustos, sacrifícios e libações no Templo e também guardar os sábados e festas.

“Mandava contaminar o santuário e objetos sagrados, construindo altares, templos e oratórios para os ídolos, e imolar porcos e outros animais impuros; ordenava que não circuncidassem os filhos e que profanassem a si próprios com todo o tipo de impurezas e abominações, esquecendo a Lei e mudando todos os costumes. Quem não obedecia à ordem do rei, incorria em pena de morte.

“O rei mandou documentos escritos que continham as ordens para todo o seu reino. Nomeou fiscais sobre todo o povo e determinou que as cidades de Judá, uma após outra, deveriam oferecer

sacrifícios. Muita gente do povo passou para o lado deles, todos traidores da Lei. Começaram a praticar o mal no país, e os israelitas tiveram que se esconder em qualquer refúgio disponível” (1 Macabeus 1:41-53, NTLH-EP).

### **O templo profanado**

Então aconteceu: “No dia quinze do mês de Casleu do ano cento e quarenta e cinco” (versículo 54, NTLH-EP), que corresponde a 168-167 a.C., “Antíoco levantou sobre o altar dos holocaustos a abominação da desolação” (versículo 54, BCNBB). Este parece ter sido um altar pagão, provavelmente com uma imagem representando o principal deus grego, Zeus, como 2 Macabeus 6:2 nos diz que Antíoco profanou o templo judeu e dedicou-o “a Júpiter Olímpico” (NTLH-EP). Afinal, para o pensamento grego o Deus dos hebreus simplesmente equiparava-se ao deus-chefe do panteão grego.

E mais adiante diz: “Passaram a queimar incenso até nas portas das casas e pelas praças. Rasgavam e queimavam os livros da Lei que encontravam. Quando encontravam um livro da Aliança em poder de alguém, ou se alguém concordasse em seguir a Lei, o decreto do rei condenava essa pessoa à morte. Como tivessem o poder, cada mês, faziam isso com todos os israelitas que encontravam pelas cidades. No dia vinte e cinco de cada mês, ofereciam-se sacrifícios no altar colocado sobre o altar dos holocaustos” (1 Macabeus 1:55-59, NTLH-EP). Na verdade, porcos, declarados impuros na lei de Deus (Deuteronômio 14:8), foram oferecidos sobre Seu próprio altar.

O relato continua em 1 Macabeus 1:60-61: “De acordo com o decreto, matavam as mulheres que tinham circuncidado seus filhos, juntamente com os filhos que elas carregavam no colo, com os familiares e com as pessoas que tinham feito a circuncisão nas crianças” (NTLH-EP). Apesar do horror, alguns ainda resistiam. De fato, 1 Macabeus 1:62-64 relata: “Muitos israelitas, porém, permaneceram firmes, e não havia quem os fizesse comer coisa nenhuma que fosse impura. Preferiam morrer a se contaminar com esses alimentos e profanar a santa Aliança. E muitos morreram. Assim, desencadeou-se uma grande ira sobre Israel” (NTLH-EP).

No entanto, muitos da resistência sobreviveram. O relato continua com a ascensão da família sacerdotal Hasmoneana de Mata-tias, inclusive seu filho e sucessor Judas Macabeu, que não iria se comprometer com o paganismo. No final, os esforços desses patriotas e seus seguidores foram em grande medida responsáveis por, eventualmente, expulsar os sírios.

### O posterior cumprimento profético

Agora, com todo esse relato histórico, considere a advertência de Cristo sobre a abominação desoladora. Quando Ele a entregou, essa parte da profecia de Daniel não tinha sido cumprida há quase duzentos anos, como vimos? Certamente. Portanto, a profecia de Daniel, de acordo com Jesus, deve ter um cumprimento *dual*.

Jesus revelou-nos o tempo do cumprimento final desta profecia em Mateus 24 quando explicou o que aconteceria imediatamente em seguida: “Porque nesse tempo haverá *grande tribulação, como desde o princípio do mundo até agora não tem havido* e nem haverá jamais. Não tivessem aqueles dias sido abreviados, ninguém seria salvo [vivo]; mas, por causa dos escolhidos, tais dias serão abreviados” (versículos 21-22, ARA).

Isto lembra uma outra parte da profecia de Daniel, que diz que no tempo do fim “haverá um tempo de angústia, qual nunca houve, desde que houve nação até àquele tempo; mas, naquele tempo, livrar-se-á o teu povo... E muitos dos que dormem no pó da terra ressuscitarão...” (Daniel 12:1-2).

Portanto, este período terrível de tribulação ocorre no final dessa presente era, pouco antes do retorno de Cristo, quando Ele ressuscitará Seus fiéis seguidores (1 Tessalonicenses 4:15-16). Na verdade, Daniel disse que “desde o tempo em que o contínuo sacrifício for tirado e posta a abominação desoladora”, mil duzentos e noventa dias—pouco mais de três anos e meio—iriam transcorrer até que, de fato, a ressurreição de Daniel e o resto dos santos aconteceria (Daniel 12:11, 13).

### Lições do primeiro cumprimento

Podemos aprender muito sobre esta profecia do fim dos tempos a partir da abominação desoladora original predita por Daniel. Antíoco Epifânio foi um precursor do rei do norte do tempo do fim, o ditador do mundo que o livro de Apocalipse se refere como a “besta”. Sem dúvida, este governante do fim dos tempos vai empregar os mesmos métodos enganosos e dissimulados que marcaram o reinado de Antíoco e muitos de seus sucessores, como Hitler.

Além disso, pelo que temos visto e por outras indicações das escrituras sobre o governante do fim dos tempos, para atingir seus objetivos ele fingirá aceitar as propostas de paz com os judeus da nação moderna de Israel. Isso pode ajudar a explicar por que no fim dos tempos o “rei do Sul”, evidentemente, um líder islâmico, vai agir contra o poder da última Besta (Daniel 11:40)

Quais os outros paralelos que vemos? Parte da “abominação”

de Antíoco envolvia a cessação dos sacrifícios diários no templo (Daniel 11:31). No entanto, a profecia de Daniel deixa claro que os sacrifícios serão novamente interrompidos em conjunto com a abominação desoladora que virá (Daniel 12:9-13). Para esta profecia ser cumprida, parece que os sacrifícios serão novamente retomados e um altar reconstruído antes da volta de Jesus, o Messias.

Em outro paralelo, Antíoco profanou o antigo templo sagrado quando eregiu um ídolo do deus pagão Zeus e lá sacrificou porcos. A abominação do fim dos tempos também pode envolver uma imagem idólatra em um novo templo. O que sabemos com certeza é que dentro do “templo de Deus” haverá uma pessoa real que afirmará ser Deus em carne.

O apóstolo Paulo, em 2 Tessalonicenses 2:1-12, prenunciou esse “filho da perdição”. Observe os versículos 3-4: “Ninguém, de maneira alguma, vos engane, porque não será assim sem que antes [do retorno de Cristo] venha a apostasia e se manifeste o homem do pecado, o filho da perdição, o qual se opõe e se levanta contra tudo o que se chama Deus ou se adora; de sorte que se assentará, como Deus, no templo de Deus, querendo parecer Deus”.

Cristo vai destruir esta figura religiosa na Sua segunda vinda (versículos 5-8), mas não antes de muitas pessoas terem sido enganadas pelo “poder, e sinais, e prodígios de mentira” (versículos 9-12).

Além disso, assim como a abominação desoladora original marcou o início de um período de horror e de miséria sem precedentes, assim também será no fim onde se iniciará um tempo de horror indescritível sem paralelo na história, a futura Grande Tribulação.

Devemos estar agradecidos a Deus que promete enviar o Seu Filho de volta à Terra para salvar a humanidade da auto-aniquilação neste tempo horrível de engano e destruição em massa. Nós também podemos agradecer a Deus pelo maravilhoso exemplo daqueles que ficaram firmes—que não abandonaram o caminho de Deus—e pela alentadora esperança do retorno de Cristo, da ressurreição para a vida eterna e do estabelecimento do Seu reino glorioso na terra.

De fato, quanto mais os eventos mundiais caminham cada vez mais para perto do cumprimento dessas profecias mais devemos nos aproximar de Deus em fé, confiando Nele para nos guardar desse horrível tempo, pois sabemos que não ficamos sem um conhecimento prévio para nos ajudar a entender melhor os eventos do fim dos tempos.

## A Profecia de uma Confederação Árabe

O Salmo 83 contém uma profecia sobre muitas nações do Oriente Médio que parece estar ainda por cumprir e, possivelmente, condiz com os eventos do fim dos tempos.

Se assim for, ela prediz uma confederação de nações árabes que estão determinadas a eliminar Israel.

“Astutamente formam conselho contra o teu povo e conspiram contra os teus protegidos. Disseram: Vinde, e desarraiguemo-los para que não sejam nação, nem haja mais memória do nome de Israel. Porque à uma se conluíram; aliaram-se contra ti: As tendas de Edom, dos ismaelitas, de Moabe, dos agarenos, de Gebal, de Amom, de Amaleque e a Filístia com os moradores de Tiro. Também a Assíria se ligou a eles; foram eles o braço dos filhos de Ló” (versículos 3-8).

Esses nomes bíblicos são significativos quando entendemos quais regiões e povos a que esta profecia se refere. *Edom* diz respeito aos palestinos e alguns turcos. Os ismaelitas, descendentes de Ismael, são muitos dos povos árabes no Oriente Médio e Norte da África. *Moabe* é a região central da Jordânia. Os *agarenos* parece se referir aos outros descendentes

de Agar, mãe de Ismael.

*Gebal*, que significa “montanha” ou “fronteira”, é comumente comparado com a cidade fenícia de Biblos, a atual Jubail no Líbano. *Amom* refere-se ao norte da Jordânia e arredores de Amã, a capital (que obteve seu nome de Amom). *Amaleque* parece referir-se a um ramo de edomitas palestinos. A *Filístia* é a região em torno do que hoje é conhecida como Faixa de Gaza. *Tiro* era antigamente uma grande cidade-estado no sul do Líbano ao longo da costa do Mediterrâneo. A *Assíria* etnicamente parece referir-se aos habitantes da Europa Central que migraram há muitos séculos atrás, enquanto geograficamente a Assíria se localiza onde hoje é o norte do Iraque. Os *filhos de Ló* novamente refere-se a Moabe e Amon, as regiões da moderna Jordânia.

A unificação árabe continua indefinida, mas lentamente um propósito comum está aproximando diferentes povos do mundo árabe. Este objetivo comum é o desejo de destruir a nação de Israel e seu aliado principal, os Estados Unidos da América, juntamente com a cultura liberal do Ocidente, visto há muito tempo como uma ameaça ao modo de vida muçulmano.

## O Que Você Deve Fazer?

***Por que Deus revela o futuro? Por que Ele nos conta o que está por vir? Uma razão fundamental é para que possamos ver a necessidade de mudar.***

O registro bíblico das profecias é longo e incrivelmente preciso. Nenhum ser humano poderia ter previsto precisamente a extraordinária ascensão e queda de reinos, de líderes e dos povos que encontramos na Bíblia.

“Eu sou Deus”, Ele declara, “e não há outro Deus, não há outro semelhante a mim; que anuncio o fim desde o princípio e, desde a antiguidade, as coisas que ainda não sucederam; que digo: o meu conselho será firme . . .” (Isaías 46:9-10). Somente Deus tem o poder de prever o futuro—e, em seguida, fazê-lo acontecer.

***Mas por que Deus revela o futuro? Por que Ele nos conta o que está por vir?***

Uma razão importante é para que *possamos ver a necessidade de mudar*. Deus revela o futuro para que cada um de nós, individualmente, possa *arrepender-se*—mudar nosso modo de vida e começar a viver de acordo com Sua orientação—e para que possamos evitar o sofrimento de Seu julgamento sobre o mundo quando estes eventos proféticos se cumprirem. Ele diz-nos o que vai acontecer para nos motivar a realizar as mudanças necessárias em nossas vidas, tanto pessoal quanto nacionalmente.

***Mas por que Deus revela o futuro? Por que Ele nos conta o que está por vir?***

Os pedidos de Deus para a antiga Israel e Judá são reveladoras. Ele enviou Seu profeta Ezequiel com um premente apelo: “Dize-lhes: Tão certo como eu vivo, diz o SENHOR Deus, não tenho prazer na morte do perverso, mas em que o perverso se converta do seu caminho e viva. Converti-vos, converti-vos dos vossos maus caminhos; pois por que haveis de morrer . . . ?” (Ezequiel 33:11, ARA).

Deus não quer punir ninguém. Mas, como qualquer pai amoroso, Ele sabe que às vezes precisamos de uma lição dolorosa como disciplina para evitar uma dor maior ainda e sofrimento desnecessário no futuro.

Ele também nos deu leis, resumidas nos Dez Mandamentos, que trazem grandes bênçãos quando as obedecemos, porque elas nos ensinam um modo de vida que demonstra amor a Deus e a nosso próximo (Mateus 22:37-40). Essas leis também trazem con-

sequências quando as ignoramos ou desobedecemos. Quando nós as quebrantamos, inevitavelmente trazemos resultados muito dolorosos e, por sua vez, também *somos quebrantados*. Infelizmente, poucos estão dispostos a submeter-se humildemente a Deus e permitir-se aprender essa lição.

Por toda a Sua Palavra, Deus revela os eventos e as condições que irão enredar o mundo no tempo do fim. Em Marcos 13 Jesus adverte três vezes a seus seguidores de que eles precisam estar atentos para as tendências que precederão Seu retorno e para não ser pegos despreparados espiritualmente: “Vigiem”, diz Ele: “e fiquem alertas, pois vocês não sabem quando chegará a hora” (versículo 33, BLH; comparar os versículos 35, 37).

Uma das razões para termos preparado e distribuído gratuitamente este livro é para que as pessoas possam reconhecer estes eventos assim que começarem a se desenrolar.

***As profecias de Deus são de confiança. Ele previu o declínio e a queda de muitas nações por causa de seus pecados—inclusive muitas das principais nações e dos povos da atualidade. E você? Você vai estar entre eles?***

Quase no fim do livro de Daniel está o aviso de que o período que antecede a volta de Cristo será “um tempo de angústia *como nunca houve desde o início das nações até então*” (Daniel 12:1, NVI). O mundo inteiro vai ser atingido por desastres sem precedentes, um após o outro.

Veja como Jesus Cristo mesmo descreve o tempo que conduz à Sua volta: “Porque *nesse tempo haverá grande tribulação, como desde o princípio do mundo até agora não tem havido e nem haverá jamais*. Não tivessem aqueles dias sido abreviados, *ninguém seria salvo*; mas, por causa dos escolhidos, tais dias serão abreviados” (Mateus 24:21-22, ARA). Essa época será tão perigosa, Ele adverte, que a *humanidade estará em perigo de extinção*. Considerando a impressionante exatidão das profecias da Bíblia, *isto seguramente deveria chamar nossa atenção*.

As profecias de Deus são de confiança. Ele previu o declínio e a queda de muitas nações por causa de seus pecados—inclusive muitas das principais nações e dos povos da atualidade. E você? Você vai estar entre eles?

Repare também no aviso de Cristo sobre a boa nova de que,

“*por causa dos escolhidos*”, a destruição total não acontecerá. Estes são os poucos que realmente *acreditam* em Deus e têm fé, coragem e vontade de *agir* com base nessa crença. Eles estão realmente dispostos a *se arrepender*—mudar suas vidas, entregar-se a Deus, desistir de tudo, se necessário, submeter-se humildemente e seguir um Deus que prometeu-lhes *tudo* em troca.

Nesse extraordinário livro da profecia bíblica Ele assegura-lhes: “Quem vencer *herdará todas as coisas*, e eu serei seu Deus, e ele será meu filho” (Apocalipse 21:7). Que promessa amorosa do Criador de todas as coisas!

O mesmo livro se encerra com um vislumbre do incrível futuro que Deus tem guardado para todos os que estejam dispostos a fazer essa escolha—um futuro que inclui viver eternamente com Ele e Seu Filho, Jesus Cristo, como parte de Sua família imortal no Reino de Deus. Ele quer que você faça parte desse maravilhoso futuro!

Também não devemos esquecer da promessa de Deus de proteger Seu povo durante este tempo intenso de turbulência global e catástrofes. Em Apocalipse 3:10 Ele nos assegura: “Como guardaste a palavra da minha paciência, também eu te guardarei da hora da tentação que há de vir sobre todo o mundo, para tentar os que habitam na terra”. Deus que sabe o que diz. E quem são aqueles a quem Ele considera Seu povo? Apocalipse 12:14-17 identifica-os como aqueles que fielmente “guardam os mandamentos de Deus e têm o testemunho de Jesus Cristo”.

Se você acredita que Deus realmente existe e prenuncia o futuro em Sua Palavra—fatos claramente comprovados neste livro para aqueles dispostos a aceitá-los—você estaria disposto a ajustar sua vida de acordo com a Palavra revelada? Você, como Jesus Cristo disse em Lucas 4:4, está disposto a viver “de toda palavra de Deus”?

Se você quiser saber o significado do verdadeiro arrependimento, do recebimento do Espírito de Deus e como guardar Seus mandamentos, peça ou baixe nossos livros gratuitos *Qual é o Seu Destino?*, *Transformando A Sua Vida: O Processo de Conversão* e *Os Dez Mandamentos*. Também pode solicitar ou



baixar nossos outros livros sobre a profecia bíblica—*O Evangelho do Reino de Deus*, *Estamos vivendo no Tempo do Fim?*, *O Livro de Apocalipse Revelado*, *Você Pode Entender a Profecia Bíblica* e *Os Estados Unidos e a Grã-Bretanha na Profecia Bíblica*—para entender melhor o que Deus revela sobre o futuro e Seu Reino iminente.

Ademais, procure ler cada edição da revista *Boa Nova* para entender as notícias do mundo à luz da profecia bíblica. Também solicite o nosso *Curso de Estudo Bíblico* gratuito, com lições mensais que o levará aos principais temas e ensinamentos da Bíblia.

As tensões continuam aumentando no Oriente Médio, e é só uma questão de tempo antes destes acontecimentos, há muito tempo profetizados, venham à tona para chocar o mundo inteiro. Mas você pode encontrar segurança e esperança neste perigoso e preocupante tempo—se você estiver disposto a não apenas acreditar, mas *atuar* com relação a essa crença.

Como Isaías 55:6-7 aconselha: “Buscai ao SENHOR enquanto se pode achar, invocai-o enquanto está perto. Deixe o ímpio o seu caminho, e o homem maligno, os seus pensamentos e se converta ao SENHOR, que se compadecerá dele; torne para o nosso Deus, porque grandioso é em perdoar”.



## Existe alguma maneira de saber o que está por vir? Onde devemos procurar as respostas? Como é que os eventos futuros afetarão as nossas famílias e os nossos entes queridos?

Ataques de terroristas que chocam o mundo inteiro fazem-nos entender o facto que, o que acontece no Oriente Médio, afeta a todos nós, seja onde for que vivemos. Você precisa entender o que está profetizado para acontecer ainda no Oriente Médio. Se você reconhece ou não, se você compreende ou não, os eventos afetarão a vida de todas as pessoas na terra.

Os esforços humanos em predizer o futuro são particularmente imprecisos. Muitos videntes e profetas têm estado errados frequentemente. Mas há uma maneira certa de saber o futuro. O futuro está escrito com antecedência nas páginas da Bíblia!

O livro de Apocalipse, é para muitas pessoas um livro muito confuso. Aham os seus simbolos e imagens estranhas misteriosas. Mas é um livro para nos revelar “coisas que brevemente devem acontecer”.

**Para mais informações, faça o download ou solicite a sua cópia gratuita de “O Livro de Apocalipse Revelado”.**



# ENDEREÇOS POSTAIS

## **Estados Unidos da América:**

(Pode pedir em Português, Espanhol ou Inglês)

Igreja de Deus Unida  
P O Box 541027  
Cincinnati, OH, 45254-1027  
Telefone: +1 (513) 576 9796

## **Inglaterra:**

United Church of God  
P O Box 705  
Watford,  
Herts WD19 6FZ  
Telefone: +44 (0)20-8386-8467

## **Brasil:**

Igreja de Deus Unida  
Caixa Postal 7  
Montes Claros – MG  
CEP 39400-970  
Telefone: +1 (513) 576 9796

## **Internet:**

[www.revistaboanova.org](http://www.revistaboanova.org)  
[www.gnmagazine.org](http://www.gnmagazine.org)  
[www.beyondtoday.tv](http://www.beyondtoday.tv)  
[www.ucg.org](http://www.ucg.org)  
e-mail: [info@ucg.org](mailto:info@ucg.org)

**Autor:** Melvin Rhodes

**Contributing writers:** Scott Ashley, Jerold Aust, Noel Hornor,  
Tom Robinson, John Ross Schroeder

**Revisores editoriais:** Wilbur Berg, Robert Dick, Roger Foster,  
Paul Kieffer, Burk McNair, Darris McNeely, Mario Seigle

**Design:** Shaun Venish

**Tradutor:** Giovane Macedo

**Revisor da tradução:** Jorge Manuel de Campos

## Se deseja saber mais....

**Quem somos:** Esta literatura é distribuída gratuitamente pela Igreja de Deus Unida, uma Associação Internacional, que tem ministros e congregações em muitas partes do mundo.

Nós encontramos as nossas raízes na Igreja que Jesus fundou, no início do primeiro século. Seguimos os mesmos ensinamentos, doutrinas e práticas que então foram estabelecidas. A nossa incumbência é a de proclamar o evangelho do vindouro Reino de Deus por todo o mundo, como uma testemunha, e de ensinar todas as nações a observar o que Cristo ordenou (Mateus 24:14; 28:19-20).

**Gratuito:** Jesus Cristo disse: “de graça recebestes, de graça dai” (Mateus 10:8). A Igreja de Deus Unida oferece esta e outras publicações gratuitamente, como um serviço educacional no interesse público. Nós o convidamos a pedir a sua subscrição gratuita da revista A Boa Nova e a inscrever-se no nosso Curso de Ensino Bíblico, de 12 lições, também livre de custos.

Estamos agradecidos pelos generosos dízimos e ofertas dos membros da Igreja, e doutros colaboradores, que voluntariamente contribuem para o suporte desta obra. Não solicitamos fundos do público em geral. No entanto, aceitamos de bom grado contribuições em ajuda a compartilharmos esta mensagem de esperança com outros. Todas as receitas são auditadas por uma firma independente de auditoria.

**Informação adicional:** Nem todas as publicações mencionadas neste livro estão correntemente disponíveis na língua Portuguesa, mas estamos empenhados num projecto em as traduzir para o Português. Visite o nosso “Web site” **www.revistaboanova.org** para ter conhecimento das publicações correntemente disponíveis em Português, ou para pedir ou “descarregar” qualquer das nossas publicações, incluindo edições da revista A Boa Nova, livros e outras. Também pode visitar o nosso portal **www.gnmagazine.org** para uma lista completa das nossas publicações em Inglês, ou o portal **www.beyondtoday.tv** para programas de televisão educacionais em Inglês. Se desejar corresponder connosco em Português, por favor envie-nos um e-mail para **info@ucg.org** ou escreva-nos para um dos endereços atrás em lista.